

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**Corpos Jovens como superfície de inscrição de textos culturais:
recados para a educação escolar**

Graciema de Fátima da Rosa

Porto Alegre
2004

Graciema de Fátima da Rosa

**Corpos Jovens como superfície de inscrição de textos culturais:
recados para a educação escolar**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Jane Felipe

Porto Alegre
2004

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO

R788c Rosa, Graciema de Fátima da

Corpos jovens como superfície de inscrição de textos culturais : recados para a educação escolar / Graciema de Fátima da Rosa. Porto Alegre : UFRGS, 2004.

f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2004. Neckel, Jane Felipe, orient.

1. Corporeidade – Juventude – Educação – Arte – Gênero. 2. Análise do discurso – Corpo – Juventude. 3. Foucault, Michel. I. Neckel, Jane Felipe, orient.

CDU –

301.161:165.42

Bibliotecária : Neliana Schirmer Antunes Menezes - CRB-10/939

“A experiência, e não a verdade, é o que dá sentido à escritura.

Digamos, com Foucault, que escrevemos para transformar
o que já sabemos e não para transmitir o já sabido.

Se alguma coisa nos anima a escrever
é a possibilidade de que esse ato de escritura,
essa experiência em palavras,
nos permita liberar-nos de certas verdades,
de modo a deixarmos de ser o que somos
para ser outra coisa,
diferentes do que vimos sendo”.

(Jorge Larrosa e Walter Kohan, 2002)

AGRADECIMENTOS

Momento de intensa inquietude esse. Uma sensação de que o tempo esgotou, de que sofri um corte, um rompimento, diante da intensidade dos sentimentos que me invadem. Deparo-me com esse momento, não menos intenso e significativo que é o de agradecer.

A gratidão e o agradecimento que aqui registro percorrem tempos e experiências, no convívio com inúmeras pessoas muitíssimo especiais para mim. Início agradecendo de modo muito carinhoso a minha orientadora, Jane Felipe, que mesmo sem nunca ter me visto, abraçou a mim e a proposta, ajudando-me na constituição das condições que me possibilitariam concretizar a Dissertação, com tudo o que isso significa de investimento e trabalho.

À Dagmar Meyer, primeira incentivadora, que apostou nos meus esforços e dedicação e me acolheu, desde o início dessa história, agradeço de coração, dizendo-lhe que “estudar por escrito” com o “lecaarrobayahoopontocom” foi um iniciativa muito prazerosa e me oportunizou crescer em vários sentidos.

Aos/às profissionais e colegas do GEERGE, sem esquecer ninguém, com quem tenho tido a alegria de conviver, sempre que possível, agradeço pela afetividade com que sempre sou recebida. À Guacira Louro, com sua amabilidade, bom humor e leveza, minha gratidão pelo carinho a mim sempre dedicado.

Agradeço a generosidade e a disponibilidade dos/as professores/as Dagmar Meyer, Luís Henrique Sacchi dos Santos e Silvana Goellner, integrantes da Banca Examinadora dessa Dissertação.

Aos/às colegas de aulas, especialmente orientandos/as de nosso grupo de pesquisa, meu abraço afetuoso e agradecido, pela valiosa ajuda nas leituras de meus escritos e contribuições tão importantes. Sinto-me em dívida com vocês pois em função dos prazos, recebi mais ajuda do que os/as ajudei. Sinto falta da Judite, minha parceira de ingresso no Mestrado, que por contingências de trabalho, nos afastamos um pouco, mas precisamos combinar um café.

Ao Alfredo Veiga-Neto, minha gratidão pelas belas aulas, dicas e atualizações sobre Foucault. À Sandra Corazza, meu abraço, por acreditar que eu deveria prosseguir insistindo em estudar Deleuze. Ao Damico, bom ouvinte, belo amigo, parceiro de discussões e alegrias, nas andanças do trabalho e dos estudos, meu abraço agradecido pelas dicas e *insights* que sempre me ajudaram nesse percurso.

À Bianca, querida amiga, de todas as horas, nem sei como agradecer de tanto que me ajudou nesse tempo todo, sempre disposta, amiga de todos/as, responsável até demais, meu abraço agradecido, com a expectativa de poder retribuir, de alguma maneira, sua amizade e no que precisar na seqüência de seus estudos.

Às várias pessoas queridas, com quem convivo pelas andanças na UFRGS, num ou noutro semestre, em variadas circunstâncias, agradeço de modo especial, com um abraço cheio de afeto, pois aqui não tenho, nesse momento, como citar todos os nomes.

Ao meu especial amigo Edegar, parceiro de correspondências, trocas e incentivos aos meus escritos, meu carinhoso abraço e minha gratidão pela companhia durante todo esse tempo.

À Ana Maria Netto Machado, pela alegria com que me recebe e aos meus escritos, incentivando-me a prosseguir nessa caminhada, um abraço amigo. Agradeço também de modo especial ao Unilasalle, onde trabalho, pelo irrestrito apoio para que eu pudesse me dedicar aos estudos e ao término dessa Dissertação. À colega Ledir Blanke, muito obrigada, pela compreensão sem limites, viabilizando a conclusão dessa pesquisa. Agradeço de modo afetuoso àquelas pessoas amigas que aqui não foram nomeadas, mas que se fizeram presentes de diferentes formas na constituição desse estudo.

E como não poderia deixar de ser, meu abraço de agradecimento, DESSE TAMANHO, à minha amada família, com quem posso contar a todo e a qualquer momento, em todas as situações. Faço uma menção especial ao meu querido pai, *in memoriam*, pela insistência e teimosia em nos mandar à escola, oportunizando-nos o ingresso no mundo das palavras, leituras e aventuras. Ainda lembro da caneta tinteiro, do mata-borrão, das tintas e outros apetrechos escolares, da época, presente dele, aos meus sete anos, como um estímulo para que eu aprendesse a escrever. Muito obrigada, carinhosamente a todos/as vocês.

RESUMO

Esta dissertação, intitulada *Corpos jovens como superfície de inscrição de textos culturais: recados para a educação escolar*, tem por objetivo produzir uma possibilidade de análise cultural, considerando os depoimentos de doze jovens estudantes, cinco alunos e sete alunas, com idades entre 13 a 18 anos, estudantes de 8ª série de uma Escola da Rede Pública de Ensino da Grande Porto Alegre. As problematizações integrantes do processo de pesquisa estão constituídas com aportes teóricos do campo dos Estudos Culturais e de Gênero, em suas aproximações aos estudos pós-estruturalistas e foucaultianos. As informações para o processo de análise cultural foram obtidas através do procedimento investigativo denominado Grupo Focal, em seis encontros sistemáticos e semanais, sendo que a transcrição das falas constituiu o *corpus* de análise da pesquisa. A categorização das informações foi composta por meio do *software QSR Nvivo 2.0*, considerado um dos interessantes e avançados recursos para categorizações em pesquisas qualitativas. Um dos principais propósitos dessa investigação foi observar os modos como jovens, por meio de seus depoimentos, se utilizavam de seus corpos “fazendo arte”, produzindo suas aparências e estilos com enfeites e indumentárias, “inscrevendo marcas” e diferenças como possíveis recursos de resistência aos rigores, vigilâncias, controles e “homogeneização” escolares. Observou-se que jovens, ao inscreverem marcas que são produzidas social e culturalmente (como *piercings*, tatuagens, pinturas variadas nos cabelos, acessórios e vestimentas inventados/as) em seus corpos, fazem um movimento de inserção em grupos com os quais há a possibilidade de estabelecerem aproximações e convivências, a fim de sentirem-se em tais grupos incluídos/as.

Palavras-chave: Corpo, Juventude, Gênero, Educação, Arte.

ABSTRACT

The present paper is intitled “Young bodies as surfaces for the inscription of cultural texts: messages to school education”. It aims at producing a cultural analysis, through the testimony of twelve eighth grade students - five males and seven females – between 13 and 18 years old, attending a public school in the city of Porto Alegre, in the state of Rio Grande do Sul, Brazil. The major concerns related to this research process are hereby constituted by the theoretical framework within Cultural Studies and Gender Studies, especially their approach to post-structuralism and Foucault's theories. The information for the analysis process was obtained through an investigative procedure denominated Focal Group, which was carried out in six systematic weekly meetings. The speech transcriptions constituted the corpus of the research analysis. The categorization of information was executed by the software QSR Nvivo 2.0, which is considered an interesting and advanced resource for categorization in qualitative research. One of the main purposes of this investigation is to observe how young people, by means of their testimonies, use their bodies to 'make art', producing their looks and style by wearing adornments and outfits, 'inscribing marks' as resources of resistance to regulations, surveillance, control and school 'homogenization'. It was observed that by inscribing on their bodies marks which are socially and culturally produced (such as piercing, tattoo, different hair color, adornments and creative outfits), young people make a move in order to be part of groups in which there is the possibility of establishing proximity and sharing life experiences, therefore having the feeling of belonging to a group.

Keywords: Body, Youth, Gender, Cultures, Education, Art.

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	101
Anexo 2 - Descrição do Planejamento dos Grupos Focais (Agendas)	102
Anexo 3 - “Mapa de Informações”	110

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	12
Reflexões em tempos contemporâneos.....	12
Anunciando o “corpo do texto”	16
PARTE I:	
1. CULTURAS, CORPOS JOVENS E GENERO NA EDUCAÇÃO	21
PARTE II:	
2. CONSTITUINDO PROCEDIMENTOS INVESTIGATIVOS	39
2.1 Alguns pontos chave sobre a técnica de Grupos Focais	44
2.2 “Aquecendo” o grupo para os encontros da pesquisa	46
2.3 Pensando as agendas para conversar com o grupo de jovens	49
2.4 Breve comentário sobre o procedimento das gravações.....	51
2.5 Quanto ao sigilo dos nomes dos/as alunos/as.....	51
2.6 Categorizando informações	53
PARTE III:	
3. UMA POSSIBILIDADE DE ANÁLISE CULTURAL	56
3.1 Algumas questões com as quais me deparei no decorrer dos trabalhos	57
3.2 Numa composição de vozes, uma possibilidade de análise cultural	60
3.2.1 Artes e estilos inscrevendo corpos.....	62
3.2.2 Estilo e Geração.....	68
3.2.3 Quem ensina a compor os estilos?.....	70
3.2.4 Cada um faz seu estilo? <i>Boyzinhos, patis, pagodeiros, roqueiros</i> ..	71

3.2.5 “Virando massa” ou de como alcançar um estilo.....	73
3.2.6 Entre abdominais, regimes e corridas: esculpindo corpos jovens...	76
3.2.7 Gênero e Sexualidade.....	78
3.2.8 Ser diferente, mas nem tanto.....	83

PARTE IV:

4. CONCLUINDO PROVISORIAMENTE.....	87
4.1 Recados da turma jovem à educação escolar.....	88
REFERÊNCIAS	96
ANEXOS	100

APRESENTAÇÃO

Reflexões em tempos contemporâneos

Em tempos de tantas violências, guerras, mortes e sofrimentos de toda ordem, mesclados, felizmente, a algumas alegrias, acontecimentos de muitos tempos humanos, inicio esta escrita, com a qual pretendo relatar a experiência de constituição de minha Dissertação de Mestrado, realizado na Linha de Pesquisa Educação e Relações de Gênero, no PPGEDU/UFRGS, sob a Orientação da professora Dr^a Jane Felipe, com a temática de corpo, gênero e juventude na educação escolarizada.

Ruídos, rumores e desordens, associados, criam um certo lugar, ambientado por materiais de estudo e um computador, compondo alguma possibilidade de pensar e de escrever, sobre uma operação difícil, com percalços e inquietudes, no processo de desconstruir certezas, calmarias e acomodações, buscando produzir, com minha contribuição, alguma diferença no entendimento e composição das práticas com jovens no cotidiano escolar.

Nesse primeiro momento, decidi começar escrevendo assim, contando com o que ficou em mim do processo, no “garimpo” que nossos pensamentos e emoções se encarregam de fazer: lembranças, marcas, impressões, rostos, vozes, corpos com seus jeitos de corpos jovens, um e outro olhar no horizonte, risos inesperados, atrasos, sono, gente esperando alguma coisa, “vamos ver qual é que é”, expectativas ... e alguns silêncios também.

Refiro-me aos restos, aos fragmentos, às parcialidades e aos momentos que para mim se fizeram mais interessantes na trajetória da pesquisa realizada com jovens estudantes, alunos e alunas de uma escola pública, com os/as quais pude interagir no decorrer da investigação, que através deste registro pretendo expor e contar.

Sabemos que é difícil e quase impossível deixar fluir o pensamento se ele já está de sobreaviso, meio atado, ou muito bem orientado sobre quais trilhas seguir ou por quais caminhos não ir. Escrever, sobretudo quando se trata de uma Dissertação, requer um tanto de aceitar se aventurar, convivendo com tempos, espaços e experiências intensos/as de ler, pensar e estudar, nas mais variadas situações e condições, sentindo, à

luz das palavras de Jorge Larrosa¹ (2003, p. 5) que “...entre ler e escrever algo (se) passa” e que nada tem de simples. Tempos em que quase tudo nos atormenta e que todo “bom arranjo” impede e precisa ser quebrado, desfeito, desmanchado, rasgado, descosturado, quando ordenações e arrumações até então validadas se partem, no inevitável quebrar-se do que nos engessa e cristaliza, descompondo-nos e dasarrumando o que estava até então sem discussão, acomodado, quieto, talvez “adaptado”.

Nesse tempo de desacomodação e revolvimentos, quando sentimos a multiplicidade e o alvoroço de forças externas e internas - e aqui o interessante é pensar a relação que se estabelece “entre” e não uma ordem seqüencial, preferencial, ou que uma seja mais importante que a outra - que são incontáveis e que se debatem, na tensão que se cria, no repuxo do corpo-pensamento, no desencaixe do estabelecido, do mesmo, do prescrito e do já sabido, produzidos nessa mescla, feito ondas, que não têm começo nem fim, produz-se outra experiência, num outro registro, na composição de novos acontecimentos, agora re-significados. Nessas rachaduras, ou brechas, tramam-se outros fios, juntam-se outros pedaços, conectam-se outros sentidos, num jogo de palavras, corpos, dizeres e *insights* até então desconhecidos ou invisibilizados, que logo também se recompõem, no movimento turbilhonar da vida, produzindo outros desenhos, outras formas e maneiras de pensar, de sentir e ler as coisas do mundo.

Chega um tempo, em que essas inúmeras forças, produzidas e posicionadas num arsenal de possibilidades, nas múltiplas interações culturais, das quais fazemos parte e com as quais interagimos, nos posicionam, feito uma dança, talvez um duelo, nessa luta tensionada do revirar-se, do transformar-se numa outra coisa, onde exterior e interior não estão mais separados e estanques. A energia que passa a circular daí, desse novo encontro, faz outros passos e compassos, criando nesse novo jogo de intensidades, o que pode ser – ou vir a ser - um outro corpo, por exemplo, um outro modo de pensar e de agir, uma nova maneira de se posicionar frente ao mundo, outros jeitos de ritmar e desfrutar da vida e das relações, outros modos de pensar o tempo dos acontecimentos, estando no meio deles, fazendo da vida, quem sabe, uma obra de arte, outra vez e outra vez.

¹ Segundo a ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas), nas referências bibliográficas, vindas no corpo do texto, devem constar apenas o sobrenome do/a autor/a, no entanto, na primeira vez que um/a autor/a aqui for citado/a, optei por incluir também o seu primeiro nome para, assim, tentar deixar claro o gênero de quem escreve.

No jogo incessante de desmanche das prescrições, dos confortos apaziguados, dos domínios e dos sossegos enganadores, do monótono e do que não tem mais cabimento, “algo se passa” e nos revira, desconforma, reinventa, com outras misturas e dobras, que nos constituem e reconstituem interminavelmente. No movimento vigoroso e frágil da criação, me associo à Larrosa, quando diz que “(...) o estudante, para estudar, precisa encontrar um lugar para se perder” (2003, p.49).

Então é de uma espécie de (im)prudência generalizada e generificada, vida afora, da qual tanto me aproximo, quanto me afasto, que venho desconstruindo, desnaturalizando e problematizando, no complexo processo de visibilização das marcas que me constituíram até aqui. Entendo como significativo considerar nesse processo, a história de meu corpo e pensamento, como uma possibilidade de proliferação e de produtividade, no que se relaciona à constituição de condições indispensáveis para pensar e escrever sobre “outros corpos” e outros pensamentos. Corpos e pensamentos que, no âmbito dessa pesquisa, dizem respeito aos corpos jovens e suas marcas no contexto da educação escolarizada.

Para tal empreendimento, faço uma incursão/passagem numa escola pública, estadual, situada na cidade de Canoas - RS, para trabalhar temporariamente com um grupo de doze jovens estudantes, cinco gurus e sete gurias² participantes de três oitavas séries, com idades de treze a dezoito anos, que se inscreveram voluntariamente, como interessados/as em fazer parte da pesquisa.

Na contemporaneidade, quando tempos e espaços se apresentam de outros modos, ou sem a nitidez de outrora, quando nos vemos meio desenraizados, aprendendo a conviver com o nomadismo e com a fluidez dos acontecimentos, em “tempos de globalização”, inscrevo minha pesquisa para trabalhar o tema do corpo, nas possíveis intersecções e articulações com gênero e juventude na educação escolarizada. Cabe destacar que entendo os corpos jovens como possíveis mensageiros, produzidos na pluralidade de culturas e práticas educativas, com as quais convivemos na atualidade. Penso e refiro-me aos corpos jovens, como se fossem páginas ampliadas de suas agendas, como espaços de conversação, com marcas, registros, adesivos, tatuagens, desenhos, pinturas, indumentária³, visibilidades, segredos ou exibicionismos. Telas

² Refiro-me a gurus e gurias considerando que na cultura rio-grandense essa é uma denominação que circula entre a população gaúcha, em diferentes tempos e espaços, incluindo a educação escolarizada.

³Indumentária, segundo o Aurélio Século XXI = Arte do vestuário.

criadoras, espaços de inventividade, letras que falam, tintas que respiram, cabelos que tramam, dançam, tendo como endereço possibilidades de relação e de comunicação com as outras pessoas. Corpos jovens comunicando e expressando desejos, pedidos e recados, “fazendo arte”, marcando singularidades, prováveis reações ao anonimato e à homogeneização que a escola, *grosso modo*, lê como transgressões disciplinares, realizando movimentos assépticos, desfazendo as “artes”, dos/as alunos/as, apagando as tintas, regulando e controlando, lavando marcas que dizem, criam e inventam. Penso nos corpos jovens como possíveis cenários, mapas, territórios de protestos e de criações. Subterfúgios e dribles, que jovens vêm praticando, demonstrados em seus variados modos de transitar e fazer-se notar, nos espaços escolares. Acessórios, adornos, decorações. Escritos, dizeres, mensagens. Ensaio de conexões, por meio dos corpos ornamentados. Redes, cujos fios, ‘trabalhados, à mão, ou à máquina’, se entrelaçam formando desenhos.

Em seus estudos e pesquisas sobre jovens, grafites e tatuagens, Célia Antonacci Ramos (2002, p.122), ajuda-me a ampliar meus pensamentos, ao escrever que:

Grafite e tatuagem são linguagens tão antigas quanto o homem e reaparecem em nosso cotidiano traduzidas e re-significadas para nossos suportes e crenças. Corpo e espaço híbridos, construídos na diversificação multicultural, contam o enredo do labirinto de crenças, mitos e desejos que se cruzam no dia-a-dia nas malhas do urbano. São veículos e vinculadores de comunicação que pertencem a uma sociedade que crê no simulacro, no fetiche e que procura na democratização da cidade e do corpo a expressão da liberdade, língua homogênea de interação.

Contatos que visam agenciamento de vida, inserções e entrelaçamento de gente. “Fiozinhos”, por vezes, que possam iniciar enredos, possibilitar convívios e alimentar histórias.

Neste registro, digo também de minha aflição, diante do compromisso de ir abrindo o mais recente rascunho do “mapa”. E ir contando sobre o que o grupo de jovens e eu conversamos, quais foram as novidades, as surpresas, o já conhecido, os sustos, os receios, os entraves, os achados, as dobras de caminho, alguns sinais – de múltiplas cores, tamanhos e diferenças.

Todas essas questões tensionam e movimentam meus pensamentos que ressoam, na complexidade do que é pensar. Pensar especialmente sobre o processo de

convivência entre os/as participantes do conjunto da escola, enfatizando aqui o que têm a ver com as práticas relacionais com jovens estudantes e seus corpos, alunos e alunas, muitos/as deles/as freqüentando a “mesma” escola, desde as séries iniciais.

Uma questão, talvez um sentimento, que gostaria de expressar, num ampliado parêntese, como parte do contexto dessa escrita, diz respeito, à tensão que se estabelece, diante dos temores que se produzem em nossos corpos e pensamentos, com relação à Defesa Pública da Dissertação, diante da Banca Examinadora, como se humanos/as, falíveis e inacabados/as não fôssemos todos/as, prováveis resquícios e “carimbos” das inúmeras vivências escolares pelas quais passamos. Lembranças, talvez, de nossos/as professores/as, por vezes transformados/as, por nossa fértil imaginação, em grandes “bichos-papões”. Felizmente a vida nos oferece algum tempo para re-significarmos essas imagens e impressões e, hoje, certamente agradecemos pela cumplicidade que assumiram conosco, incentivando-nos a prosseguir os estudos, elogiando alguma coisa bonita que escrevemos. E ainda alertando-nos incansavelmente quanto às prioridades a serem consideradas, dizendo-nos de muitas formas que o tempo passa e que precisamos valorizá-lo, tratando-nos com firmeza e ternura, ou às vezes não falando nada, por respeito ao nosso próprio tempo de entendimento das coisas.

Então é dessa “fermentação” de pensamentos e experiências que pretendo ir falando, contando, desde como foi se constituindo a decisão pela temática de pesquisa, sobre recursos e práticas através das quais obtive informações para o trabalho de análise, até algumas sugestões que gostaria de expressar, depois de ter percorrido esse caminho.

Anunciando o “corpo do texto”

As problematizações que no decorrer do processo de pesquisa venho produzindo, no diálogo com autores e autoras que têm realizado estudos sobre corpo, gênero e juventude na educação escolarizada, são constituídas com aportes teóricos do campo dos Estudos Culturais e de Gênero, em suas aproximações aos estudos pós-estruturalistas e foucaultianos e visam uma das possibilidades de análise cultural, a partir de informações obtidas nas vivências com jovens estudantes, alunos e alunas, nesse processo de investigação.

Dagmar Meyer (2002), salienta a necessidade de atenção para as características de provisoriedade e de instabilidade das categorias de análise que os Estudos Culturais e de Gênero assumem como estratégia e como recurso político nos processos investigativos.

Valendo-me desses subsídios e das experiências que obtive na convivência com o grupo, para a obtenção das informações que constituiriam o *corpus* de análise da pesquisa, lancei mão da técnica de investigação denominada de Grupo Focal. Técnica sobre a qual escreverei mais adiante, em capítulo que tratará mais detalhadamente sobre este procedimento de pesquisa.

As informações obtidas durante os encontros com o Grupo Focal, foram inicialmente agrupadas em duas amplas categorias que denominei Corpo e Educação, desdobradas, num primeiro momento, em outras, como gênero, arte, educação escolarizada e pedagogias culturais. Cabe destacar aqui que o trabalho de categorização de informações foi realizado com o auxílio do *software QSR Nvivo 2.0*, que se constitui, segundo Bianca Guizzo *et al.* “numa das mais recentes versões de programas voltados para a análise qualitativa de dados” (2003, p.54).

Ainda a respeito de acontecimentos significativos nesse movimento/trajeto, gostaria de registrar a importância do tempo entre a Defesa da Proposta e a Defesa da Dissertação e de sua indispensabilidade. Não apenas como possível organizador de nossas práticas, em termos da retomada de um cronograma de ações, mas a respeito das variadas conexões e revisões de pensamento que ocorrem, nos inúmeros tempos e experiências que nos atravessam, na releitura de um conjunto de procedimentos e atitudes profissionais. Desde a atenta consideração aos apontamentos da Banca Examinadora da Proposta, aos procedimentos gerais que vão nos tornando pesquisadores e pesquisadoras, nas dobras diárias, no bate e rebate, em tudo o que vai sucedendo e nos reconfigurando, sobre como vamos aprendendo nas passagens e convívios acadêmicos, no processo de tomada de informações para a análise, nas amizades e trocas, nas “fichas que vão caindo”, ou *insights*, se preferirmos, tudo favorecendo a amplitude e a abrangência de nossas condições de pensar e de retomar nossos desejos e endereçamentos de pesquisa.

Nesta apresentação também faço referência ao “corpo do texto”, num breve anúncio do que no transcorrer dos acontecimentos da pesquisa, pude pensar e escrever, fazendo, a título de uma certa organização ao/à leitor/a, alguns blocos, ou capítulos,

materializando e configurando, de algum modo, o percurso da pesquisa, seus tempos, espaços e práticas.

Numa possível associação com corpos jovens, com seus movimentos, enfeites, sutilezas e visibilidades, entre outras “marcas” ou “sinais” que os caracterizam, por algum tempo, faço uma tentativa de contar um pouco do que pude observar, pensar, propor, escutar e também dizer, nos encontros com o grupo de jovens, no período em que me envolvi mais diretamente com a escola e com os/as alunos/as. Faço isso através do relato de uma breve mas intensa história, vivida no espaço de uma, entre centenas de escolas públicas, na pluralidade de eventos que acontecem no conjunto de dias de um ano escolar.

A idéia principal é apresentar uma possibilidade de análise cultural que pude realizar, através de alguns trechos e excertos que considere mais interessantes e produtivos aos fins dessa pesquisa. Obviamente não se trata de dar conta da totalidade de informações obtidas, nem de computar quantidades, mas de poder refletir e, a partir de alguns analisadores, considerar questões propícias, oportunas e “boas para pensar”, que contribuam e façam, quem sabe, algum bom enredo, com os objetivos desta dissertação. Na diagramação do texto, entendi como interessante apresentá-lo em quatro partes, articuladas ao contexto mais amplo da dissertação.

Na Parte I, em **Culturas, corpos jovens e gênero na educação**, faço um breve apanhado teórico, valendo-me de conhecimentos de autores e autoras com quem venho aprendendo nessa interessante jornada de estudos pós-estruturalistas. Realizo tal apanhado a fim de discutir e de destacar algumas noções e questões com as quais, em nossa atualidade, temos nos deparado, diante da complexidade evidente, ao tratar de temas contemporâneos, realçando aqui os que se remetem aos estudos sobre culturas, corpos jovens e gênero na educação. Procurando ainda, mediante conhecimentos e idéias, subsídios para estabelecer possíveis articulações, conexões e interrogações, em meio às oscilações e possíveis turbulências nos arredores de 2004.

Na Parte II, nomeada de **Constituindo procedimentos investigativos**, prossigo com o relato das reflexões e experiências que obtive no processo da pesquisa e situo o/a leitor/a, quanto aos procedimentos e práticas que se fizeram presentes, por meio dos/as quais pude operacionalizar a investigação. Descrevo meus contatos iniciais com a escola, com vistas a organizar as condições necessárias para a composição do grupo de estudantes com quem eu trabalharia na pesquisa. Menciono os contatos com a direção,

as combinações quanto ao meu ingresso nas três turmas de oitavas séries, o convite aos alunos e às alunas e os demais passos que se fizeram necessários para a coleta de informações.

Também disponibilizo alguns apontamentos básicos, a respeito do procedimento de investigação escolhido para a pesquisa, no tópico que intitulei *Alguns pontos chave sobre a técnica de Grupos Focais*. Em “*Aquecendo*” o grupo para os encontros da pesquisa, faço um breve relato da constituição desses encontros preparatórios e sobre o quanto foram necessários, articuladores e estratégicos, para a organização do grupo que participaria efetivamente dos encontros no Grupo Focal.

Tendo em vista que a técnica de Grupos Focais supõe a organização prévia de uma agenda, contendo os temas a serem trabalhados e desdobrados no decorrer dos encontros, torna-se indispensável apresentar o que denominei de *Pensando as agendas para conversar com o grupo de jovens*. Espaço em que registro a proposta feita em cada reunião, os assuntos que puderam ser trabalhados com o grupo, retomando os encontros anteriores e fazendo, dentro do possível, um encaminhamento para o seguinte.

Em *Categorizando informações* apresento o processamento das informações e os subconjuntos ou subgrupos de categorias que fui organizando, inicialmente através do programa *QSR Nvivo 2.0*, mas não somente, de modo a tornar visíveis as contribuições do grupo e com elas poder trabalhar no processo de análise.

A Parte III, denominada **Uma possibilidade de análise cultural** é composta dos seguintes tópicos: *Algumas questões com as quais me deparei no decorrer dos trabalhos* e *Repassando as agendas trabalhadas*. Além disso, no tópico que denomino de *Numa composição de vozes, uma possibilidade de análise cultural* realizo possíveis análises culturais da pesquisa, trabalhando a partir de alguns depoimentos dos jovens e das jovens participantes proferidos no transcorrer dos encontros.

Contando com diversas vozes, tanto com alguns depoimentos dos/as jovens, quanto com contribuições de teóricos/as e analistas culturais, acrescidas/os de minhas palavras construo um outro texto, constituindo possíveis formulações produzidas nesse pensamento coletivo. Nessa experiência de análise escrevo sobre temas decorrentes e também constituintes, que subsidiam meu entendimento, oferecendo-me recursos para uma possível problematização do trabalho em seu conjunto, não me referindo a qualquer idéia de completude, mas à produtividade que podem ter algumas articulações

e intersecções, na aproximação, relação e conexão de algumas de suas partes e fragmentos.

Na Parte IV, intitulada **Concluindo Provisoriamente**, tento esboçar alguns possíveis *Recados da turma jovem à educação escolar*, do que pude escutar e também depreender, no garimpo de algumas “preciosidades emitidas pelo grupo de jovens”. Prosseguindo minhas reflexões, conto de meus sentimentos e do aproveitamento a que tive acesso, no conjunto de ocasiões, momentos e experiências que constituíram meu percurso nesse Programa de Pós-Graduação.

PARTE I
CULTURAS, CORPOS JOVENS E
GÊNERO NA EDUCAÇÃO

Neste espaço de escrita, a idéia é discutir sobre os temas que compõem o contexto da pesquisa, valendo-me dos escritos de autores e de autoras que há mais tempo vêm estudando e problematizando a respeito.

Minha proposta inicial seria a de tramar esses escritos no processo de análise cultural propriamente dito, com as falas dos/as jovens, acrescidas das minhas, constituindo uma “triangulação”, um “trançado”, ou algo parecido. Mas entendi que talvez fosse interessante iniciar esse trajeto, já estando acompanhada, trazendo ao texto, neste momento, os dizeres de pesquisadores/as que me antecederam, dada sua experiência com os aportes teóricos do campo dos Estudos Culturais e de Gênero, em suas aproximações aos estudos pós-estruturalistas e foucaultianos.

Caminhar acompanhada, nessas situações, certamente pode tornar-se mais prazeroso e confiável, do que andar sozinha. Prossigo então pensando, caminhando e conversando com outras gentes - pesquisadores e pesquisadoras - visando subsidiar teoricamente, uma das possibilidades de análise cultural, a partir de informações obtidas nos encontros com jovens estudantes, reunidos no Grupo Focal.

Segundo Meyer (2002, p. 377),

Tais campos de estudo compartilham de algumas características importantes: as investigações que neles se desenvolvem têm sido, quase sempre, dirigidas pelas demandas sociais e políticas do contexto histórico em que estão inseridas e, nos últimos anos, teorizaram basicamente em resposta a condições sociais e políticos *concretos*. São, nessa perspectiva, estudos engajados, os quais, mais do que buscar a *verdade*, preocupam-se com a produção de conhecimentos para compreender o mundo cotidiano e as relações de poder que o constituem e atravessam.

Também é interessante considerar o que nos aponta Ana Maria Rodrigues (2002 apud CORAZZA, 2001) a respeito de que os estudos na perspectiva pós-estruturalista não inauguram um novo ou melhor modo de fazer pesquisa porque outros métodos estariam superados. Mas que esses estudos visam mais a invenção do que a comprovação do sistematizado ou do já sabido.

Tomaz Tadeu da Silva (2001, p. 14) auxilia-me nesse processo de entendimento ao referir que:

A perspectiva pós-estruturalista amplia, por um lado, as abordagens sociológicas (...) centradas numa visão da cultura como campo de conflito e de luta, mas, por outro, modifica-as, ao deslocar a ênfase de uma avaliação epistemológica (falso/verdadeiro), baseada na posição estrutural do ator social, para os efeitos de verdade inerentes às práticas discursivas. A cultura, nessa visão, é um campo de luta em torno da construção e da imposição de significados sobre o mundo social.

Na articulação da perspectiva pós-estruturalista aos Estudos Culturais, é oportuno considerar, as palavras de Alfredo Veiga-Neto, (2000, p. 39) ao mencionar:

Os Estudos Culturais dividem-se em duas amplas tendências: uma está mais voltada à etnografia – principalmente no que concerne ao estudo de populações urbanas e dos chamados grupos minoritários – a outra, às análises textuais – envolvidas mais com o estudo da comunicação de massas e da literatura produzida por e para as classes populares.

Nessa rede de pensamentos, ou nessa perspectiva, Stuart Hall (1997, p. 35), discutindo a centralidade da cultura, escreve:

É através do sistema educacional, do arcabouço legal, do processo parlamentar ou dos procedimentos administrativos que o Estado ‘governa’ a cultura (...). No cerne desta questão está a relação entre *cultura e poder*. Quanto mais importante, - ‘mais central’ – se torna a cultura, tanto mais significativas são as forças que a governam, moldam e regulam. Seja o que for que tenha a capacidade de influenciar a configuração geral da cultura, de controlar ou determinar o modo como funcionam as instituições culturais ou de regular as práticas culturais, isso exerce um tipo de poder explícito sobre a vida cultural.

Cito os dizeres desses/as autores/as, na direção de ir situando a escola, ou, de modo mais amplo, a educação escolarizada, entrelaçada no contexto cultural, no qual se insere e também do qual participa com suas ações, compreendendo que esse cenário é o espaço-lugar onde acontecem os contatos e as práticas cotidianas com os/as jovens estudantes com os quais trabalhei no decorrer da pesquisa.

Reavendo os dizeres de Silva (2001, p. 14-26) o que fica ressaltado na cultura, é sua produtividade, sua capacidade de trabalhar os materiais recebidos, numa atividade constante, por um lado, de desmontagem e de desconstrução e, por outro, de

remontagem e de reconstrução. Nessa direção, o trabalho de produção da cultura se dá num contexto de relações sociais, num contexto de relações de negociação, de conflito e de poder. Entendo como possível e oportuno considerar as palavras desse autor, no que diz respeito à concepção de cultura, pensando-as e relacionando-as à pesquisa com jovens que realizei. Compartilho de sua visão, ao referir que a cultura pode ser compreendida, entre outros aspectos, como: uma prática de significação; uma prática produtiva; uma relação social; uma relação de poder e uma prática que produz identidades sociais.

Uma prática de significação: No que podemos associar às práticas jovens, significando em seus corpos, seus dizeres e recados, produzindo sentidos nas relações que visam estabelecer nos espaços por onde circulam, dentre eles, os da educação escolar.

Uma prática produtiva: Os/as jovens produzem seus corpos, sendo também produzidos nos trâmites culturais diversos, na interatividade que se cria, inventando outros significados, no movimento constante e indeterminado das práticas de significação.

Uma relação social: Na escola, na circulação microfísica dos contatos e de poderes, nas relações entre o conjunto de sujeitos que por lá comparece e circula, apresentando diferenciados efeitos, vão se instituindo as possibilidades, estas ou aquelas, com relação ao que poderá ser considerado válido, legítimo, aceito, mais ou menos valorizado, mais ou menos incluído, socialmente falando.

Uma relação de poder: O que pode nos fazer pensar, relacionando aos jovens e seus corpos, particularmente na educação escolarizada, sobre a conflitualidade presente no processo, nas práticas e lutas nas vivências escolares, onde marcam, com seus corpos e estilos, espaços disputados, segundo diferentes necessidades na luta por outras possibilidades, por outras condições e espaços de circulação, por reconhecimento. A inter-relação cultural, entre os circulantes na educação escolarizada, entre docentes, estudantes e demais sujeitos, focalizando jovens e seus corpos, entremeada de relações e conflitos de poder, constitui o cenário desses acontecimentos.

Uma prática que produz identidades sociais: As identidades, referindo-me aos jovens alunos e às alunas, vão sendo constituídas na seara conflitiva das relações, no vai e vem dos dias, das práticas, das relações de poder e de prestígio que vão estabelecendo

validades, territórios, possibilidades, continuidades e descontinuidades, inclusões e exclusões.

Numa perspectiva “pós”, que contempla pluralidades e nas palavras de Silva (2001) quanto à concepção de cultura, ficam evidentes possibilidades de associação ao tema desta pesquisa. No tocante a considerar os corpos jovens como espaço/possibilidade de inscrição de textos culturais, produzidos nesse entrelaçamento de práticas, as quais posicionam de um ou de outro modo os sujeitos, nas constantes tensões que se estabelecem entre as variadas posições-de-sujeito, na luta por sentidos e significados, presentes, entre outros, nos espaços escolares.

Acredito ser possível perceber, nas práticas discursivas, ou na superfície de suas falas e de seus corpos, as marcas e inscrições sociais. Dentre outras, as de gênero, produzidas nas inúmeras interações, também na educação escolarizada, num ‘contexto de relações de negociação, de conflito e de poder (SILVA, 2001).

Discutindo a temática, Cultura, culturas e educação, Veiga-Neto (2003, p. 5-6), enfatiza que na atualidade

(...) assiste-se a um crescente interesse pelas questões culturais, seja nas esferas acadêmicas, seja nas esferas políticas ou da vida cotidiana. Em qualquer caso, parece crescer a centralidade da cultura para pensar o mundo. Mas tal centralidade não significa necessariamente tomar a cultura como uma instância epistemologicamente superior às demais instâncias sociais, como a política, a econômica, a educacional: significa, sim, tomá-la como atravessando tudo aquilo que é do social.

Estendendo a temática à categoria de gênero, participante dessa construção social e cultural, lanço mão das palavras de Meyer (2003, p. 15-16), que ao trabalhar o conceito, em seus desdobramentos teóricos e políticos, assinala que (...): “o feminismo pós-estruturalista, (...) privilegia a discussão de gênero a partir de (...) abordagens que enfocam a centralidade da linguagem como *locus* de produção das relações que a cultura estabelece entre corpo, sujeito, conhecimento e poder”.

Compreendo como interessante também considerar nessas formulações e relações entre cultura e educação, as discussões de Veiga-Neto (2003, p. 6) ao referir sobre os deslocamentos atuais pelos quais passa o conceito de cultura, (...) diante dos

avanços de uma epistemologia multicultural. O autor em questão refere estar utilizando a expressão *epistemologia multicultural* no sentido dado por Andrea Semprini (1999), ou seja, todo o conjunto teórico que dá a base conceitual e fornece a legitimação intelectual para o movimento multiculturalista e que se apóia no entendimento de que a realidade é uma construção, as interpretações são subjetivas, os valores são relativos e o conhecimento é um fato político e, portanto, sempre público. Dadas essas bases em que se assenta, a epistemologia multicultural não se constitui, de maneira alguma, num *corpus* único ou homogêneo; por isso, alguns preferem usar essa expressão no plural: *epistemologias multiculturais*. São dificuldades que se colocam justamente quando, em vez de escrever *cultura e educação*, passamos a escrever *culturas e educação*⁴.

Resgatando a questão do gênero em suas possíveis articulações com a educação escolarizada, no âmbito das *culturas*, Guacira Louro (2002, p. 232) salienta que:

(...) as identidades de gênero e sexuais não são ‘dadas’, mas construídas (...) e que na ótica pós-estruturalista, acentua-se o caráter discursivo dessa construção. Prossegue referindo (...) “que as políticas e os saberes legitimados, as práticas escolares e sociais, a organização e distribuição do espaço, as mais variadas pedagogias culturais em circulação veiculam e produzem representações sobre os grupos sociais e, assim, inscrevem e reinscrevem, continuamente, as marcas das diferenças – sexuais, de gênero e outras. [Então] torna-se indispensável (...) pensar sobre o processo de inscrição dessas marcas – entendendo que elas não preexistem nos corpos dos indivíduos para serem reconhecidas e valoradas, mas (...) que somente se tornam *marcas* mediante processos discursivos e culturais.

A propósito das *marcas*, ou *inscrições*, associadas aos corpos jovens, as construções discursivas⁵ presentes nos movimentos diários da escola, vão fazendo, visível ou invisivelmente, a manutenção de algumas práticas e inviabilizando outras, segundo interesses constituídos no entrelaçamento das relações de poder, que se estabelecem entre os sujeitos que ali comparecem e convivem.

Culturas, corpos jovens, relações de poder, gênero, arte, produções e efeitos na educação escolarizada. Como pensar essas inúmeras questões que aí se colocam? Esse

⁴ Para maiores detalhamentos a respeito desse tema, ver, por exemplo, o artigo de Veiga-Neto (2003) intitulado “Cultura, culturas e educação”.

⁵ Discurso, na acepção foucaultiana refere-se ao que emerge enquanto linguagem, a partir de uma *episteme*; como conjunto de enunciados que se apoiam em formações discursivas, que são definidos em um determinado quadro de condições de existência; como práticas que falam sistematicamente dos objetos sobre os quais tratam ou agem, como “prática que institui verdades”.

tem sido o desafio sobre o qual tenho me debruçado, tentando possíveis entendimentos dessas produções, assim como possibilidades de pensar, com e a partir dos encontros com o grupo de jovens, outras experiências e práticas possíveis de desencadear na escola – sem prescrições obviamente – nas relações diárias, ocasionando invenções, *insights* novos, outras alternativas de ser e de estar no mundo, outros modos de convívio diário nas salas de aula, entre outras questões que nesse trânsito poderão ser pensadas. Como pensar outros modos de convívio, outras formas de vida, ou uma nova estilística da existência, valendo-me das considerações de Joel Birman (1996), tomando nossas diferenças como potencialidades, nossos olhares como tendo “um ermo enorme dentro do olho”, feito a poesia de Manoel de Barros (2003), na tentativa de fazer da vida uma obra de arte, como notavelmente nos alertou Foucault⁶?

Essa, dentre outras, torna-se uma das questões relevantes a serem problematizadas na educação escolarizada, com professores e professoras, alunos e alunas. Questão que perspassa o entendimento e o questionamento dos diversos dispositivos pedagógicos que transitam e interpelam, visível ou invisivelmente, em nossa atualidade, criando-nos necessidades e colocando-nos - sem que estejamos neutros nesse processo, mas posicionados/as de algum modo, como intelectuais, estudantes, pesquisadores/as, enfim – em diferentes posições e lugares, mais ou menos prestigiados socialmente.

Trabalhar com nossos/as jovens, por exemplo, forjando os seus e os nossos pensamentos, no intuito de desconstituir “verdades”, praticamente impostas pelo mercado, “chamando-nos” constantemente em direção ao consumo, faz-se outra significativa questão. Especialmente na educação escolarizada, considerando que alunos e alunas, professores e professoras, freqüentam o ambiente escolar sistematicamente, influenciando-se e convivendo, diariamente, durante expressivas horas de suas vidas.

Retomando a educação escolarizada, suas contingências e vicissitudes, na trama global e local de suas práticas pedagógicas, incluindo aí as inúmeras modalidades e alternativas de ensinar e de aprender que vão se constituindo nas circulações diárias entre seus/suas freqüentadores/as, penso que as palavras de Paul Veyne (1982) ressoam, no que diz respeito à responsabilidade que todos e todas temos na produção das

⁶ Tomo como referência o texto “A vida como obra de arte”, escrito por Deleuze, sobre Michel Foucault, em “Conversações”, edição de 1998.

diferentes posições-de-sujeito que nessa trama vão se estabelecendo. Na circularidade dos discursos, enunciados, enunciações e práticas - não assim divididos ou separados, pois não há uma nítida separação nesses componentes, mas aproximações, intersecções – presentes no ambiente escolar , podem, nas mais diversas interações, ir fazendo a manutenção ou perpetuando, “naturalizando”, por assim dizer, práticas que já não dão conta da complexidade de nosso mundo contemporâneo, ou de nossa emergência histórica.

A educação escolarizada, posicionada no cenário de nossos dias, produz e é produzida no âmbito *das culturas*, - na imbricação de suas práticas - modos de convívio, de relações, articulando e desarticulando questões e ações, provocando efeitos os mais variados. O que poderá dificultar ou facilitar, provavelmente, as relações, o aprendizado, a convivência, a construção de histórias, vínculos, amizades, enfim.

Trabalhar, pensar e pesquisar sobre a temática da juventude, articulada ao campo dos Estudos Culturais e de Gênero, relacionando questões, numa perspectiva pós-estruturalista, acena para inúmeras possibilidades de pensar os corpos jovens como produzidos nas e pelas instâncias culturais, dentre elas as “escolas nossas de cada dia”, com suas variadas tentativas de controle, regulação e captura dos corpos.

Entendo como possível trazer novamente, dada sua importância quanto aos estudos de gênero, as palavras de Louro (2002, p. 233) ao referir:

Interessa, pois, a educadoras e educadores pós-críticos analisar como as identidades – de gênero, sexuais e outras – são representadas, como lhes são atribuídos significados sociais, ordenamentos, hierarquias e diferenciações; como são indicadas a meninos e meninas, jovens e adultos as posições-de-sujeito legítimas, adequadas, sadias, normais e aquelas que devem ser rejeitadas e negadas. Interessa a educadoras e educadores pós-críticos analisar a linguagem como produtora de identidades, a linguagem que inclui ou exclui, que aprova ou que marginaliza sujeitos; analisar as representações sociais que circulam a respeito das mulheres e dos homens, dos sujeitos homossexuais ou heterossexuais, dos negros, negras, dos brancos e dos índios e, muito especialmente, observar que grupos sociais exercitam o direito de representar os outros, além de representar a si próprios.

O posicionamento da autora acima citada, me possibilita articular, de alguma forma, o que nos diz, no trabalho de pesquisa com jovens, o pesquisador brasileiro, João Pedro Schmidt (2001) quando faz referência à Organização Internacional da

Juventude/UNESCO na adoção das idades de 14-25 anos, sendo o período inicial, dos 14 aos 18 anos, denominado de adolescência. No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº, de 13 de julho de 1990), considera no seu artigo 2º, como adolescente a pessoa entre 12 e 18 anos de idade. Ele acentua que os conceitos de juventude e adolescência, indicam fenômenos históricos e sociais (não existem do mesmo modo em todas as épocas históricas e em todos os meios de uma determinada sociedade), com diversidades internas (os segmentos juvenis de uma mesma geração podem ser, em algumas dimensões, tão diferentes entre si quanto de uma geração para outra), mas cujos componentes compartilham elementos culturais e atitudinais comuns, próprios da sua geração.

Entendo como relevante considerar os dizeres de Schmidt (2001), ao referir sobre os conceitos de juventude e de adolescência, quando cita que “o pressuposto fundamental da discussão é que a idade é um fenômeno social e não apenas biológico, o que associei, à categoria de gênero, enquanto uma categoria social construída nos trâmites sociais e culturais e não apenas no campo da biologia. Cabe ressaltar que segundo esse pesquisador, “o termo *juventude* é polissêmico, mas três adjetivações principais estão a eles associadas: 1) um período etário, situado entre a infância e a juventude; 2) um certo estado de espírito; 3) um estilo de vida” (SCHMIDT, 2001, p. 184). Aos fins de minha pesquisa, utilizei a denominação adolescentes e/ou jovens, praticamente como sinônimos, sendo que o grupo esteve constituído de integrantes com faixa etária entre 13 e 18 anos.

Rossana Reguillo (2003), em seus estudos sobre *culturas juvenis* destaca, em um de seus questionamentos, sobre a importância de considerarmos a diversidade de grupos e de culturas que podem ser incluídas na abrangente categoria “jovens”. No entanto, deve-se não perder de vista as características de mobilidade, transitoriedade e ambigüidade, presentes num contínuo processo de extinção e/ou enfraquecimento de fronteiras que caracteriza espaços e tempos de nossa atualidade, incluindo os corpos. Isto nos faz pensar, dentre outros aspectos, quanto à necessidade de considerarmos as práticas discursivas que vêm produzindo saberes e dizeres sobre jovens, na produção de *culturas juvenis*, respeitadas as diferenças e especificidades que as constituem. A juventude, para essa autora é uma categoria construída culturalmente, não se trata de uma “essência” e a mutabilidade dos critérios que fixam os limites e os comportamentos do juvenil, está necessariamente vinculada aos contextos sócio-históricos, produto de

relações de poder em uma determinada sociedade. Ela aponta também para o equívoco de pensarmos nesse grupo social como um contínuo temporal e ahistórico (REGUILLO, 2003).

Maria Luiza Heilborn (2002), em seus escritos associados aos estudos de gênero, sexualidade e corpo - no contexto da sociedade brasileira - buscando responder à permanente pergunta sobre o que nos faz singulares, abre para possíveis articulações com os pensamentos de Reguilo (2003), no que se refere à importância das diferentes culturas juvenis – (e aqui podemos acrescentar nas diferentes regiões e escolas brasileiras) - na produção de diferentes modos de entendimento, leituras e práticas pedagógicas com os corpos jovens. Ela também nos possibilita considerar as inúmeras maneiras através das quais os/as jovens se utilizam de seus corpos, no convívio com incertezas, instabilidades e efemeridades, reconfigurando-os, “fazendo arte”, inscrevendo marcas corporais constituídas no entrelaçamento da discursividade cultural contemporânea, nos mais diversos modos, no “corpo-pergaminho”, compondo inscrições na superfície da pele, “eternizando-se temporariamente”, nas ondulações e fugacidade dos tempos e dos espaços de nossa atualidade.

Jane Felipe (2003, p. 54-55), pesquisando a respeito do “corpo como objeto de consumo”, me auxilia a pensar questões dos corpos jovens, na atualidade, ao escrever:

Ao longo da história e nas mais diferentes culturas, o corpo tem sido pensado, construído, investido, produzido de diversas formas. Vários campos do conhecimento têm tomado para si, através de seus *experts*, a tarefa de falar sobre ele, descrevê-lo, conceituá-lo, atribuir-lhe sentido, ditar regras de modo a normaliza-lo. Por outro lado, não podemos deixar de considerar que o corpo tem sido dividido e demarcado através das expectativas que se colocam sobre ele, conferindo-lhe maior ou menor *status*, especialmente quando se trata de defini-lo e situá-lo em função do sexo. Corpos masculinos e femininos não têm sido percebidos e valorizados da mesma forma. Há uma tendência a hierarquiza-los, a partir de suas diferenciações mais visíveis e invisíveis. Em nossa cultura os corpos constituem-se no abrigo de nossas identidades (de gênero, sexuais e de raça).

As questões colocadas pela autora me possibilitam relacionar, de algum modo, sobre como a educação escolarizada e também outras pedagogias culturais, como o cinema, as propagandas, as revistas, os livros didáticos, a mídia em geral, entre outros

artefatos culturais, utilizam-se dos corpos, de diferentes gerações, desde a infância, na produção de sentidos e de significados, segundo relações e imperativos de poder.

Alex Fraga (2000, p. 98), em seus estudos e pesquisas, faz valiosas contribuições, na temática referente à adolescência e corpo e menciona:

O corpo é resultado provisório de diversas pedagogias que o conformam em determinadas épocas. É marcado e distinto muito mais pela cultura do que por uma presumível essência natural. Adquire diferentes sentidos no momento em que é investido por um poder regulador que o ajusta em seus menores detalhes, impondo limitações, autorizações e obrigações para além de sua condição fisiológica. Um poder que não emana de nenhuma instituição e muito menos se estabelece pelo uso da força, mas sim pela sutileza de sua presença nas práticas corporais da vida cotidiana.

No diálogo com esses/as autores/as, podemos pensar nas práticas cotidianas com jovens estudantes e seus corpos, na educação escolarizada, instituição que com suas práticas educativas, age e reage sobre os corpos de um modo geral, não apenas dos jovens, mas sobre estes, na perspectiva desta pesquisa, especialmente.

Venho trazendo ao texto o tema das culturas, dos corpos jovens e do gênero, na educação escolarizada, valendo-me de uma das relações e problematizações feitas por Foucault (1987), quando no percurso de uma de suas obras refere-se às instituições de seqüestro, dentre elas as prisões, os conventos, as fábricas e também as escolas, no tocante à produção de corpos dóceis e úteis à sociedade, através de mecanismos e dispositivos disciplinares. Ressalta ainda questões associadas às relações de poder e sua microfísica, referindo-se ao poder espalhado em suas minúsculas partes, aparentemente insignificantes, mas capazes de resistir, movimentar-se, produzir giros, viradas, um poder que circula, caminha, ainda que imperceptivelmente. Poder que se mesclando a outros diferentes poderes, potentes e em curso, presente nos sujeitos que somos e em quem estamos nos tornando, segundo a pluralidade de posições-de-sujeito que ocupamos na vida cotidiana.

A escola onde trabalhei a pesquisa, ou outra, inserida nesse contexto social, em que se movimentam variadas forças, dizeres e poderes esparsos, por vezes não reconhecidos, mas potentes e em circulação - em que trabalhamos, não com a concepção de que há dominadores/as e dominados/as, mas de que a todos/as está

atribuído o poder de tornar-se sujeito de seu corpo e de seu desejo - pode vir a exercer diferentes e potentes posições de sujeito na sociedade onde convive, no “miudinho” do cotidiano. Há condições de pensarmos de outros modos, fazendo outras marcas na vida desses/as jovens, incluindo seus corpos. Refiro-me aqui a jovens, obviamente, pelo delineamento de minha pesquisa, mas compreendo que a escola, à luz do que tenho aprendido até então, está composta de uma pluralidade de sujeitos, com diferentes posições em exercício e que não apenas alunos e alunas são atingidos/as ou afetados/as pelas outras forças participantes da vida da escola, mas que a *turma jovem* está sim, todo o tempo, no meio do que se passa, participando da constituição dos acontecimentos, interferindo, produzindo efeitos, fazendo circular sentidos, estes ou aqueles e que não está ali, “inocentemente”, como se fosse vítima dos demais/restantes segmentos da escola.

Silvana Goellner (2003, p. 39), remete à idéia de que:

A produção do corpo se opera, simultaneamente, no coletivo e no individual. Nem a cultura é um ente abstrato a nos governar, nem somos meros receptáculos a sucumbir às diferentes ações que sobre nós se operam. Reagimos a elas, aceitamos, resistimos, negociamos, transgredimos tanto porque a cultura é um campo político como o corpo, ele próprio é uma unidade biopolítica. Por essa razão, podemos pensar no corpo como algo que se produz historicamente, o que equivale dizer que o nosso corpo só pode ser produto do nosso tempo, seja do que dele conhecemos, seja do que ainda está por vir.

As colocações da autora podem, a meu ver, estar associadas ao cenário em que acontece minha pesquisa, fazendo-me pensar algumas questões, aguçada pelo convívio com jovens, seus corpos, ornamentos, “artes”, estilos, circulações, convivências e reações dos/as integrantes da escola a esses procedimentos juvenis. Nesse convívio com tempos e espaços da e na educação escolarizada, nas práticas cotidianas, venho pensando e tentando, com inquietação e perplexidade, compreender, “o que estamos ali a fazer de nós mesmos/as e com os/as outros /as?”⁷, no decorrer dos dias, anos e semanas, em que para lá nos dirigimos e em menor ou maior proporção de horas, vamos vivendo nossas vidas.

⁷ Autorizo-me, diante da pertinência que faz ao que estou escrevendo, a utilizar este Título do Colóquio Foucault-Deleuze, realizado na UNICAMP no final de 2000.

Goellner (2003, p. 35) também faz menção de que o corpo é o que dele se diz, realçando que sua construção se dá pela linguagem, a qual não reflete o que já existe, mas (re)cria o existente, tendo o poder de nomear o corpo, classificá-lo, definindo-lhe normalidades e anormalidades, assim como instituindo o que é um corpo belo, jovem e saudável. Esta autora, em seus estudos e escritos sobre a produção cultural do corpo, salienta “o caráter transitório, mutável e histórico de tudo o que vivenciamos, sentimos e somos [destacando que] se o corpo é um construto cultural, também o são todas as práticas que o produzem”. Essas formulações de Goellner (2003), me fazem retomar um de meus significativos interesses na realização dessa pesquisa, no que diz respeito à hipótese de considerar os corpos jovens e suas composições diversas, como possíveis inscrições de arte e estilos.

Dando continuidade às minhas reflexões, nesses últimos tempos, subsidiada por estudos, leituras e reflexões pós-estruturalistas, venho questionando sob quais arranjos discursivos temos produzido os dizeres ou enunciados que circulam como “certos” e “verdadeiros” e passam a valer em nosso cotidiano, predominando sobre os demais, desconhecendo ou desconsiderando outros modos de pensar, de conviver e de agir, como se houvesse “a” ou “uma” verdade, referindo-me aqui a qualquer assunto ou situação do contexto e convívio escolares.

Focalizando minhas investigações, particularmente no que diz respeito à experiência no trabalho com jovens - sobre como vêm se constituindo, especialmente através da linguagem os diferentes modos de composição de seus corpos, como espaços de constituição de significados, saberes, posições-de-sujeito, interesses e “verdades”, intermediadas por relações de poder e postas “naturalmente” em movimento ou circulação, no mundo em que vivemos, afetando-nos, à revelia dos efeitos a que possamos todos/as estar sendo submetidos. Fazendo parte desse jogo de forças, ainda que não tão visivelmente, atravessados/as pela instabilidade, inconstância, velocidade e momentaneidade, entre outros aspectos que caracterizam os tempos e espaços de nossa atualidade, nos encontramos, situados de inúmeras maneiras, atraídos/as por um grande “aspirador de pó” e ao mesmo tempo espalhados por uma “centrífuga” - são metáforas que me ocorrem no momento - , como se estivéssemos sendo sugados, puxados violentamente, com deslocamentos difusos, dispersos, sentindo-nos, ao mesmo tempo, como se fôssemos jogados, estonteados/as, aturdidos/as e não raramente, desorientados/as. Estando no meio desse “alvorogo”, nesse embate, independente de

gerações, em meio à multiplicidade de acontecimentos, certamente fazemos nossos esforços de resistência e também empurramos, nos metemos e movimentamos, nos constituindo enquanto sujeitos inseridos/as em determinadas culturas e sociedades.

“Avidez e pressa”⁸. Veneno que estamos tomando aos pouquinhos, pouco percebendo o anúncio da emboscada. Questão de nossa atualidade, sobre a qual precisamos pensar e que atinge também as escolas e seus habitantes, produzindo e proliferando efeitos, dos mais diversos, no que concerne aos modos e tempos de convivência de que todos/as precisamos e dos quais ainda não conseguimos, provavelmente, desfrutar com maior prazer, de modo mais proveitoso ou interessante.

A par do intenso impacto de estarmos convivendo de um modo mais rizomático do que arborescente - em tempos onde tudo parece disperso, espalhado, volátil, com tendência à vida curta, ao rápido desaparecimento e aos “mínimos prazos de validade”, para dizer de algo bem comum ao nosso dia-a-dia - é interessante e necessário, numa perspectiva pós-estruturalista, refletirmos sobre a potencialidade e a positividade que esses novos modos de encaminhamento da vida contemporânea, podem nos oferecer. A título de um acréscimo bonito, nessa escrita, lanço mão das palavras de Sadie Plant (1999) ao escrever sobre “rizoma”, o que pode ilustrar de um jeito mais criativo, essa forma rizomática de vida contemporânea, esclarecimento que somente com minhas palavras, diante da importância que atribuo a esse entendimento, sinto como insuficiente. Essa autora diz:

Um rizoma não tem começo nem fim: está sempre no meio, entre coisas”. Esta situação intermediária “não é absolutamente uma média”, um ponto medíocre entre dois extremos, nem passa “de uma coisa para outra, e volta”. Este ponto intermediário é “um movimento transversal que varre para longe o um e o outro...” Conquanto árvores sejam enraizadas em um único lugar, coordenadas por um tronco central e organizadas ao longo de linhas fixas e verticais, esta não é a única maneira como plantas crescem. A relva, a orquídea, o lilás e o bambu não têm raízes, mas rizomas, caules rastejantes subterrâneos, que se espalham para os lados em redes horizontais, dispersas, de filamentos grossos ou esguios e produzem brotos aéreos, ao longo de seu comprimento e superfície como a forma de dispersão dessas plantas. Elas desdenham categorização como entidades individuadas. Essas plantas são

⁸ A conjunção “avidez e pressa” e seus desdobramentos no mundo contemporâneo foi um *insight* de minha orientadora, produzido em um dos encontros com o grupo de estudos e pesquisa.

populações, multiplicidades e não aquelas coisas unificadas eretas. Essa distinção, no entanto, não é absoluta. Árvores podem ser altamente concentradas, mas são compostas também de miríades de elementos conectores que, por seu lado, interligam-se com tudo mais: “Mesmo quando têm raízes, há sempre um local externo onde elas formam um rizoma com alguma outra coisa – com o vento, um animal, seres humanos...” Neste sentido, até as entidades mais rigidamente organizadas são virtualmente rizomáticas. (PLANT, 1999, p. 116-117, destaques da autora)

Então me parece, que de tantas e promissoras questões para pensar e aqui escrever, a do contexto da escola - por exemplo- no convívio entre “árvores, rizomas e suas tribos”, seus /suas integrantes, sejam professores/as, alunos/as, estagiários/as, equipe de direção, pais, mães e demais participantes desse conjunto, precisa ser destacada, como uma composição de forças constituintes e constituídas no trânsito dessas interações. Entendendo também, que nesse circuito de relações há possibilidades de intervenções produtoras de “descontinuidades”, nas pequenas “entradas”, aqui e ali, feito o rizoma, que vai se espalhando, produzindo um efeito num lugar, outro noutro, no “pingado” do dia-a-dia, nas pequenas ações “miúdas” do cotidiano, no trabalho pontual, no detalhe, no diário, mudanças significativas podem ir acontecendo. Faço essa breve pontuação, por sentir a necessidade de contar com uma certa articulação, no entendimento das relações que se estabelecem nos contextos escolares, posicionando de diferentes modos, não somente alunos e alunas, mas os demais sujeitos aí inscritos e participantes no âmbito desse lugar-escola.

Nessa perspectiva, quero ir estabelecendo conexões, entre a rede discursiva presente em nossa vida contemporânea, entremeada por relações circulantes de poder, num circuito por vezes indistinto de saberes e de poderes, os quais se mesclam e se potencializam, fazendo girar e valer “novos interesses e verdades”, outras invenções, incluindo as escolas, obviamente. A educação escolarizada - e sua rede de integrantes, com os vários segmentos que a compõem, demonstra - ao menos me parece, genericamente falando - ainda não estar apropriada da discussão de algumas questões contemporâneas importantes, quando nos sentimos envolvidos/as e também participantes da constituição do mundo globalizado e de sua lógica, produzindo tanto efeitos “desorientadores”, quanto possibilitando aberturas e ampliando possibilidades, em inúmeros sentidos. Questões de nossa atualidade, que desembocam e também se produzem nas salas de aula, como as de corpo, gênero, sexualidade, geração, raça, etnia,

tecnociência e cultura, entre outras questões relevantes, que pedem problematizações e ainda carecem de maior atenção e demanda por parte de nossos/as educadores/as.

Entendo como produtivo relacionar algumas questões da pesquisa a partir do “corpo/contexto da escola”, referindo, por exemplo, que o tema do corpo, em suas inúmeras linguagens e desdobramentos, vem assumindo, em múltiplos espaços e tempos, importância de grande porte.

Mirian Goldenberg e Marcelo Ramos (2002), colocam-nos questões interessantes quando alertam para as mudanças que no decorrer dos tempos foram (vêm) acontecendo com os corpos. Citam que no início do século XXI houve uma glorificação e ênfase na exposição pública do corpo, que anteriormente, era encoberto, escondido, tanto para os homens quanto para as mulheres. Em nossos dias, com as anatomias à mostra, vemos confirmada a idéia de que vivemos um “afrouxamento moral” nunca visto antes. A autora e o autor ressaltam, no entanto, que a redescoberta do corpo sob a aparente libertação física e intelectual, trouxe signos de uma nova moralidade, pregando determinado padrão estético, convencionalmente chamado de “boa forma”. Essa aparente liberdade dos corpos, traz embrenhado um processo disciplinador, civilizador, que pressiona e até impõe que os sujeitos estejam sempre magros, jovens e com o corpo malhado, também conectados a alguma “tribo”, através de seus modos de vestir, falar e se comportar (GOLDENBERG e RAMOS, 2002).

Sandra Andrade (2002), estudando o corpo na perspectiva de *corpo projeto* refere que ele tem se tornado um tema fértil de estudos e análises, adquirindo contornos que extrapolam a idéia biologicista de um corpo natural e essencializado. O corpo passa (...) nas perspectivas teóricas dos Estudos Culturais e de Gênero, por exemplo, articulados ao pós- estruturalismo, a ser entendido como um artefato social e histórico e não mais como uma mera entidade biológica .

A proliferação de pesquisas e estudos a respeito dessa eclosão tão intensa de dizeres e procedimentos relacionados ao corpo, multiplica-se, produzindo novas questões, receios, dúvidas, apostas e investimentos, num contexto de “história sem fim”, como nos diz Denise Sant’Anna (2000). Fazendo uma retrospectiva da história do corpo, a autora refere que em meados de 1960, “valorizava-se o corpo cada vez mais amplamente, como se ele tivesse sido descoberto pela primeira vez e se tornasse tão importante como outrora havia sido a alma” (SANT’ANNA, 2000, p. 51).

Essa autora salienta quanto aos novos hibridismos e à mistura que vem acontecendo - incluindo os corpos - entre informações de épocas passadas e recentes, numa variação incessante e infinita, ou, como diz Stuart Hall (1997), (...) um *mix* cultural (...) atravessando velhas fronteiras, não necessariamente fazendo a troca ou o desaparecimento do velho em proveito do novo, mas a criação de algumas alternativas híbridas, sintetizando elementos de ambas, mas não redutíveis a nenhuma delas.

Luis Henrique Sacchi dos Santos (1997, p. 97), estudando questões referentes a representações culturais de corpo na sala de aula, interroga:

Que corpo é esse que temos? A resposta a esta pergunta se cruza no caminho do biológico e do cultural: é nesta intersecção, entre aquilo que nos é dado (contingente) como herança biológica e o que nos é dado como herança cultural, que construímos as representações que constituem o acesso aos nossos corpos. Já não é mais nem Biologia, nem cultura. O corpo que se produz aqui é resultado desta interação; um corpo singular que não se reproduz (não produz cópias, clones de si) e, como híbrido, precisa sempre dos dois. Biologia e cultura se hibridizam e constituem um corpo humano.

Marcas no corpo, no hibridismo entre biologia e cultura, nas categorias de raça, gênero, sexualidade, etnia, classe, nacionalidade, entre outras, como o modo de falar, de vestir, pensar, ornamentar, profissionalizar, inscritas no âmbito das culturas, podem ser decisivas para dizer do lugar social de um sujeito, ou podem ser irrelevantes, sem qualquer validade para o sistema classificatório de um dado grupo cultural.

Guacira Louro (2002, p. 1), acentuando a relevância da cultura na constituição de *marcas* nos corpos, diz que (...) “ao longo dos tempos, os sujeitos vêm sendo indiciados, classificados, ordenados, hierarquizados e definidos pela aparência de seus corpos, a partir dos padrões e referências das normas, valores e ideais da cultura”. Nessa direção, a autora ainda ressalta que “(...) características dos corpos significados como marcas pela cultura distinguem sujeitos e se constituem em marcas de poder”.

Santos (1999, p. 201) em seus estudos e pesquisas sobre os significados e colonização dos corpos, aponta:

Corpo, uma fronteira a ser desbravada, é um campo para investimentos dos mais diferentes projetos. Corpo superfície (externa) de inscrição (marcas e adereços que o enfeitam, reinventam, re-

significam): tatuagens, *piercing*, escarificação, circuncisão, infibulação⁹, mutilações, flagelação, moda, penteados...(…); tratamentos médicos, remédios (drogas), cirurgias, pesquisas científicas, ficção científica/ “realidade”. Muitas são as formas de vê-lo/constituí-lo e, cada vez mais acentuadamente comprá-lo. O corpo passa de dado (“pela natureza”) para “massa moldável” aos mais diferentes projetos de constituição, “vendidos” pelas representações de corpo que circulam nos mais diferentes discursos que se apresentam para a constituição de nossas identidades (destaques do autor).

Sobre as regulações que, de um modo generalizado, dentre outras instituições, a educação escolarizada põe em prática, diante de suas complexas tarefas civilizatórias com os/as estudantes e sobre o quanto os/as jovens podem reagir, de diferentes maneiras, ao controle dos corpos, criando alternativas de resistência relacionadas ao campo da arte, por exemplo. Como uma das maneiras de possibilitar algumas diferenças, com sutilezas e com extravagâncias, os/as jovens valem-se de seus corpos, para sair do uniforme - ou do que só tem uma forma - do semelhante e do idêntico para contactar com a criação, com a mistura e com o desconhecido, com o que diverge, que pode marcar a singularidade e despertar interesses, promover relacionamentos, chamar a atenção dos colegas, amigos e amigas, professores e professoras, enfim, dos demais sujeitos sociais.

Entendendo as composições dos corpos jovens como arte e de como me posiciono a esse respeito, gostaria de explicitar que não fiz uma pesquisa, leituras e estudos que envolvam ampla e especificamente o campo da Arte, em suas múltiplas modalidades e sim que considero, aos fins desta pesquisa, “arte” como possibilidade de invenção, de ludicidade, de “travessuras”, do *brincar no corpo e com o corpo*, fazendo criações, renovações, “restaurações”, matizes novos com antigas cores, misturas, marcas e decorações nos corpos. Considerando os *corpos jovens como superfície de inscrições culturais*, propus-me a investigar esta relação, contemplando especialmente a categoria gênero, sobre quais são, no momento, as opiniões e os modos através dos quais jovens estudantes, alunos e alunas, fazem “artes nos corpos” como recurso no convívio com os rigores, a vigilância e os controles que caracterizam as instituições escolares.

⁹Infibulação: Segundo o Aurélio Século XXI= [De infibular + -ção.] Sutura ou introdução de anel ou colchete nos órgãos genitais, ainda praticada, ao que parece, particularmente em donzelas de algumas regiões africanas, para tornar impossível o coito; fibulação.

PARTE II

2. CONSTITUINDO PROCEDIMENTOS INVESTIGATIVOS

Continuando o relato das reflexões e experiências que obtive no processo da pesquisa, situo o/a leitor/a, quanto aos procedimentos/práticas que se fizeram presentes e através dos/as quais pude operacionalizar a investigação.

Nesse transcorrer, trabalhei com um grupo de doze jovens estudantes de três oitavas séries - gurus e gurias - de uma escola da Rede Pública Estadual da Grande Porto Alegre, situada na cidade de Canoas - RS, com os/as quais pude interagir, conversar e conviver durante o período de aproximadamente quatro meses, incluindo os contatos iniciais ou de “aquecimento” e depois os encontros propriamente ditos, para o trabalho de coleta de informações da pesquisa.

A direção da escola, desde o início de meus contatos, a princípio por telefone e feitos em janeiro de 2003 – quando tudo se encaminhava para as férias de verão – aceitou sem maiores questionamentos minha proposta de pesquisa com jovens estudantes, sugerindo que eu retornasse em março, no reinício do ano letivo de 2003, para realizar os contatos específicos que se fizessem necessários. No recomeço das aulas, passei a comparecer à escola, articulando antecipadamente minhas idas com a equipe de direção, em variados turnos, para que pudéssemos combinar maiores detalhes do trabalho a ser realizado.

Pesquisar, não apenas com jovens, mas com qualquer outra geração, requer, obviamente, um conjunto de aspectos que precisamos considerar no planejamento do trabalho. Para os propósitos de minha pesquisa que previa me ocupar com jovens, na educação escolarizada, a par de contar com um “fio orientador” para a prática de pesquisa e dos encontros, houve necessidade de levar em conta outros aspectos do cotidiano da escola, tais como: quais séries a equipe de direção sugeria que fossem trabalhadas na pesquisa e por quê? A escola disponibilizaria um espaço/sala para os encontros com o grupo de pesquisa? Em caso afirmativo, qual seria o espaço e em que horário estaria disponível? Do modo como as práticas pedagógicas estavam organizadas, os/as alunos/as precisavam comparecer à escola em turno oposto ao das regulares? Qual/quais segmentos (Direção, Vice-direção, Orientadores/as Educacionais, Supervisores/as Escolares, Secretários/as e demais profissionais se mostrariam mais acessíveis, possivelmente interessados/as na pesquisa ou dispostos/as a contribuir com as articulações internas que se fizessem necessárias no andamento dos trabalhos? Quais os espaços de circulação que a escola oferecia aos/às estudantes? Docentes e demais

funcionários/as seriam comunicados/as quanto ao trabalho de pesquisa? Em caso afirmativo, quem faria os contatos, em que circunstâncias e horários? Essas, entre outras questões, foram sendo pensadas e discutidas tanto nos espaços com minha Orientadora, quanto na escola, segundo os contatos que fui articulando para tornar possível a realização da pesquisa.

A escola em questão trabalha nos três turnos (manhã, tarde e noite), contando com uma equipe de Direção que se responsabiliza pelo conjunto dos três períodos. Cada um destes está sob a responsabilidade de uma representação desta Direção, com alguns outros Setores, como Biblioteca e Secretaria, constituindo assim uma micro-equipe, para subsidiar professores/as, alunos/as, funcionários/as e comunidade em geral, nas práticas pedagógicas e administrativas.

Perguntei sobre a possibilidade de trabalhar com alunos/as de Ensino Médio, com a observação da Direção de que as turmas de primeiros anos do Ensino Médio, por exemplo, estavam compostas de alunos/as provenientes de diferentes escolas de Ensino Fundamental da cidade - que não trabalham com a modalidade e/ou proposta de Ensino Médio - e por serem novos nesta escola, ainda não estariam entrosados/as, nem apropriados/as das normas e hábitos da escola. Fui compreendendo, no decorrer dos contatos, que havia um certo encaminhamento da equipe de Direção para que eu trabalhasse com as oitavas séries, que estudam no turno da tarde, havendo necessidade de que os encontros ocorressem, obviamente, no turno oposto ao das aulas, ou seja, o grupo poderia reunir-se comigo no turno da manhã. Houve referência de que as turmas de oitavas séries estavam organizadas, em sua maioria, com alunos e alunas que já freqüentavam esta escola desde séries anteriores, então já estariam possivelmente mais enturmados/as, o que poderia, facilitar os contatos, a interação e a participação na pesquisa.

Facilitar - ou não! - a interação no grupo, uma vez que a amizade já constituída, também poderia produzir constrangimentos entre os/as alunos/as, diante da temática a ser trabalhada, relacionada a corpo, gênero e juventude, com possíveis desdobramentos. As Coordenações representantes do turno da tarde, responsáveis pelas oitavas séries, ajudaram a compor as condições para que o trabalho pudesse ser realizado.

Entendo como importante também considerar os modos como foram se encaminhando e constituindo as possibilidades de realização da pesquisa, sendo que os aspectos que fizeram parte do processo, suas características, ritmos, tempos, espaços e

convívios, dizem das experiências e contingências históricas e sociais, entre outras, em que seus/suas integrantes produzem e também são produzidos/as, no âmbito da/s cultura/s constituída/s na singularidade desta escola.

Tendo em vista que o trabalho com os/as estudantes seria realizado com a técnica de Grupo Focal, definimos que o grupo se constituiria de alunos e alunas convidados/as e voluntários/as das três oitavas séries constituindo um grupo de dez a doze jovens participantes.

O convite aos alunos e às alunas, explicando do que se trataria e como seriam as combinações entre nós, (horário, local, nº de participantes, etc.) ocasionou inicialmente muitos/as interessados/as, uns vinte e cinco alunos/as, aproximadamente, entre gurias e gurias, misturados/as, representantes das três oitavas séries (T81, T82, T83)¹⁰. Gradativamente, durante algumas semanas, compareci à escola para ir acompanhando o movimento da lista de interessados/as e sempre me deparava com alterações, com acréscimos ou com retirada de nomes, a exemplo do que disse um dos gurus, um dia, “posso tirar o corpo fora”?

A título de articulação e manutenção do “espírito” da pesquisa na escola, organizei, no decorrer dos contatos com a escola e com os/as alunos/as, uma comissão - também composta por voluntários/as: duas gurias e um guri, representantes das três oitavas séries. Comissão que no decorrer da semana passaria nas turmas ou conversaria, nos intervalos, com os/as colegas das três turmas, inscritos/as para a realização dos encontros de pesquisa. Intercalando essas ações eu telefonava, no decorrer da semana para um/a ou outro/a aluno/a da comissão para ir sabendo notícias e também para apoiá-los nessa tarefa que haviam assumido. Também fui mantendo algum contato com a equipe de direção da escola, colocando-a a par dos movimentos que vinham sendo feitos, especialmente com os/as alunos/as interessados/as, no processo de constituição do grupo de pesquisa.

O percurso de definição do grupo foi muito interessante, segundo depoimentos dos/as alunos/as, pois eles/as iam conversando durante a semana, divulgando o convite e

¹⁰Turma 81, turma 82 e turma 83. Segundo a Direção da Escola as turmas “vem vindo”, de um ano para o outro, a maioria em seu conjunto, com idades variadas em cada turma. Que vão se mantendo mais ou menos juntas, havendo, se necessário, algum ingresso, na turma onde houver vaga. Que as turmas não estão compostas e divididas pelo critério de idades, segundo alunos/as mais novos numa turma, mais velhos/as noutra.

se posicionando se gostariam ou não de participar da pesquisa. Ao término do prazo de “propaganda” da pesquisa, entre as três turmas - o que envolveu umas duas semanas, com várias idas minhas à escola para passar nas turmas, retomar a proposta, escutar os/as alunos/as e atualizar a lista de interessados/as, ficamos então com um grupo composto por seis gurus e seis gurias, havendo representantes das três turmas no grupo. Depois, diante do ingresso de um dos gurus em um Curso de Informática, cujos horários coincidiam com os de nossos encontros, o grupo ficou com cinco gurus. Com as alunas, houve mais um ingresso, à convite de uma das participantes, resultando em sete gurias, constituindo um grupo com doze jovens, composição que permaneceu até o final dos encontros.

As aulas regulares das turmas eram no turno da tarde, sendo que gurus e gurias vinham à escola duas vezes por semana, pela manhã, para as aulas de Educação Física. Diante da alternância desses horários com cada turma, a única manhã livre de todos/as, era a de sexta-feira, o que de início me preocupou, pois sendo uma de suas manhãs livres, como seria convidá-los/as a comparecer à escola, para os nossos encontros, no horário em que a maioria, provavelmente, gostaria de se ocupar com outras atividades ou mesmo dormir um pouco mais? Acentuou-se para a mim a necessidade de realizar um trabalho interessante para fazer com que um grupo de adolescentes saísse cedo da cama, em várias manhãs de sexta-feira, em uma de seus poucos momentos livres.

No decorrer das combinações fomos conversando sobre todos esses detalhes, que o horário de reunião do grupo seria das 9h às 11h, que a vice-direção do turno da manhã, havia disponibilizado uma sala para nossos encontros, espaço tanto nomeado como Laboratório de Ciências, quanto Sala de Vídeo. Observando o espaço pude constatar que se tratava de uma pequena sala, com móveis antigos e já desgastados, contendo duas mesas, dois lavatórios, 18 cadeiras e uma estante com materiais de ciências expostos, vidros, caixas, entre outros objetos. À primeira vista tive a impressão de uma sala desativada, ao menos no que diz respeito ao exercício de atividades no Laboratório de Ciências. Esta sala também servia, de minhas observações, para guardar o suporte móvel, contendo a TV e o vídeo da escola. Creio que a sala servia praticamente para abrigar e preservar o material audiovisual da escola, visto que no decorrer de algumas ocasiões esses materiais foram solicitados por professores/as para serem levados deste lugar às salas de aula.

Outro aspecto importante que gostaria de ressaltar, referente ao período que antecedia a pesquisa com o grupo, propriamente dita, refere-se ao fato de que a Defesa da Proposta de Dissertação estava agendada para 22 de agosto de 2003, então eu não poderia, obviamente, iniciar os encontros oficiais com o grupo, pois aguardava as considerações, questionamentos, sugestões e, no limite, a aprovação da Proposta pela Banca Examinadora. Conversando com minha Orientadora, fomos considerando vários aspectos e entendi que eu precisaria relativizar meus procedimentos com o grupo nesse período, ou seja, eu me faria presente à escola, a título de ir conversando com a Direção, fazendo algum possível esclarecimento ou explicação, em caso de necessidade, passando de vez em quando nas três turmas, em diferentes dias da semana e em diferentes períodos de aula, para fazer também contato com outros/as professores/as das oitavas séries, referindo a respeito dos preparativos para a pesquisa, agradecendo aos alunos e às alunas que nesse momento poderiam participar - numa outra oportunidade poderiam ser outros/a. Fui fazendo isso a fim de ir estabelecendo uma certa cumplicidade com o conjunto da escola, com os/as profissionais da Secretaria - porta de entrada das pessoas que não são do quadro funcional da escola - com as funcionárias da limpeza, que nos auxiliariam (se necessário), na arrumação da sala, na organização dos lanches, na limpeza da sala para os encontros, etc.

2.1 Alguns pontos chave sobre a técnica de Grupos Focais

Diante da temática e do problema pesquisado, com acesso a variadas possibilidades para obter elementos de composição do *corpus* da pesquisa, optei por utilizar o procedimento investigativo denominado Grupo Focal, diante dos recursos que este pode oferecer no trabalho com grupos, de um modo geral, enfatizando aqui sua possível adequação à pesquisa com jovens.

Jenny Kitzinger e Rosaline Barbour (1999), autoras com larga experiência neste procedimento de pesquisa, escrevem sobre seus percursos no trabalho com grupos focais e utilizo aqui, como um suporte, algumas de suas formulações:

Grupos focais são grupos de discussão que podem explorar uma série de assuntos, envolvendo algum tipo de atividade coletiva. Diferenciam-se de entrevistas em grupo, pela promoção explícita da interação em grupo, a fim de gerar dados. Ao invés de fazermos perguntas a cada pessoa, encorajamos os /as participantes a falarem uns com os outros, a formularem perguntas, relatarem situações,

comentarem suas experiências e pontos de vista sobre assuntos intencionalmente planejados. São mais indicados para explorarmos como os pontos de vista são construídos e expressos. Os grupos focais são muito apropriados para examinarmos como o conhecimento, as idéias, os relatos, a auto-apresentação e os intercâmbios lingüísticos operam dentro de um determinado contexto cultural. No grupo focal, os participantes da pesquisa criam um público uns para os outros (KITZINGER e BARBOUR, 1999, p. 4).

Para a constituição do Grupo Focal, quanto ao número de participantes, a literatura recomenda de 08 a 12 integrantes, contando com a probabilidade de uma ou outra desistência. Um/a moderador/a cria um ambiente que estimule os/as participantes a compartilharem pontos de vista. Frequentemente, é muito produtivo trazer para o mesmo grupo pessoas com experiências comuns; contudo, as diferenças entre os/as participantes também são esclarecedoras. Alguns detalhes tendem a emergir somente depois que a discussão foi iniciada e a composição precisa dos grupos será, freqüentemente, produto das circunstâncias, e não apenas do planejamento.

Quanto ao local para a realização dos encontros, é recomendável que o espaço seja adequado, sem muitos ruídos interferentes, que possam desviar as atenções do grupo. Uma sala silenciosa, ampla e confortável, seria o ideal, embora nos espaços de grande parte das escolas públicas brasileiras, salvo algumas exceções, esses espaços ainda não estão construídos, portanto não disponíveis para nossos trabalhos.

Com a professora Dr^a Dora Lúcia de Oliveira, em Leitura Dirigida realizada no Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFRGS, no primeiro semestre letivo de 2003, pude aprender aspectos extremamente importantes quanto à Técnica de Grupos Focais, destacando aqui alguns, como por exemplo, a necessidade de termos uma agenda articulada ao problema de pesquisa como um conjunto, separada ou “quebrada” em subtemas a serem trabalhados em cada encontro. O cuidado ético com relação à elaboração do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ver Anexo 1), dando ciência à escola, a pais e a mães, alunos e alunas, quanto às combinações entre pesquisador/a e voluntários/as, que farão parte do contrato de participação na pesquisa, sendo que neste documento devem constar claramente os compromissos que estarão sendo assumidos por ambas as partes; a informação quanto ao tempo de duração dos encontros, com previsão de uma reunião de uma hora e trinta minutos a duas horas, com horário do intervalo a ser combinado; que os/as participantes não podem sofrer encargos ou ônus, com relação a possíveis despesas na locomoção até o local dos encontros, o

que representa a possível necessidade de subsidiarmos o grupo com passagens ou vales-transporte para tal deslocamento; que será necessário e de “bom tom” oferecermos um lanche no horário do intervalo; que o ambiente previsto para a realização dos encontros deverá ser pensado e organizado previamente, com vistas a receber os/as participantes de modo respeitoso e acolhedor.

Estes, de um modo geral, são alguns itens básicos e indispensáveis a serem levados em conta no planejamento de uma pesquisa que se utilize da técnica de grupos focais como procedimento de investigação e coleta de informações. Trata-se de um apanhado geral de questões ao qual precisamos estar atentos/as, sob pena dos/as participantes do grupo não se conectarem com nossa proposta ou se ausentarem no decorrer dos encontros, inviabilizando nosso trabalho e, conseqüentemente, prejudicando nossa programação de pesquisa.

A respeito dos/as participantes de minha pesquisa, em contatos e diálogos com minha Orientadora e com a equipe pedagógica da escola, para a organização do grupo, fomos entendendo que poderia ser interessante trabalhar com jovens, alunos e alunas de oitavas séries, em sua maioria estudantes nesta escola desde séries anteriores, o que poderia, como uma hipótese, favorecer a comunicação entre os/as participantes. Consideramos então o critério de conhecimento e convívio prévio entre os alunos/as, como um possível facilitador na interação e produção das falas durante os encontros.

2.2 “Aquecendo” o grupo para os encontros da pesquisa

Os primeiros encontros com o grupo, que nomeei de “encontros de aquecimento”, previamente agendados com a direção da escola e com o grupo, transcorreram depois da definição dos/as participantes. Tais encontros ocorreram com o intuito de manter “acesa a chama” para a realização do trabalho, até mesmo porque se aproximavam as férias escolares de inverno, o que poderia dispersar ou mesmo descomprometer o grupo, recentemente constituído.

Esses encontros que já foram realizados na sala onde faríamos os demais, aconteceram às sextas-feiras, combinados para iniciar às 9h, mas não necessariamente ir até as 11h. Visto que a estratégia seria de ir criando aproximações entre o grupo de estudantes, viabilizando possibilidades os encontros propriamente ditos, no que diz

respeito à ambientação com o espaço da sala dos encontros, comigo, com o horário, com os novos colegas de grupo, entre outros possíveis aspectos não tão visíveis, mas interferentes no processo.

Os encontros preparatórios ou de aquecimento, aconteceram no mês de julho de 2003, em três sextas-feiras, 04, 11 e 18 de julho, pois na última, 25 de julho, iniciariam as férias escolares de inverno - num período de 10 dias - com reinício das aulas em 04 de agosto de 2003. No decorrer desses encontros entendi como importante comentar novamente com eles/as sobre a temática com a qual eu estaria vindo conversar com o grupo posteriormente, retomando combinações, referindo a respeito do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e do que constava, propondo que nestes dias pudéssemos ir conversando sobre questões gerais de sua vida escolar, afinal o grupo estaria concluindo a oitava série do Ensino Fundamental no ano de 2003. As questões giravam em torno das aulas que consideravam mais ou menos interessantes, facilidades e dificuldades nas diferentes aulas, como estava o rendimento escolar, se havia ou não algum risco de reprovação, se pretendiam ou não prosseguir os estudos, em que escola gostariam de fazê-lo, entre outras questões que iam se desdobrando neste espaço que visava o diálogo e a interação entre nós, sobretudo entre os/as componentes do grupo, condição que poderia contribuir nos encontros, favorecendo um início de interação entre os/as participantes do Grupo Focal propriamente dito.

Também comentei com o grupo que mais adiante, quando fôssemos conversar sobre o assunto da pesquisa - até então nomeada Corpo-recado na educação escolarizada - a respeito de como os jovens, gurus e gurias, em nossos dias, apresentam seu corpo e “enviam seus recados”. Ou seja, como “se produzem”, fazem o arranjo e a composição do corpo, como inventam sua aparência e fazem seus estilos, como fazem “artes” no corpo, com quais objetivos o fazem, de que recursos lançam mão para essa produção do corpo, que acessórios utilizam - se utilizam e quais - como reúnem e “confeccionam o visual” de seus corpos, quais os estilos que conhecem e o que pensam a respeito. Há diferenças, semelhanças e/ou na “arte” de composição dos corpos jovens masculinos e femininos? Quais, por quê, onde aprendem e quem ensina esses modos de compor e ornamentar os corpos? Como os/as participantes da escola convivem e reagem a essas questões? Também falei a respeito da necessidade que haveria de gravarmos nossas conversas, para que eu pudesse depois transcrever nossas falas e trabalhar com as informações que o grupo apresentasse.

Disse-lhes que suas opiniões forneceriam as condições para eu realizar concretamente a pesquisa. Que seriam seis encontros e que ficaria muito difícil eu coordenar e escrever ao mesmo tempo as opiniões do grupo. Expliquei que futuramente eles/as poderiam, quem sabe, ser pesquisadores/as e contar com essa possibilidade também. Que a finalidade das gravações diz respeito a ouvir e transcrever os depoimentos das pessoas/dos sujeitos que participam de pesquisas, que esse é um procedimento utilizado por pesquisadores/as, por jornalistas, entrevistadores/as, enfim, para depois transcrever as idéias e opiniões, estudá-las e apresentar conclusões e sugestões à sociedade.

Disse-lhes também que havia convidado uma colega de aula, para me ajudar nas gravações, referindo seu nome¹¹ e que ela viria comigo nos demais encontros, depois que eu apresentasse a Proposta na UFRGS e esta fosse aprovada.

Nesses encontros propus que eles/as pudessem, cada um/a fazer seu crachá e se quisessem poderiam também fazer algum desenho que eu pudesse, com o consentimento deles/as, compor a Capa da Proposta, no que o grupo se dispôs, com agilidade e descontração. Disponibilizei materiais para suas “artes” e enquanto desenhavam, iam conversando, de início com os/as colegas de aula, depois com os das outras turmas, constituindo, gradativamente um certo “clima”, uma certa interação, entre eles/as, com a sala e comigo, naquele espaço até então, pelo que falavam, praticamente desconhecido para o grupo e para mim também. Reunindo alguns desenhos que o grupo fazia enquanto conversava, pude compor a capa da Proposta. Quando nos reencontramos, na primeira sexta-feira após as férias, levei cópia da Proposta encadernada para mostrar ao grupo, para que pudessem sentir-se inseridos/as no trabalho de pesquisa, de acordo com o que estávamos combinando até então. Referi então que após a Defesa da Proposta, prevista para 22 de agosto de 2003 e possível Aprovação, poderíamos iniciar legítima e oficialmente a pesquisa.

No retorno às aulas, no encontro do dia 08 de agosto, conversamos um pouco sobre as férias, o período de descanso, sobre o que haviam feito, como desfrutaram desse período, se passearam, se divertiram, enfim... Era mais uma retomada, mas com temas novos, num tempo de aproximação e de reafirmação de compromisso, entre os/as participantes e eu também.

¹¹ Para me auxiliar na tarefa de gravação e transcrições dos encontros, contei com a valiosa colaboração de minha colega mestranda, Bianca Salazar Guizzo.

Gradativamente fui/fomos sentindo os efeitos articuladores desses encontros de “aquecimento”, pois os/as componentes chegavam antes do horário, me ajudavam, se precisasse, a levar algum material até o local do encontro, também a organizar o espaço da sala de um outro modo, sempre com comentários a respeito de que no turno de suas aulas não utilizavam aquela sala, que talvez estivesse mais direcionada às turmas do turno da manhã, para o Ensino Médio, não às sextas-feiras, obviamente. Um a um, dois a dois, enfim, o grupo ia chegando, sendo que passei a ouvir comentários da direção, que se mostrava admirada pela presença dos/as alunos/as à escola no turno oposto, para um trabalho não obrigatório e de pesquisa extra-escolar.

Em todos os encontros, fazendo parte do acordo realizado com o grupo, me responsabilizei pela organização de um lanche, para a hora do intervalo e também pela manutenção de dois vales-transportes a todos/a) os/as componentes. Combinamos também que no mês de agosto haveria dois encontros, dias 08 e 29 de agosto, antes e depois da Defesa da Proposta de Dissertação.

No dia 08 de agosto, conversamos sobre as férias de inverno e no dia 29 desse mesmo mês a respeito da Aprovação da Proposta, o que significava “sinal verde” para a continuidade dos encontros e da pesquisa propriamente dita.

2.3 Pensando as agendas para conversar com o grupo de jovens

Para a elaboração das agendas que constituiriam o “corpo” dos encontros e depois o *corpus* da pesquisa, procurei, com o assessoramento de minha Orientadora, centrar o foco principal a ser trabalhado, desdobrando-o nos encontros previstos, que seriam seis. Seria necessário pensar um roteiro que contemplasse tanto as questões principais da pesquisa, quanto não perder de vista possíveis e necessárias articulações entre os conteúdos que, na interação, o grupo fosse produzindo, compondo assim a agenda do próximo encontro. A exemplo do que disse um dos guris, em um dos encontros,

(...) é que uma coisa vai puxando a outra. A gente começou a falar dos alunos de classe baixa que são excluídos, daí já veio o assunto dos professores que excluem também (...). (Leandro, JPM7, 14 anos, 6º encontro, 17/10/2003)

Essa fala de um dos alunos pode ilustrar sobre a sensibilidade e atenção que precisam estar presentes conosco, no decorrer dos encontros, na consideração do que vai

transcorrendo, quanto às possíveis associações e encaminhamentos que podem ir acontecendo durante as interações entre os/as participantes e destes conosco. Nesse intercurso, podem vir à cena episódios, lembranças, incidentes, peripécias, enfim, relacionados ao tema em discussão, acrescidos da riquíssima experiência que eles/as já têm no âmbito de suas vivências pessoais e escolares.

A seguir, apresento resumidamente o planejamento dos seis encontros trabalhados no Grupo Focal, ocorridos de 12 de setembro a 17 de outubro de 2003. Exponho ainda algumas considerações acerca do encontro de confraternização e avaliação que aconteceu no dia 31 de outubro de 2003¹².

No primeiro encontro foram discutidos aspectos sobre como jovens compõem seus corpos, que tipos de artes fazem, com quais objetivos, artes que gurias e gurus fazem, onde aprendem e quem ensina sobre essas intervenções, inscrições, marcas, artes no corpo, estilos de marcar os corpos. No segundo, assuntos como efeitos, “benefícios e/ou prejuízos” das diferentes intervenções/artes nos corpos masculino e feminino, efeitos para gurus, efeitos para gurias, estilos e características de cada grupo, quem somos nós, quem são os outros, foram trabalhados.

No terceiro, em que – num primeiro momento – os/as participantes foram separados/as em dois grupos (um somente de gurias e outro de gurus), a discussão desenrolou-se a partir das seguintes questões encaminhadas a cada grupo: 1) Se os/as jovens aprendem sobre estilos, roupas e como enfeitar o corpo através da TV e da mídia, quais os programas, revistas ou reportagens sobre esses assuntos que os gurus preferem? E as gurias? Por quê? 2) Vocês disseram que as pessoas fazem esses enfeites no corpo, fazem estilos, para ficarem diferentes, para não ficar todo mundo igual. Mas se todo mundo começa a fazer essas coisas, não fica todo mundo meio parecido? O que vocês acham? 3) Aqui na escola vocês disseram que jovens costumam fazer seu estilo mais nos modos de vestir, nas roupas. Disseram que têm grupos, cada um com os seus jeitos. Quais são os grupos que vocês conhecem na escola de vocês? Como são esses grupos, o que os caracteriza? O que vocês pensam sobre esses grupos? Vocês se sentem dentro de alguns desses grupos? Há grupos separados de gurus e de gurias? Ou são grupos misturados?. Na questão 4 houve uma variação considerando os gêneros. Para as

¹² As agendas, em sua íntegra, estão disponibilizadas no Anexo 2.

gurias perguntou-se: a) O que as gurias acham dos estilos dos gurus? O que admiram e o que não gostam?; para os gurus as perguntas foram b) O que os gurus acham dos estilos das gurias? O que admiram e o que não gostam?. E a pergunta 5 foi elaborada da seguinte maneira: No encontro anterior vocês falaram em diversos grupos, entre eles o das “*patis*” e o dos “*boyzinhos*” que usam roupas de marcas. Quais são as marcas consideradas “legais” que a maioria dos jovens, gurus e gurias, gostaria de usar? Por quê?

No quarto encontro, foram discutidas algumas questões que vinham sendo trabalhadas nos encontros precedentes, dentre as quais: questões sobre música e dança associadas ao corpo; questões relacionadas às possíveis dificuldades para encontrar trabalho se o/a jovem apresenta tatuagens ou *piercings* no corpo; questões do corpo e da sexualidade, do namoro, preconceitos; se na escola alguém trabalha questões do corpo; quais ênfases têm sido trabalhadas nas aulas quando estas se referem aos corpos; como reagem gurus e gurias aos conteúdos trabalhados em aulas quando estes se referem aos corpos masculinos e femininos.

No quinto, a discussão desenrolou-se em função de cinco perguntas orientadoras distribuídas a dois grupos mistos (de gurus e gurias), quais sejam: 1) O que é ser jovem guri nos dias de hoje?; 2) O que é ser jovem guria nos dias de hoje?; 3) Quais são as coisas que os demais sujeitos cobram/exigem dos/as jovens gurus e gurias em nossos dias?; 4) Vantagens e desvantagens de ser jovem guri nos dias de hoje; 5) Vantagens e desvantagens de ser jovem gurias nos dias de hoje.

No sexto encontro, os/as participantes foram reunidos em dois grupos (um masculino, outro feminino) para discutir e responder (através de esquemas, escritas e desenhos) duas questões orientadoras que foram as mesmas para os dois grupos: 1) O corpo vai à escola: os diferentes jeitos ou estilos de apresentação do corpo jovem de gurus e de gurias, influenciam no convívio na escola?; 2) O corpo como passaporte para o trabalho: os diferentes estilos de apresentação do corpo jovem, de gurus e de gurias, influenciam para a entrada no trabalho?.

No último encontro, que foi realizado no dia 31 de outubro de 2004, atendendo a uma sugestão do grupo e também como forma de agradecimento às suas contribuições para a pesquisa, foi realizada uma retomada do percurso do trabalho desenvolvido até então e a conclusão do mesmo. Além disso, foi feita uma confraternização que também contou com a presença da orientadora deste estudo (a Prof^ª. Dr^ª. Jane Felipe) que

agradeceu ao grupo e à escola pela disponibilidade, participação e interesse assumidos com esta investigação.

2.4 Breve comentário sobre o procedimento das gravações

No primeiro encontro gravado, senti o grupo menos à vontade e no segundo, falei a respeito com os/as participantes, havendo concordância de alguns/algumas deles/as de que o gravador inibia suas falas. Retomei então a necessidade de gravarmos e sobre o que havíamos combinado por ocasião da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, quanto ao uso exclusivo das fitas para as transcrições e sua extinção após a pesquisa realizada. Conversar sobre a necessidade das gravações foi interessante e a partir de então, houve tanto quem fizesse questão de falar e dar suas opiniões quanto quem demonstrasse algum constrangimento diante dessa circunstância e falasse menos, no decorrer dos encontros.

2.5 Quanto ao sigilo dos nomes dos/as alunos/as

Diante da necessidade de preservação do sigilo dos nomes dos/as participantes do Grupo, cinco gurus e sete gurias, listei seus nomes em ordem alfabética, atribuindo-lhes nomes fictícios¹³, numerando-os de um a doze. Pensei também que a sigla JP, significando Jovem Participante poderia ser apropriada, seguida da letra M ou F segundo o sexo masculino ou feminino; apresento, a seguir, os 12 nomes fictícios e siglas, incluindo os gêneros, masculino, feminino e idades, para o entendimento das falas integrantes do conjunto da pesquisa

NOME	SIGLA	IDADES
Carolina	JPF1	15 anos
Clarice	JPF2	15 anos
Diogo	JPM3	17 anos

¹³Para não ficarem apenas as siglas dos nomes dos/as jovens do grupo e como eticamente não seria recomendável citar seus nomes próprios - vide o compromisso ético estabelecido através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - entendi como possível designá-los/as com outros nomes, o que me parece mais interessante e mesmo respeitoso com todos/as eles/as.

Edson	JPM4	14 anos
Francine	JPF5	14 anos
Juliana	JPF6	13 anos
Leandro	JPM7	14 anos
Marcos	JPM8	13 anos
Maria Luiza	JPF9	14 anos
Sérgio	JPM10	13 anos
Tamara	JPF11	15 anos
Úrsula	JPF12	18 anos

2.6 Categorizando informações

Para subsidiar minha pesquisa - no que se refere à possibilidade de utilização do software QSR Nvivo 2.0 como um auxílio na categorização das informações obtidas nos encontros com o Grupo Focal - e também informar a respeito desse dispositivo, aos possíveis leitores/as desta pesquisa, procedi à leitura do artigo escrito pelas pesquisadoras e autoras, Bianca Guizzo, Clarissa Krzimirski e Dora Oliveira (2003) valendo-me de suas experiências e aprendizagem na prática deste recurso em sua pesquisa intitulada *Educação, saúde, gênero e mídia: um estudo sobre HIV/AIDS – DSTs com agentes comunitários/as de saúde do Programa de Saúde da Família em Porto Alegre, RS*¹⁴.

Segundo essas autoras,

O *software QSR Nvivo 2.0* pode ser utilizado para a análise de dados em várias áreas, como por exemplo: nas ciências sociais, nas ciências humanas, ciências da saúde e marketing. Para a utilização do *QSR Nvivo 2.0* não há quase restrições quanto às metodologias de investigação e os modos de coletar dados empregados na pesquisa. Contudo, um dos limites do *software*, é a sua impossibilidade de analisar documentos com dados quantitativos (GUIZZO *et al.*, 2003, p. 54).

Contando com o aporte teórico e experiência dessas autoras, posso registrar que,

¹⁴ Tal pesquisa foi desenvolvida com financiamento do Ministério da Saúde (CN-DST/AIDS) e UNESCO e coordenada pela Profa. Dra. Dagmar Meyer da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Uma das maiores vantagens do *QSR Nvivo 2.0* é a sua capacidade para operar e agrupar uma diversidade de dados que tenham algo em comum. Os dados podem ser do tipo: diário de campo, transcrições, documentos copiados, observações, entrevistas, análise de documento, revisão de literatura, etc. O *software* é particularmente útil na administração e síntese das idéias do pesquisador, permitindo que se realizem mudanças nos documentos com que se está trabalhando, sendo possível acrescentar, modificar, ligar e cruzar dados (...) (GUIZZO *et al*, 2003, p. 55).

Entendo como significativo também registrar, que diante de meu incipiente conhecimento e acesso a esse recurso, para a organização e categorização de informações de pesquisa, precisei – e felizmente houve essa possibilidade – solicitar o assessoramento técnico de quem já trabalhou¹⁵ com o *software QSR Nvivo 2.0* em outras pesquisas, para me auxiliar na organização das informações obtidas no processo de operacionalização de informações coletadas com o Grupo Focal.

Nesse trabalho, é preciso dizer que houve, a partir da leitura do conjunto das transcrições, uma tomada intencional de algumas categorias e não de outras, visto que muitas das informações colhidas não diziam respeito especificamente aos interesses da pesquisa em questão.

O aproveitamento das informações foi organizado com o auxílio do *software* segundo dois Eixos, Corpo e Educação, como referências iniciais, a partir das quais foram associados Sub-Eixos, sendo que ao Eixo Corpo foram relacionados/as, Gênero e Arte, e a cada um destes, foram atribuídos desdobramentos específicos.

Ao Eixo Educação, foram relacionadas Educação Escolarizada e Outras Pedagogias ou Instâncias Culturais, sendo que a cada uma destas foram conferidos desdobramentos especiais.

Gostaria de explicitar que, mesmo tendo feito algumas divisões, como as que anteriormente citei, com a finalidade de visibilizar as informações obtidas no processo, compreendo que todos esses campos de conhecimento convivam simultaneamente, disputem lugares e prestígios e assumam posições contextuais.

¹⁵ Na categorização das informações através do *software QSR Nvivo 2.0* contei com o assessoramento técnico da mestranda Bianca Salazar Guizzo, profissional que vem assessorando pesquisadores/as na utilização do referido *software*.

Talvez essa seja uma das angústias com as quais se deparam pesquisadores/as, diante desse movimento do pensamento, que tudo pensa, mexe e remexe, tira e troca de lugares as coisas, deixando-nos em grande parte do tempo na incerteza, lidando com as dúvidas, com o inesperado e com o imprevisível. Tempos contemporâneos!

Como disse um dos jovens alunos, em um dos nossos encontros - para alcançar um de seus objetivos - *precisei fazer massa [de cimento]*. (Diogo, JPM3, 17 Anos, 1º encontro, 12/09/2003) falando sobre as práticas, sobre as experiências que tanto contam e são imprescindíveis em nossas vidas, no processo de aprendizagem e de constituição do conhecimento. Percebo que aprendi com ele, ainda que, no momento, não necessariamente para comprar um tênis da moda, como foi para ele, mas quem sabe, para mais adiante, ter condições de escrever um bom artigo, sobre essa vida inquieta e intensa de pensar, no trânsito “movimentado” de tornar-se pesquisador/a.

A seguir apresento os Eixos temáticos que constituíram a diagramação principal da pesquisa, a partir dos quais foram sendo compostos Sub-eixos e Desdobramentos, estabelecendo então os requisitos para uma possível análise cultural, através das informações coletadas com os/as jovens.

EIXOS	SUB-EIXOS	DESDOBRAMENTOS
Corpo	Gênero	<ul style="list-style-type: none"> • Práticas corporais femininas; • Práticas corporais masculinas; • Estilos para gurus; • Estilos para gurias; • Semelhanças, diferenças e aproximações; • Outras opiniões.
	Arte	<ul style="list-style-type: none"> • Que tipo de arte fazem; • Com quais objetivos; • Efeitos; • Estilos de diferentes grupos: <i>punks</i>, roqueiros/as, patricinhas, <i>playboys</i>, pagodeiros/as, maloqueiros/as. • Procedimentos; • Espaços de circulação.
Educação	Escolarizada	<ul style="list-style-type: none"> • o que ensina; • como ensina; • como reagem às questões dos corpos: alunos/as, professores/as, funcionários/as; direção, familiares, outros/as.
	Outras pedagogias/ instâncias culturais	<ul style="list-style-type: none"> • o que ensinam; • como ensinam.

PARTE III

3. UMA POSSIBILIDADE DE ANÁLISE CULTURAL

3.1 Algumas questões com as quais me deparei no decorrer dos trabalhos

Na perspectiva de constituir uma possibilidade de análise cultural dos acontecimentos que transcorreram em meu processo de pesquisa, penso em apresentar algumas questões com as quais me deparei no decorrer dos trabalhos. Essa história, ou algumas de suas cenas, fazem parte de nossa atualidade, ou tempos contemporâneos, dos quais falamos tanto, talvez com a ilusão de que possamos entendê-los, um dia ou uma noite dessas. Em tempos de 2004 e adjacências, na rede desses tempos imponderáveis, temos sido acompanhados/as de muitas inseguranças, medos, aflições diversas, a par de tantos incentivos e programações para que façamos investimentos e tenhamos saúde e qualidade de vida, entre outras propostas nessa direção. Desestabilizações, individualismos e indiferenças têm sido, no entanto, hóspedes, de nosso cotidiano, grudando-se em nós, como uma doença que parece vir para ficar, contrariando qualquer resquício da lógica da provisoriedade e suas parcerias. E é nessa sucessão de dias e horas, nada lineares ou tranquilos/as, ao contrário, quase sempre pelo avesso dessarrumado, ou sem rumo, em meio a um turbilhão de coisas incompreensíveis, que me deparei com um grupo de jovens, guris e gurias - como uma provocação, felizmente! - e com quem “passo a passar uns tempos”, para ter companhia e inspiração, no pensar e no escrever essa dissertação.

Nossos encontros, constituídos com um grupo de doze jovens, cinco alunos e sete alunas, com idades entre 13 e 18 anos, estudantes de oitavas séries, no período intercalado de julho a outubro de 2003, levantam inúmeras questões que “dão o que pensar” sobre vários temas contemporâneos. Na pesquisa que realizei, optei por estudar e investigar as temáticas de corpo, gênero e juventude na educação escolarizada, me deparando com questões muito intrigantes nesse circuito, procurando enfatizar, dentro do possível, questões relacionadas à categoria de gênero. Durante a realização dos encontros com os/as estudantes, algo me fazia sentir como se fôssemos (o grupo de jovens, Bianca e eu), um anexo, um apêndice, algo secundário que até poderia, com o tempo, vir a incomodar. Como se fôssemos um pedaço despregado, um corpo de sobra, ou uma sobra de corpo, se quisermos, sendo que o que transcorria dentro da sala em nossos encontros e diálogos, parecia não fazer eco, ligação ou ressonância, com os demais acontecimentos da escola. Por alguns momentos cheguei a pensar que talvez fossem assim, os demais encontros, as relações, as aulas, os eventos, de um modo geral

nessa instituição: alguns agrupamentos, com alunos/as e professores/as, talvez alguns em contato, outros/as sozinhos/as, no cada um/a por si, fazendo alguma coisa, aparentemente sem ligações com o conjunto maior, nas relações com a vida e com o mundo. Ieda Tucherman (1999, p. 16), produzindo questões sobre nossa contemporaneidade, diz “(...) Eu sou na medida de minhas conexões”, referindo-se ao que hoje define nossa subjetividade, assim como nosso corpo.

Essas impressões provavelmente tenham se constituído na conjunção de vários fatores, dentre eles a constatação que obtive - a par da Direção sugerir a realização do trabalho com as oitavas séries, considerando que os/as alunos/as já estavam convivendo há mais tempo juntos na escola e que isso poderia favorecer a interação do grupo no decorrer da pesquisa - de que colegas da mesma turma, que se inscreveram para o trabalho, ainda não interagiam, não haviam se aproximado assim, nem sabiam bem os nomes uns/umas dos/as outros/as. A reunião de participantes das três turmas, causou impacto, de início, sendo que possíveis desistências de muitos/as dos/as interessados/as, por ocasião do convite à participação na pesquisa, podem, a meu ver, ser atribuídas a esse aspecto, ou seja, houve constrangimentos, talvez intensos, diante do anúncio de que o grupo seria composto de alunos e alunas das três oitavas séries! Então creio que tais impressões podem ir dizendo algo da cultura desse lugar escola, dos seus jeitos de trabalhar e de conviver, forjando-me a pensar sobre o que naquele espaço-lugar-escola se faz, como se faz, com quais objetivos, com quais experiências e com quais prazeres - ou desprazeres - nesse vai e vem diário, com o tempo passando por nós e nós por ele.

Preciso falar e contar desse cenário, desse contexto onde realizei a pesquisa, através da qual posso estar pensando essas e outras questões e sua produtividade, quem sabe rompendo com o que estou aqui a questionar, produzindo alguma transformação nesse pensar a escola e seu cotidiano, sem perder de vista a que se destina e como vem operando suas práticas, especialmente com jovens, muitos/as provavelmente freqüentando-a desde a infância.

Desde os contatos iniciais, nos preparativos, acordos, encontros de “aquecimento” com o grupo e Encontros com o Grupo Focal propriamente ditos, nesse tempo de convívio e de produção de impressões ou “marcas”, com as quais fui convivendo, uma das sensações que tive nesse percurso, era da escola sendo uma grande casa repartida, com várias peças e lugares, cada uma das divisões/salas, com alguns contatos acontecendo, algum movimento, por vezes estridente, noutros como se repentinamente os barulhos e sinais de vida diminuíssem, fossem enfraquecendo.

Depois, com o passar dos dias e dos encontros, percebi que enquanto trabalhava com o grupo, o lado de fora, também estava presente, querendo entrar, sendo que houve vezes em que alunos/as de outras turmas vinham até nossa porta, ver o que lá acontecia, querendo participar do lanche conosco, ou entrar, por curiosidade, perguntando sobre o que estava acontecendo ali, que reunião era aquela e perguntas desse tipo. Creio que o grupo da pesquisa, especialmente por conviver nesse espaço diariamente, sentia esse “fora” também. Uma exterioridade que entrava, fosse através de outros/as alunos/ as, ou por outras possibilidades, não sei bem por onde, isso não importa tanto, mas entrava e de algum modo nos atingia. No mínimo o agudo e penetrante, quase ensurdecedor barulho da sirene, marcando a divisão dos períodos das aulas era assíduo freqüentador de nossos encontros. Vai ver a sirene gritava por todos/as, publicando algumas agonias que por lá circulavam.

Dentro das outras salas, ou peças da escola, se ouvia, vez ou outra, algum alvoroço, que vinha acompanhado de “bandos” de jovens saindo para o pátio, no provável e “esperadíssimo” horário do intervalo, para conversar, rir, ficar perto, fazer um lanche, caminhar, “soltar o corpo”, olhar uns/umas para os/a outros/as, ir ao banheiro, comentar a respeito das aulas e dos/as professores/as, contar coisas que na sala de aula ainda não comparecem, falar de coisas simples do cotidiano, da novela, algo da família, do futuro, preocupações, desejos, comemorações, perdas, aniversários, namoros e tantos outros papos que rolam quando se está no intervalo de qualquer coisa, especialmente quando essa “coisa” não faz muito “gancho” ou relação com nossos desejos e expectativas. Fazia algum tempo que eu estava afastada de uma escola e suas intercorrências e essa distância, que não passa de dois anos, foi um recuo muito interessante, creio que necessário, possibilitando que eu pudesse me “afastar um pouco do espelho” e enxergar com mais nitidez, alguns acontecimentos dos quais certamente eu fazia parte, como faço de outros, atualmente.

Voltando aos espaços da escola, arrisco-me a pensar que há salas por lá, como em outras também, talvez cheias de gente, jovens, crianças, professores e professoras e que podem estar na expectativa de que algo interessante aconteça, surpreenda, que algo quebre com a rotina, com o já conhecido, que a vida entre e se espalhe por todos os espaços. Essa turma toda, supõe-se, já cresceu por dentro e por fora, ou ao contrário, e segue, presumivelmente, na escola de outros tempos, convivendo com as “mesmas muitas coisas” de outrora, como digo, referindo-me às práticas pedagógicas e às relações estabelecidas nesse processo, a disposição das salas e lugares, dos móveis e

tudo o mais, que já não servem às expectativas, aos tempos da atualidade, como roupa na qual já não se entra mais dentro, porque se aumentou de tamanho e de desejo, porque se tem outras necessidades, outros sonhos, se quer outros movimentos, outros modos de vida e de comunicação, outras experiências.

Prosseguindo então o relato dessa história, pela qual, creio, ninguém mostrou-se completamente indiferente, passo a trazer ao texto, algumas questões, sobre as quais conversamos, no que diz respeito à temática da pesquisa, relacionada a corpo, gênero, juventude e arte na educação escolarizada. Em nossos encontros, as conversas foram razoavelmente animadas, nuns dias mais, noutros menos, mas houve interação e produção de *insights* entre nós, o que me possibilita pensar algumas novas questões, sobre as quais ainda não havia me debruçado.

Penso que nesse clima de pensar e de criar, acompanhada daqueles/as jovens, de seu ímpeto pela vida, de seu bom-humor e franqueza, posso estar abrindo uma possibilidade de pensar e de escrever, me colocando dentro dessa história, na qual me engancha e com a qual me relaciono, energizando especialmente minhas mãos – ainda sem tatuagem!- nesse momento de escrita ou de escritura, quando inscrevo também meu desejo, deixando por aqui meus rastros, numa história que talvez, com o tempo, se apague na areia, como tantas outras, feito os dizeres que Foucault nos oferece, ao concluir seu livro *As palavras e as coisas* (1995).

Como anunciei na Apresentação, constituí a análise contando com diversas vozes, tanto com alguns depoimentos dos/as jovens, quanto de alguns/algumas teóricos/as e analistas culturais, acrescidas/os de minhas palavras, construindo, se possível, um outro texto, constituindo prováveis formulações produzidas nesse pensamento coletivo.

3.2 Numa composição de vozes, uma possibilidade de análise cultural

Atravessado o caminho, deparo-me então com o compromisso, tão complexo quanto todo o percurso da pesquisa, de contar, ao final das contas, quais foram os achados, as novidades, as surpresas, do que pude escutar e entender, das falas dos/as jovens com quem trabalhei nas “lidas” deste processo investigativo, evidentemente não me proponho a dar conta de totalidades, até mesmo porque isso vai de encontro à abordagem teórica na qual essa Dissertação se insere.

A “bem da verdade”, ou para ser honesta, digamos assim, se eu pudesse hoje retomaria muitos aspectos com o grupo, mas a vida não tem muito disso não. A gente vive o possível, dentro de um tempo e de algumas possibilidades e aprendemos com o que passamos e com o que passa por nós.

Em minhas andanças pelas escolas onde trabalhei, ora como professora, ora como psicóloga, sempre gostei de trabalhar com crianças, com jovens e com adultos que eram os/as professores/as das escolas. Depois, com o andar dos tempos e das experiências, minhas práticas profissionais foram se encaminhando mais para o trabalho com jovens e adultos e, atualmente, venho trabalhando com jovens e adultos no processo de escolha profissional.

O processo de mestrado, no início foi mais demorado e “nebuloso”, com relação à definição do projeto de dissertação, com os contatos, aulas, orientações e discussões, aos poucos fui delineando algum caminho, ainda que de modo incipiente, mas, com o tempo, as experiências e mais fôlego, fui conseguindo definir a proposta e chegar às práticas do trabalho de campo, no convívio com jovens, alunos e alunas, e o diálogo necessário, aos fins dessa pesquisa, aconteceu de modo prazeroso e obtive – obviamente dentro de um possível – informações necessárias ao processo de análise cultural que agora me proponho a apresentar.

Entendo como interessante referir que os/as alunos/as, foram muito colaboradores/as, comparecendo aos encontros, em várias sextas-feiras pela manhã, o que inicialmente, eu temia que pudesse não dar certo. A frequência foi muito boa, assim como a participação nas discussões. A questão do uso do gravador, inicialmente inibiu um pouco a turma, mas depois, as conversas foram transcorrendo regularmente, sendo que houve alunos/as que fizeram questão de falar porque o encontro estava sendo gravado e outros/as que se inibiram justamente pela inserção do gravador, mais especificamente, Maria Luiza e Marcos¹⁶.

Também a continuidade dos encontros, com frequência de um encontro semanal com duração de 2h, foi viável, diante das agendas que iam se “enganchando”, o grupo que ia interagindo, à medida que iam convivendo e sentindo-se mais à vontade uns/umas com os/as outros/as, conversando também durante a semana, nos espaços escolares, comigo e com a colega Bianca, nos encontros agendados.

¹⁶ Os nomes são fictícios.

Quanto aos temas trabalhados, entendo como possível discuti-los por associação, segundo minhas possibilidades, servindo-me da categorização, de acordo com possíveis afinidades, ou articulações, uma vez que a diagramação didática pode nos ajudar na visibilização dos temas, mas não se faz obrigatória, nem estratégica no processo de discussão e da análise.

3.2.1 Artes e estilos inscrevendo corpos

No 1º encontro, o grupo trabalhou na composição de corpos/personagens masculino e feminino. O grupo que trabalhou no corpo jovem masculino, contornou, no começo da tarefa, o corpo de um dos participantes, o aluno Diogo (17 anos), declaradamente um “roqueiro”, sendo que a apresentação da tarefa de representação do personagem/jovem masculino, iniciou por este aluno, o qual referiu que teriam desenhado um jovem *punk*, como se pode observar na fotografia ao lado:



A partir desse desenho que os/as jovens produziram, desenrolaram-se algumas discussões:

(...) eu tentei fazer alguma coisa parecida com o Supla¹⁷, como eu sabe!? (...) é pra ser um punk isso aí. Ele usa piercing, dá pra ver na cara que ele é meio louco! (Diogo, JPM3, 17 anos, 1º encontro, 12/09/2003)

(...) o piercing não é só punk que usa. Todo mundo usa. (...) tem um monte de gente que usa piercing porque gosta, porque acha bonito, é tipo um enfeite, que nem é o caso da tatuagem. (Leandro, JPM7, 14 anos, 1º encontro, 12/09/2003)

(...) eu tenho uma tatuagem, um anjinho nas costas, e eu tenho piercing no umbigo e no nariz. E eu quero fazer outra [tatuagem] agora. E eu não sô punk ... eu acho bonito! (Francine, JPF5, 14 anos, 1º encontro, 12/09/2003)

¹⁷ Supla: cantor e compositor paulista, conhecido como um dos expressivos roqueiros do país.

(...) [as] gurias usam [mais] *piercing* do que os caras. (...) acho que é porque elas gostam, porque elas acham bonito ... no nariz, no umbigo. (Leandro, JPM7, 14 anos, 1º encontro, 12/09/2003)

(...) a maioria dos homens tem tatuagem, eles colocam pelo corpo todo e as mulheres têm mais *piercing*. (Francine, JPF5, 13 anos, 1º encontro, 12/09/2003)

Levando em conta as considerações realizadas pelos/as alunos/as, é interessante agregar a esse texto a argumentação de que “um investimento contínuo é realizado sobre [os corpos]: próteses, pinturas, aromas, adornos, roupas, tatuagens, implantes, cosméticos, [*piercings*] são agregados para se tornarem, também, códigos identitários” (LOURO, 2000, p. 62)

Cabe destacar que nas falas, tanto de guris quanto de gurias, o uso de *piercings* tem mais de um significado, podendo tanto estar associados aos/às jovens *punks*, considerados “meio loucos/as”, quanto estar associado a um acessório da moda, um enfeite, podendo ser utilizado tanto por garotos quanto por garotas, na sociedade de um modo geral, embora com diferenças no estilo dos *piercings*, visto que gurias, segundo o grupo, usam *piercings* “mais delicados”, tanto no que se refere à forma, como no que se refere ao tamanho e ao local de sua colocação. Meninas em geral usam *piercings* nas sobrancelhas e no umbigo, sendo feitos aí para serem expostos, mostrados, publicados. Quanto às tatuagens, também consideradas como enfeites, fazem desenhos “mais delicados”, em tamanho pequeno e suas características dizem respeito a seres da natureza, como bichinhos diversos, citados no diminutivo (florzinhas, golfinhos, anjinhos, estrelinhas, etc.).

Rapazes, em geral, de acordo com os/as participantes do Grupo Focal, usam *piercings* nas sobrancelhas, na língua, no queixo e nas orelhas. Quanto às tatuagens masculinas, segundo eles/as, os desenhos são maiores, podendo ser “tribais”, relacionados a animais ferozes, perigosos e fortes, simbolizando coragem e valentia. Através destas falas podemos constatar e relacionar diferenças culturais, *marcas* ou *inscrições culturais* de gênero, também concebidas e materializadas nos corpos. Fica visível que ao feminino ainda se atribui expectativas como fragilidade, prudência, necessidade de proteção, ingenuidade, uma certa infantilidade, quando se referem a termos no diminutivo, entre possíveis outras designações. Ao masculino atribuem-se expectativas, *marcas* e *inscrições culturais*, como maior capacidade de suportar dores,

como demonstração de valentia e virilidade, fazendo enormes tatuagens pelo corpo todo, sendo comentado que o procedimento para tatuar o corpo é dolorido e demorado. Nessa questão do suportar dores, como demonstração de coragem masculina, lembrei da questão relacionada aos partos, considerados - pelo senso comum- como sendo da “natureza” feminina dar à luz, com dores, como uma obrigação naturalizada das atribuições femininas. Nesse breve relato, é possível presenciar diferenças “adaptadas” ou “naturalizadas” nas concepções dos gêneros, masculino e feminino, sendo repetidas e, talvez, perpetuadas pelos/as jovens na escola, ainda sem nenhuma problematização.

Também há depoimentos de gurias e de guris que não concordam e questionam as práticas de uso de *piercings*, tatuagens e outros enfeites:

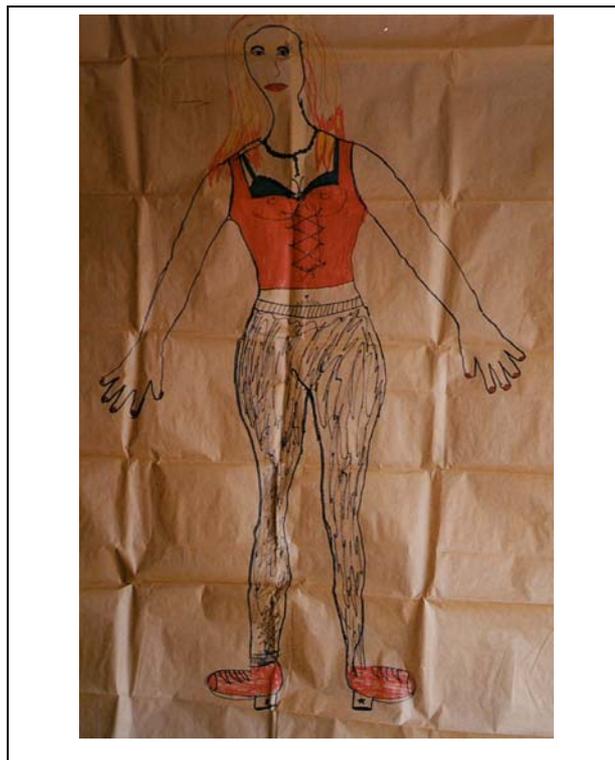
(...) nós temos o dever de cuidar bem do nosso corpo, eu tenho essa opinião. A gente pode enfeitar o corpo (...), mas sem danificá-lo. A mulher tem que usar brinco, mas não aquele monte de buraco, encher de brinco assim sabe?! Mas também não sou contra quem usa. Eu particularmente não usaria. (...) eu acho que ela [mulher ao colocar piercing e tatuar-se] estaria enfeitando demais o seu corpo! Eu acho que ela estaria colocando o seu corpo à mostra.(Úrsula, JPF12, 18 anos, 2º encontro, 19/09/2003)

(...) é como se ela não tivesse satisfeita com o corpo (...) precisando colocar tatuagem, piercing ... (Edson, JPM4, 14 anos, 1º encontro, 12/09/2003)

(...) sobre a questão do silicone já é (...) bem diferente do que colocar piercing ou tatuagem. A mulher tá querendo se arrumar e eu não sô contra isso. Nada a vê ... ela quer arrumar o corpo dela, não é porque ela tá querendo se mostrar! (Diogo, JPM3, 17 anos, 1º encontro, 12/09/2003).

Importante referir ainda o quanto esta seara de discussões referentes ao corpo, por exemplo, é permeada por diversos atravessamentos (de gênero, de raça, de religião, de geração, entre outros) que produzem conflitualidade, deslocamentos, aprovações, reprovações, resistências. Com referência ao uso de silicone, tive a impressão de que o aluno estava considerando que se a mulher tem “um defeito de fabricação da natureza”, neste caso seria legítimo fazer uso do silicone, afinal, estaria submetendo-se a um “conserto”, do ponto de vista masculino, quem sabe, necessário, compreensível e de direito.

Na representação do corpo jovem feminino, houve críticas do grande grupo e depoimentos de que o corpo jovem feminino representado não retratava um corpo jovem dos tempos contemporâneos. Na hora da escolha do corpo a ser contornado não percebi se o grupo indicou a colega Úrsula (18 anos), ou se ela se ofereceu para servir de “modelo”. A produção do grupo que desenhou/representou o corpo feminino pode ser observada na fotografia ao lado:



A partir da apresentação da jovem personagem feminina, alguns depoimentos e comentários do Grupo, foram:

(...) eu acho assim ó ...cabelo tá na moda desse século, a roupa do século passado.(Diogo, JPM3, 17 anos, 2º encontro, 19/09/2003)

(...) eu acho meio estranho. (Úrsula¹⁸, JPF12, 18 anos, 2º encontro, 19/09/2003)

(...) o corpo dela é bonito! (Tamara, JPF11, 15 anos, 2º encontro, 19/09/2003)

(...) ela tinha que tá usando uma calça boca larga de brim não assim ... de boquinha pequeninha (...) eu e as minhas amigas a gente chama aquilo ali de boca de pinto. E quase ninguém mais usa assim sabe?! (Francine, JPF5, 14 anos, 2º encontro, 19/09/2003)

(...) e quem usa [esse tipo de calça] é bem brega! (Tamara, JPF11, 15 anos, 2º encontro, 19/09/2003)

A composição e as discussões sobre o personagem masculino e a personagem feminina, foram diferentes, desde o envolvimento dos grupos na realização da tarefa, ao momento de apresentação dos resultados. No seu conjunto, a apresentação do personagem masculino mostrou-se mais atenta aos dias atuais, em diversos aspectos. Foi representado um corpo masculino jovem, segundo um dos possíveis estilos, sendo

¹⁸ Aluna de quem o grupo contornou o corpo para a realização da tarefa proposta no 1º encontro em 12/09/2003.

que o desenho reportou-se à configuração de um corpo jovem *punk*, como foi intitulado. O corpo feminino chegou a ser denominado por um dos guris de “...é mais ou menos uma máquina do tempo” (Leandro, JPM7, 14 anos, 2º encontro, 19/9/2003). A representação do corpo feminino configurou, conforme o Grupo, um corpo jovem feminino de “outros tempos”, que não o da atualidade, segundo as possíveis expectativas, voltadas ao que seria um “corpo em forma” ou um “modelito”, ditado pelos meios de comunicação de um modo geral. As questões sociais e relacionais surgidas no Grupo, subjetivando jovens (e também os adultos) na atualidade, especialmente no grupo com o qual trabalhei, remete às interpelações da mídia e dos ditames das relações de poder que vão produzindo alterações e estabelecendo necessidades na população, fazendo girar uma série de interesses políticos, sociais, financeiros, entre outros, que vão se constituindo, na mescla da qual todos/as fazemos parte.

Cabe destacar que, como alguns jovens discutiram ao longo dos encontros, para que possamos “fazer parte” de um determinado grupo é preciso não só desejar mas também ter determinados produtos e modos de ser e de se vestir. Como apontou a aluna Tamara (JPF11, 15 anos, 2º encontro, 19/9/2003), referindo-se às “patricinhas” da escola, *têm que combinar o brinco com o tamanco, o tamanco com o cinto, a blusinha com o brinco, se não tá excluído [do grupo de patricinhas]*. Talvez contraditoriamente, Tamara também diz, insistentemente, em momentos do encontro no grupo, que também gosta de usar *tudo combinando*. Em decorrência dessas considerações, podemos dizer que este é o nosso mundo contemporâneo, impondo necessidades, produzindo nossos desejos, fazendo-nos correr feitos “loucos” atrás do que nem sabemos com nitidez do que se trata, pois há uma trama de negociações que vão se constituindo em nosso cotidiano, no passa-passará das falas, da linguagem, em suas variadas modalidades, levando-nos nessa gigantesca onda, em que precisamos aprender rapidamente a “surfear”, sob pena de estarmos “fora”.

Como bem argumenta Ruth Sabat (1999) o valor simbólico apresenta-se como um fator frequentemente presente nos discursos e é por meio dele que vão sendo tecidas as relações entre produtos [entendidos, em minha pesquisa, como roupas, *piercings*, tatuagens, etc.] e consumidores/as, a partir desse valor que determinados produtos despertam em nós “algo tão subjetivo como o desejo: o desejo de ter, o desejo de ser

(...) [esses produtos] podem controlar e conduzir desejos, que solucionam nossos problemas, que dizem coisas a respeito de nós mesmos/as” (SABAT, 1999, p. 77-79).

Nos comentários gerais na apresentação dos trabalhos, referentes à representação dos/as jovens e seus corpos, masculino e feminino, pude perceber maior descontração na interação durante as atividades de confecção do corpo masculino, com risos, brincadeiras, comentários, que transpareciam divertimento entre o grupo.

Na composição do corpo feminino, houve uma certa dispersão, os colegas demonstravam não se sentir à vontade para criticar ou comentar, [embora o tenham feito], mediante a presença da colega que serviu de “modelo” para o contorno de seu corpo no papel pardo. Era como se o grupo a tivesse desenhado com suas características, valendo-se da oportunidade para ironizar seu modo de vestir-se e provavelmente de comportar-se junto aos demais¹⁹.

Associando as falas dos/as jovens, aos objetivos com os quais, segundo o Grupo Focal, “jovens fazem artes”, pintando cabelos com diferentes cores, colocando *piercings*, fazendo tatuagens, compondo estilos e variadas aparências, através da *mixagem*²⁰ de roupas e de acessórios, inventando combinações e superposições, entre outras modalidades, pergunto a respeito dos/as jovens de sua escola e seus depoimentos dizem:

(...) tem gente que fura a orelha, que fura o nariz, o umbigo... é um enfeite como qualquer outro que tem no corpo. Não é questão de querer se aparecer. Imagina se todo mundo usasse igual, o mesmo brinco. Eles querem mudar, não querem sê todos iguais. (Francine, JPF5, 14 anos, 1º encontro, 12/9/2003)

(...) é por isso que tem muita gente que usa, pra não ficar todo mundo parecido. Tudo pode virar moda ... se tem uma coisa na moda e sai todo mundo igualzinho, daí ia ficar todo mundo louco (...) por isso que cada um tem um jeito: um anda de um jeito, o outro anda de outro e o outro de outro, pra não ficar todo mundo parecido(...).(Leandro, JPM7, 14 anos, 1º encontro, 12/9/2003)

(...) tem gente que compra essas roupas de marca só pra entrar num grupo. Assim, por exemplo: tem bastante grupos de patricinhas aqui no colégio, daí tem gente que não

¹⁹ A aluna Úrsula faz parte de uma religião que despreza a vaidade e o embelezamento feminino e no decorrer dos encontros creio que esse aspecto causou certo desconforto ao grupo.

²⁰ A palavra *mixagem* de um modo geral refere-se ao campo da música, mas, diante de um dos entendimentos possíveis às artes jovens nos corpos, dizer respeito às variadas “misturas”, na aparência dos corpos, utilizo, neste texto, a palavra *mixagem* com este significado.

consegue entrar naquele grupo, vai e compra aquela marca só pra ficar no grupo. (Edson, JPM4, 14 anos, 3º encontro, 26/9/2003)

É interessante observar quanto à coexistência das atitudes juvenis, no que diz respeito à necessidade de “marcarem diferenças” e singularidades, através de vários procedimentos, fazendo “estilos próprios”, como dizem, mas também sentirem-se demandados/as a fazer parte de um grupo ou de um estilo, com semelhantes comportamentos, valendo-se de posturas praticamente idênticas, seja nos modos de vestir, no falar, no caminhar, nos trejeitos, nos modos de sedução, ficando, enfim muito parecidos/as uns/umas com os/as outros/as.

Prestando atenção em suas falas, percebe-se o fato de atribuírem a possibilidade de fazer “artes” no corpo, ou aderir a estilos, à necessidade de se constituírem diferentes uns/umas dos/as outros/as, a diferença sendo da ordem da vida, da criação, da arte como possibilidade de não desanimar diante do tédio produzido pelas repetições, no convívio com o já sabido, com o homogêneo e uniforme. Também à exigência de pertencimento a um ou a outro grupo, com um ou outro estilo, provavelmente como uma possibilidade de não se sentir só e tendo colegas com quem conviver, na escola ou em outros espaços.

Observando seus estilos no comparecimento aos encontros, pude perceber que usavam roupas simples, fazendo algumas combinações: roupas largas e bonés, camisetas sobrepostas, pretas ou coloridas, óculos e bolsas/mochilas para carregar seus materiais escolares. Guris e gurias, com aparência de jovens estudantes urbanos/as, de uma escola pública estadual de nossas redondezas.

3.2.2 Estilo e geração

Na interação das falas do grupo, na discussão dos personagens, masculino e feminino, um aspecto que gostaria de destacar refere-se aos dizeres de duas alunas, irmãs, ambas na 8ª série, Clarice e Juliana, uma com 15 anos e a outra com 13 anos, quando falávamos da composição dos corpos, enfeites, preferências, estilos, artes para gurus, artes para gurias e elas se manifestaram contrárias à adesão aos enfeites e às intervenções no corpo delas, citando que sua mãe gosta e usa esses procedimentos:

(...) a minha mãe tem uma tatuagem daqui até aqui [apontando para a lateral do quadril] (...) é, ela tem um monte de coisa [tatuada]: flor, beija-flor. (Juliana, JPF6, 13 anos, 1º encontro, 12/09/2003)

(...) eu particularmente, eu não sou muito chegada nessas coisas para mim, mas se as pessoas querem... (...) minha mãe tem um piercing no umbigo e uma baita duma tatuagem. Logo que ela fez eu fiquei braba com ela, fiquei até sem falar com ela ... Mas ela gosta. E se eu não gosto eu não vou fazer em mim, né? Mas se eles querem fazer? (Clarice, JPF2, 15 anos, 1º encontro, 12/09/2003)

(...) uma vez a minha mãe pintou o cabelo de rosa, fiquei com uma vergonha de sair com ela, porque ela tava com o cabelo rosa (...) e quando ela colocou o piercing eu nem notei, mas eu não fiquei braba com ela. Porque era ela que tinha botado e não eu! (Juliana, JPF6, 13 anos, 1º encontro, 12/09/2003)

A questão dos estilos, relacionada à geração, fica demonstrada através dos depoimentos das alunas, que mencionam que sua mãe põe diversos enfeites e marcas no corpo e que elas, as filhas, não concordam com tal procedimento, fazendo então seus estilos nos modos de vestir. Esses depoimentos testemunham sobre o quanto em nossa atualidade, caracterizada por provisoriiedades, ondulações, efemeridades, entre outros aspectos, sujeitos masculinos e femininos, utilizam-se de seus corpos, de diferentes maneiras, para estabelecer distinções, demarcar singularidades, instituir referências, à revelia de idades e de gerações.

Estes dizeres dos/as jovens podem nos fazer pensar sobre a importância atribuída à diversidade, de alguma maneira, no modo de compor as aparências e os estilos. Composição essa que está estreitamente relacionada às culturas nas quais as pessoas – de um modo geral – estão inseridas. Nessa direção, Louro (2000, p. 61) afirma que:

o corpo não é ‘dado’, mas sim produzido – cultural e discursivamente – e, nesse processo, ele adquire as ‘marcas’ da cultura, tornando-se distinto. As formas de intervir nos corpos – ou de reconhecer a intervenção – irão variar conforme a perspectiva assumida. (...) as marcas [entendidas aqui, dentre outras coisas, como *piercings* e tatuagens] devem nos ‘falar’ dos sujeitos. Esperamos que elas nos indiquem – sem ambigüidade – suas identidades (destaques da autora).

Assim, a arte parece estar justamente, na diferença, no que pode surpreender, no inusitado e incomum, no que não se repete, para que cada um/a possa estar constituindo a sua identidade. Mesmo os *piercings*, por exemplo, são colocados, preferencialmente

em lugares no corpo, onde possam marcar uma distinção, por mais sutil e simples que seja.

3.2.3 Quem ensina a compor os estilos?

No que se refere aos modos como jovens aprendem como se enfeitar e intervir no corpo, assim como quem ensina esses procedimentos, suas colocações relacionam-se à intervenções da mídia, de modo amplo, citando dentre esses dispositivos, as reportagens, a TV, as novelas, as revistas e as pessoas que circulam nas ruas, que também são tomadas como referência e “modelos” para serem imitadas/os, em alguma coisa, em algum detalhe, no que usam, nas cores, ou mesmo nos estilos:

(...) a gente acha que as pessoas copiam o jeito de sê [das personagens] das novelas, que nem a Malhação que é uma novela pra jovens, sabe!? É uma novela bem específica pra jovem olhar. E as pessoas começam a olhar o jeito que as pessoas se vestem e começam a copiar! (Clarice, JPF2, 15 anos, 3º encontro, 26/09/2003).

(...)[Malhação] é novela pra jovens: envolve escola, envolve tudo ... namoro... (Leandro, JPM7, 14 anos, 3º encontro, 26/09/2003)

(...) a mídia vai lá e mostra estilos e tu vai lá e gosta, e tu quer usar! (Leandro, JPM7, 14 anos, 3º encontro, 26/09/2003)

(...) ela [a mídia] não obriga! (Francine, JPF5, 14 anos, 3º encontro, 26/09/2003)

(...) [a mídia] não manda tu usar, ela apenas divulga! (Clarice, 15 anos, JPF2, 3º encontro, 26/09/2003)

(...) tu vê aquele estilo [na TV], gosta e quer usar! (Leandro, JPM7, 14 anos, 3º encontro, 26/09/2003)

Em decorrência dessas falas, acho importante trazer uma argumentação de Rosa Fischer (1997, p. 61) a respeito da mídia quando ela fala que essa pode ser considerada não apenas como “veiculadora, mas também como produtora de saberes e formas especializadas de comunicar e de produzir sujeitos, assumindo nesse sentido uma função nitidamente pedagógica”.

Além disso, o que pode nos levar a pensar na política de mercado comercial, de propaganda e *marketing*, [constituídas em relações e negociações de poder], que trabalha com produtos diferentes mas sob uma mesma lógica, ao ponto do aluno comparar a atitude de uma criança ver o anúncio de um salgadinho na TV e já querer

comer, com a atitude de um/a jovem, por exemplo, ver uma roupa, outra mercadoria ou produto qualquer na mídia e sentir-se impulsionado ao consumo.

As falas desses/as alunos/as também podem nos mostrar sobre a força da mídia, em suas múltiplas modalidades e sua potência junto ao público, “ensinando” sobre múltiplos temas, para variadas idades, ao ponto de tornar um produto irresistível, seja um “salgadinho”, uma “peça de vestuário” ou algum outro objeto ou mercadoria para consumo. Assim, a mídia trata de “difundir normas e ideais na realidade aceitos por todos” (LIPOVETSKY, 1991, p. 195).

3.2.4 Cada um faz seu estilo? *Boyzinhos, patis, pagodeiros e roqueiros*

Um dos assuntos que fez “ferver” a discussão, quando se falava a respeito dos diferentes estilos de apresentação dos corpos jovens na escola, referiu-se às jovens “patricinhas”, ou “patis”, como são chamadas e aos jovens considerados “playboys” ou “mauricinhos”.

(...) esse colégio era muito bom, não tinha isso [boyzinhos e patricinhas]. Agora virou só essas pati aí. (Úrsula, JPF12, 18 anos, 2º encontro, 19/09/2003)

(...) aqui na escola não tem muito esse negócio de querer aparecer. Cada um faz o seu estilo na sua roupa. (Diogo, JPM3, 17 anos, 1º encontro, 12/09/ 2003)

(...) cada [aluno/a] se veste de um jeito. Tem roqueiro aqui [na escola], tem o pagodeiro. (Leandro, JPM7, 14 anos, 2º encontro, 19/09/2003).

(...) tem [também] boyzinhos e patricinhas. (Tamara, JPF11, 15 anos, 2º encontro, 19/09/2003).

(...) tem gente – tipo a Juliana – que gosta de usa (...) aquela blusa amarela que chega a ser fluorescente. A Vanessa ontem veio com uma calça que tipo tu olhava e chegava a doer os olhos! (Leandro, JPM7, 14 anos, 2º encontro, 19/9/2003)

(...) eu não gosto de imitar o estilo dos outros. Eu, por exemplo, uso a camisa do meu pai, uma calça apertada e um tênis de skatista. Eu sou meio do avesso, mas não gosto de imitar os outros (...) eu tenho estilo próprio. (...) a maioria dos guris também gostam de combinar, mas a única coisa que eu não gosto é que tem gente que gosta de combinar e fica folgando que o cara não é que nem ele, por exemplo assim: tem dias que eu coloco as calça[s] lá embaixo, com essa camisa aqui ... os caras falam ‘bah de camisa social e de óclinhos e gosta de andar de skate ... daí eu falo: ‘o estilo é meu, não é de vocês!’ (Diogo, JPM3, 17 anos, 2º encontro, 19/09/2003)

(...) e o pior é quando tem essas patis e elas ficam falando: ‘olha lá aquela fulana ali tem uma roupa brega, roupa ridícula’ (...) é que tem umas patis que não são legal. Tem umas que são patis mas ficam na delas, não falam da vida dos outros. Mas também têm

umas que são toda cheinha, que nem elas falam ‘aquela lá não se veste legal, eu não vou andar’.(Francine, JPF5, 14 anos, 2º encontro, 19/09/2003)

(...) [as patis] querem andar combinando, com roupa de marca ... toda bonitinha.(Diogo, JPM3, 17 anos, 2º encontro, 19/09/2003)

(...) o principal [para as patis] é roupa de marca! (Tâmara, JPF11, 15 anos, 2º encontro, 19/09/2003)

(...) [as patis] não tiram [as calças da marca Brasil Sul] só pra dizer que são pati[s].(...) algumas usam [piercing] no umbigo, na orelha. Mas no nariz, ou coisa assim, nos lugares mais extravagantes, na sobrancelha e coisa assim, elas não usam. (Francine, JPF5, 14 anos, 2º encontro, 19/09/2003)

(...) elas usam mais é piercing no umbigo.(...) usam com a barriguinha aparecendo só pra mostrarem! (Tamara, JPF11, 15 anos, 2º encontro, 19/09/2003).

(...) [pra mostrarem] que são magrinhas, bonitas de corpo!!! (...) [As patis] usam piercing de ouro, pra dizerem que são isso e aquilo. (Francine, JPF5, 14 anos, 2º encontro, 19/09/2003)

É curioso observar a respeito das críticas que os/as jovens estudantes fazem aos demais grupos, quando por exemplo, uma das jovens comenta “reprovando”, digamos assim, o procedimento das “patricinhas” ao referir que estas fazem um visual onde tudo deve estar combinando, vestuário, calçados, acessórios, etc. mas ao mesmo tempo que criticam, este ou aquele grupo, referem ter atitudes parecidas, como por exemplo, a jovem Tamara quando diz que acha *legal usar tudo combinando*. E este exemplo pode ser estendido a vários outros, tanto a guris quanto a gurias, que demonstram através de suas falas, um misto de “copiar com criar”, fazendo então, como dizem, “o seu estilo” próprio.

Gostaria de fazer ainda algumas considerações a partir das falas dos/as jovens participantes relacionadas aos possíveis demais grupos que eles/as conhecem:

(...) têm vários grupos, por exemplo: skin heads, punks e roqueiros. Eu me identifico mais com os roqueiros. Eles trabalham.(Diogo, JPM3, 17 anos, 1º encontro, 12/09/2003)

(...)cada grupo tem sua marca: os skin heads têm uma, os homossexuais têm outra, de repente tem um grupo lá que se une pra reivindicar alguma coisa e tem uma marca. (Leandro, JPM7, 14 anos, 1º encontro, 12/09/2003)

(...) os roqueiros eu acho mais legais, mas punk eu já acho que eles ... têm falta de higiene. Eles têm um mau cheiro, falta de higiene. Eles não tomam banho, já os roqueiros tomam banho (...), se arrumam melhor.(Tamara, JPF11, 15 anos, 2º encontro, 19/09/2003)

Estes depoimentos podem demonstrar sobre as marcas culturais e as posições-de-sujeito assumidas pelos/as integrantes dos grupos citados pelos/as jovens, quando estes grupos representam minorias que lutam por espaços de reconhecimento, reivindicam direitos, e espaços sociais. Nas falas destes alunos/as, principalmente de Diogo (JPM3, 17 anos) e Leandro (JPM7, 14 anos), verificam-se possíveis noções e visibilização de movimentos sociais presentes e atuantes, na sociedade e na atualidade, que podem lutar por suas questões e representação social. Entendo como importante o conhecimento que esses jovens demonstram, de algumas questões sociais, o que se coloca como promissor, no tocante a poderem prosseguir discutindo e problematizando também suas questões, em outros espaços, além do Grupo Focal. É muito relevante, ao meu ver, que possam dar-se conta das questões sociais e políticas que os/as envolvem e das quais participam, como seus questionamentos escolares atuais, por exemplo, em que seus depoimentos levantavam/evidenciavam expectativas de maior diálogo com professores e professoras, a respeito de assuntos diversos.

Escutando os/as jovens, o que fica evidente, logo de início, são suas preferências por professores e professoras com quem possam conversar e dialogar sobre assuntos que façam sentido em suas vidas, com quem possam estabelecer afinidades e bom relacionamento. Professores e professoras, preferencialmente bem-humorados/as e respeitosos/as com eles/as, que possam considerar suas possíveis dificuldades na aprendizagem de uma ou outra questão, com quem possam conversar sobre assuntos da vida, quais sejam, dentre esses, questões que envolvem a temática do corpo e da sexualidade, em seus possíveis desdobramentos.

3.2.5 “Virando massa” ou de como alcançar um estilo

Estilo, no âmbito dessa pesquisa tem a ver com modos de se apresentar, criar uma aparência, uma composição com o corpo e no corpo, utilizando-se da arte da composição, trabalhando detalhes, enfeitando ou produzindo cada parte do corpo, com diferenças ou mesmo contrastes, mas que no conjunto, “combina”, ainda que reunindo contrastes. Daí o “toque da arte”, mesclando, juntando, fazendo uma estética pessoal, onde “estranhezas” marquem singularidades. Ornamentos corporais, senhas, sinais, escritos, dizeres fazendo inscrições na superfície dos corpos, marcas culturais. Estilos

podem possibilitar aproximações, promover ou viabilizar inclusões e também produzir efeitos inversos: afastamentos, indiferenças e distanciamentos.

Ter determinado estilo não é tão simples assim, como demonstram os depoimentos dos/as jovens. Por mais que tenham críticas a determinados grupos, há um desejo de se sentirem incluídos/as e aceitos pela turma de pares. Para tanto, muitos sacrifícios devem ser feitos, não só em relação aos procedimentos impingidos no corpo (tatuagens, piercings, estratégias de emagrecimento), mas em relação aos esforços econômicos que devem ser feitos para comprar o tênis ou a roupa da moda. Estar inserido/a, para muitos desses jovens, pode representar uma possível ascensão a melhores condições de vida para também poderem ter acesso aos bens materiais que sua geração está usando. Diogo, ao referir que precisou virar muita massa [de cimento] na obra, para adquirir seu tênis preferido, mostra como se dá essa dinâmica:

(...) tem um cara que fica folgando em mim, fica me chamando de playboy, porque ele diz que eu ando com esse tênis aqui, mas ele não me viu na enxada virando massa[de cimento]!(...) o cara fica me chamando de playboy, mas eu virei massa pra comprar esse tênis aqui! (Diogo, JPM3, 17 anos, 2º encontro, 19/09/2003).

Nesse trânsito de jovens e seus relacionamentos, aproximações e inserções, quanto aos meios pelos quais alguns/mas se utilizam para estar na moda, Tamara também traz um exemplo relevante:

Tem umas [gurias “patricinhas”] que vão até o fim do mundo pegar roupa dos outros pra vim [pra escola] combinando. E depois no outro dia tem que devolver e se juram! (Tamara, JPF11, 15 anos, 2º encontro, 19/09/2003)

Sendo assim, adolescentes seguem aprendendo com o contexto do mundo, ligados/as às interferências poderosas da mídia e aos ditames que na atualidade valorizam e glorificam certos corpos e estilos produzindo significados tão contundentes. São muitos os esforços que a “turma jovem” empreende, para se sentir dentro, inserido/a, tendo companhias. Cada sujeito compõe seu estilo tentando se sentir parecido/a com os/as integrantes de um ou mais grupos, diferenciado-se de outros, atraídos/as pelos produtos que compõem variados visuais, o que estabelece o que deve ou não fazer parte da aparência, este ou aquele acessório, esta ou aquela calça, configurações de cabelos, entre outros itens que devem compor os diferentes estilos dos corpos jovens, em nossa atualidade. Essa composição do visual parece nos dizer a todo

o tempo o que somos ou o que não somos; se temos ou não prestígios. Nesse sentido, Denise Sant’Anna (2001, p. 68) ao falar sobre a importância atribuída a determinadas formas de ser no mundo contemporâneo realiza interessantes comparações:

‘Meu carro corresponde àquilo de que gosto, àquilo que sou, independentemente das minhas heranças genéticas, das minhas filiações culturais e de classe, do meu estado civil e das maneiras pelas quais eu ganho dinheiro; minha casa tem a minha cara, [assim como] minha banheira e minhas roupas não cessam de expressar aquilo que sou’.

Nos pronunciamentos das alunas foram muitas as críticas feitas ao grupo de “patricinhas”, no entanto, para usar uma calça parecida com a delas, as adolescentes se utilizavam de várias estratégias para terem acesso a tais produtos. Nas interações do Grupo, o diálogo desenrolou-se da seguinte maneira:

(...) *aquelas calças da Brasil Sul é 80 reais!* (Francine, JPM5, 14 anos, 3º encontro 26/09/2003)

(...) *era, agora é 99 [reais]! À vista é 80, pra pagar em prestação é 99.* (Tamara, JPM11, 15 anos, 3º encontro 26/09/2003)

(...) *na Marisa [loja] a calça de cóton tá [R\$]19,90. E é quase a mesma calça, só não tem a marca. O tecido é o mesmo, só não tem a marca.* (Francine, JPM5, 14 anos, 3º encontro, 26/09/2003)

(..) *tem suplex ali na Mathias [Velho]²¹ que é igual, só muda a marca.* (Tamara, JPM11, 15 anos, 3º encontro 26/09/2003)

Fernando Seffner (2002, p. 192), através de seus estudos, contribui para essa discussão ao afirmar que:

Compramos uma calça pelo tanto de espetáculo que ela pode proporcionar em nossa vida, e não pela sua utilidade. Vai daí que a etiqueta – a grife – da calça seja mais importante do que sua qualidade intrínseca. Numa forma aproximada de ver as coisas, com a primeira fase do capitalismo teríamos transitado de uma sociedade que valorizava o ser – a essência, a pessoa – para uma sociedade que valoriza o ter – a mercadoria. (...) estaríamos mergulhados numa sociedade que valoriza o aparecer. Não basta ter muitas calças, elas precisam constituir para seu proprietário, uma acumulação de espetáculo.

²¹ Mathias Velho é um bairro situado na cidade de Canoas.

Um exemplo bastante interessante que vai ao encontro dessa argumentação, foi trazida por um dos alunos:

Aqui na escola tem uma guria da 5ª série que tá com a calça [da Brasil Sul] desde o mês passado. (...) ela usa aquela calça amarela, só que de tanto ela usar já tá verde. A calça tem boca larga, parece um guarda-chuva, e ela só usa aquela calça. É só porque a Brasil Sul é uma marca conhecida e agora tá em alta. (Leandro JPM7, 14 anos, 3º encontro, 26/09/2003).

Percebe-se, então, que nossos/as alunos e alunas adolescentes – da rede escolarizada, sujeitados/as, de algum modo, ao convívio com essas tramas midiáticas e languageiras que reproduzem, intensificam e aumentam a importância de certos “mandatos” – estão conectados a determinados ditames – propagados em diferentes instâncias. Isto é, eles/as mostram-se ligados a determinações voltadas a certos modelos de corpos e de estilos.

Importante mencionar que nessa propagação de modalidades e estilos que se revestem em modos de vida, constituem-se grupos, estes ou aqueles, compondo aproximações e identificações, como uma estratégia, de contemplar espaço e vez às variadas diferenças, sendo que essas são produzidas pelo mercado, que as mantém, obviamente em nome das inclusões sociais, entre outras possíveis justificativas.

3.2.6 Entre abdominais, regimes e corridas: esculpindo corpos jovens

Diversos/as autores/as vêm discutindo nos últimos anos a incessante busca que, desde muito cedo, mulheres e homens empreendem com o intuito de alcançar a tão almejada “boa forma” vinculada ao corpo esbelto e magro (FELIPE, 2003; ANDRADE, 2002; SILVA, 2001; LOURO, 2000). Ana Márcia Silva (2001, p. 14) afirma que “no Brasil, a disseminação de uma expectativa de corpo baseada na estética da magreza é bastante grande e apresenta enorme repercussão especialmente se considerada do ponto de vista da realização pessoal”.

Felipe e Guizzo (2003, p. 126) argumentam que a preocupação com o embelezamento do corpo tem atingido não só mulheres, mas também meninas. De acordo com essas autoras meninas “freqüentam cada vez mais cedo academias de ginástica, se submetem a cirurgias plásticas, fazem dietas (...) em nome da beleza”.

Não diferente do que venho discorrendo aqui, os jovens e as jovens com as quais convivi também se mostravam preocupados/as em atingir um corpo “em forma”. E para isso alguns/algumas pareciam não medir esforços:

Eu e um amigo meu, o Tiago, a gente corria da Mathias Velho até a Niterói²² e voltava correndo [também], assim que eu emagreci, mas não usei nada de produto. (Diogo JPM3, 17 anos, 2º encontro, 19/09/2003)

(...)a maioria das gurias fazem regime pra emagrecer ou malham ou fazem abdominal(...). Eu sô uma que ... sempre faço regime, eu faço abdominal, faço 950 por dia. E se tiver que fazer mais eu faço.(...) eu me acho gorda. Faço regime, faço abdominal ... por dia eu faço 950. O que eu puder fazer pra emagrecer, eu faço. Eu me acho bem gorda e eu pretendo emagrecer bem mais, mas eu não faço isso de ficar um tempão sem comer. Eu como, mas eu como pouco.(Francine, JPF5, 14 anos, 2º encontro, 19/09/2003)

Manter o corpo em forma, então, a qualquer custo ou sacrifício, parece ser fundamental para esses/as adolescentes. Atividades físicas variadas são incessantemente praticadas, desde os 950 abdominais diários feitos pela jovem Francine, segundo ela, exercitados desde seus 9 anos, os quais não pode parar de fazer, se não “*perde tudo*” até as longas corridas de Diogo e seu amigo. Fiquei pensando a respeito dessas práticas que, talvez, para Francine e Diogo sejam “artes” que fazem em seus corpos afim de esculpi-los, moldá-los e torneá-los. Se entendermos arte, em um de seus significados, como o que se pode fazer *no corpo e com o corpo*, Francine e Diogo podem estar *fazendo arte*, mantendo seus corpos em movimento, “embelezados” segundo os critérios que para ambos, mesclados à mídia ou não, têm significado. A respeito da preocupação e da construção com os e dos corpos na atualidade, Mary Del Priore (1995, p. 96) reitera que a escultura desses novos corpos “esculpido[s], fabricado[s], e produzido[s] são centro das atenções e fetiche de consumo”.

Aparecem falas, como as que relacionarei a seguir, também referentes aos cuidados com a saúde, no que se vincula à obesidade, evidenciando conhecimentos e experiências de uso de medicações populares, chás e outros, vendidos em farmácias, com respectivos comentários dos efeitos, riscos, etc.

(...) tem muita gente que faz aqueles regimes [ou] que come e come e depois mete o dedo na goela e depois vomita tudo de novo.(Leandro, JPM7, 14 anos, 2º encontro, 19/09/2003)

²² Mathias Velho e Niterói são duas estações que integram a Linha da Trensurb. Para se ter uma noção da distância percorrida pelos garotos vale colocar que o trem (o qual atinge uma velocidade que oscila entre velocidade entre 47 a 90 km/h), para ir de uma estação a outra leva, aproximadamente, 10 minutos).

(...) mas isso aí é uma doença (...) tem esse negócio de bulimia e convulsão alimentar (...) Outra coisa, a Tamara também mencionou o negócio de produto pra emagrecer ... aqueles Magri Diet lá ... eu acho que isso não ajuda em nada ... perigo até dá um problema no corpo! (Diogo, JPM3, 17 anos, 2º encontro, 19/09/2003)

(...)Na televisão eles ficam oferecendo produto pra emagrecer, pra ficar mais bonita ...(Tamara, JPF11, 15 anos, 2º encontro, 19/09/2003).

Tem muita mulher que hoje quer ter um corpinho perfeito ... como deu ontem no jornal que uma mulher era meio gordinha e queria ter o corpo perfeito e quis diminuí o peso e ficou com várias doenças. Tem muita mulher que quer ter um corpinho bonitinho, mas muitas vezes emagrecendo demais pode ter alguma doença. (Diogo, JPM3, 17 anos, 2º encontro, 19/09/2003)

Valendo-me novamente das contribuições de Silva (2001, p. 18), cabe ressaltar que:

A expectativa de corpo moderna se fundamenta no reforço de um sentimento contraditório que se vê explodir na atualidade: dominar o corpo e, ao mesmo tempo, liberta-lo; subjuga-lo e depender dele para sua felicidade; acreditar na superioridade e independência da mente, para submeter-se aos rituais necessários ao corpo em forma.

E no Grupo, tanto os guris quanto as gurias, pareceram estar informados/as sobre essa expectativa relacionada ao corpo, mostrando-se atualizados/as com as questões que têm sido comentadas a respeito desse corpo, creio que mais pela mídia e por outras pedagogias culturais do que pela própria educação escolarizada.

3.2.7 Gênero e sexualidade

Além das discussões que realizei nos tópicos precedentes, neste, trabalhando com alguns recortes, diante da dimensão de informações, destacarei as interações entre o grupo quando discutia sobre estilos masculinos e femininos que mais apreciavam. Destaco algumas falas em que os guris admiravam gurias mais ousadas:

(...) elas misturam de tudo um pouco e fica legal. Mas assim ó: uma roupa coladinha nas gurias baaahhh!!! (Leandro, JPM7, 14 anos, 3º encontro, 26/09/2003)

(...) mas vocês[guris] namorariam uma guria que andasse sempre com a barriga de fora e os peito de fora? (Úrsula, JPF12, 18 anos, 3º encontro, 26/09/2003)

(...) não. (Marcos, JPM8 14 anos, 3º encontro, 26/09/2003)

(...) as gurias (...) que andam mais recatada, vocês podem imaginar o que tem por dentro. (Úrsula, JPF12, 18 anos, 3º encontro, 26/09/2003)

(...) eu vou falar: vocês preferem uma guria que é mais quieta, que ela se arruma mais comportadinha ou aquelas gurias que já botam tudo de fora: tomara-que-caia, aquelas blusa decotada ... Vocês já viram tudo nela! Que nem essas mulheres que posam nua para revista, todo mundo já conhece o corpo delas e não tem mais diferença. O que vocês vão querer saber daquilo... já viram mesmo! (Francine, JPF5, 14 anos, 3º encontro, 26/09/2003).

(...) vocês[guris] falam que gostam de menina que anda de barriga de fora e de sainha curta, se ela fosse namorada de vocês, vocês iam gostar que ela saísse com vocês de sainha curta de calça apertada, que vocês notassem que os homens estão olhando para ela, vocês não iam gostar! Ou iam? (...) aí vocês iam falar: ‘ah, meu amor, bota uma coisinha assim mais compridinha assim que os outros não ficam olhando!’ (Clarice, JPF2, 15 anos, 3º encontro, 26/9/2003)

(...) se eles [outros homens] ficam olhando é sinal que a guria que tá do teu lado é bonita (Leandro, JPM7, 14 anos, 3º encontro, 26/9/2003).

(...) mas tu não ia ter medo de perder ela para outro! (Francine, JPF5, 14 anos, 3º encontro, 26/9/2003).

(...) agora pensando esse estilo[de saia curta e barriga de fora] é mais só pra ti ver (...). Já pra namorar acho que eu prefiro uma guria normal mesmo, de calça.(Leandro, JPM7, 14 anos, 3º encontro, 26/09/2003)

Nessa interação entre os/as participantes da pesquisa, chama atenção o posicionamento das alunas, durante a discussão, fazendo um movimento de defesa ao recato feminino, com argumentos de que escolhendo as “recatadas” eles poderiam descobrir o que elas têm por dentro, numa concepção essencialista, de que a mulher esconde algo em seu interior, a ser descoberto, um segredo que poderá contar pontos a elas, junto ao masculino, que poderá desvendá-las. À semelhança de um pacote de presente embalado, que guarda algo desconhecido, que gera expectativa e surpresa e aguarda para ser desembalhado e desvendado. São depoimentos em que as alunas não falam por elas, mas pelas inúmeras falas languageiras, no passa-passará da linguagem, que circula e que as constituem, assim como aos guris, que também, constituídos nos trâmites culturais, dizem talvez a síntese do que diversas vozes já disseram e continuam dizendo.

Enfim, com as falas anteriormente reproduzidas e com o que venho falando, é possível dizer que parecem estar presentes ainda hoje, em inúmeras instâncias, discursos que desde há muito tempo já eram reiterados por autores como, por exemplo, Rousseau

(no século XVIII). Discursos esses que se valiam de idéias “essencialistas” e “naturalizantes” para reafirmar diferenças entre mulheres e homens, ou seja, ao contrário desses, aquelas deveriam ser recatadas e pouco falantes (FELIPE, 2000).

As gurias, em bloco, parecem continuar fazendo a defesa do recato feminino e lançam uma proposta para eles pensarem, o que não deixa de ser interessante, no que diz respeito a poderem estar discutindo questões da atualidade e de seus interesses talvez, mais imediatos.

E a conversa poderia seguir por muito mais tempo, mas nesse momento creio que o que deva estar sendo privilegiado são os espaços de discussão, visto que é através da linguagem e das falas, seja dos/as alunos/as, seja dos/as professores/as, é nesse circuito de comunicação, que as práticas podem ser modificadas, quando outras questões vão sendo trazidas, discutidas e, nas pequenas brechas, podem ir sendo feitas transformações, mudanças, quais sejam, privilegiando aqui os espaços escolares. Abordando a categoria de gênero, na pesquisa, no decorrer dos encontros, através das falas, nas tarefas, dinâmicas e bate-papos que iam acontecendo com o grupo, houve engajamento, participações e interações entre guri e gurias, sendo que entre os temas trabalhados, o que mais instigou o grupo, tanto alunos quanto alunas, a se posicionar, e de modo ainda preconceituoso, afinados/as, provavelmente, com os significados que predominam na sociedade mais ampla relacionou-se à temática das sexualidades.

Os exemplos são inúmeros:

(...) o meu único preconceito é [referente a relacionamentos de] homem com homem e mulher com mulher! Isso aí eu não aceito de jeito nenhum! (Leandro, JPM7, 14 anos, 4º encontro, 03/10/2003)

(...) eu também não! (Úrsula, JPM12, 17 anos, 4º encontro, 03/10/2003)

(...) é, a mulher foi feita para ficar com o homem e não mulher com mulher e homem com homem. [Eu tinha uma amiga que] a mãe dela vivia dizendo assim pra mim ‘ah, conversa com a Paula, porque ela só quer usar aqueles bermudão, aquelas coisa de guri e eu não sei mais o que eu faço com ela’. E ela só usava essas coisas de roqueiro e essas coisas de guri. (Francine, JPF5, 14 anos, 4º encontro, 03/10/2003)

(...) o Júlio e o Diogo disseram pra mim que se deram um selinho. (Francine, JPF5, 14 anos, 4º encontro, 03/10/2003)

(...) mas as vezes esses dois aí: o Diogo e o Júlio, fazem isso aí pra mostrar que não tem nada a vê, que não tem preconceito, que para eles não tem nada a vê ... mas eles podem não tá fazendo isso por maldade, eles podem tá fazendo isso só pra brincar. (Leandro, JPM7, 14 anos, 4º encontro, 03/10/2003).

(...) *o único professor que fala com nós [sobre sexualidade] é o de história.* (Leandro, JPM7, 14 anos, 4º encontro, 03/10/2003)

(...) *tem uns[professores] que passam filmes sobre doenças. O Francisco [professor] mostrou um monte de fitas pra nós, mas as gurias ficavam tudo num vermelhão quando ele colocava aquelas fitas, tá louco!!* (Francine, JPF5, 14 anos, 4º encontro, 03/10/2003)

(...) *dependendo o assunto que a pessoa trata na sala de aula eu acho que não tem que levar pra sala de aula, porque as vezes as pessoas ficam constrangidas, as gurias ficam constrangidas.* (Úrsula, JPF12 18 anos, 4º encontro, 03/10/2003)

(...) *eu não acho!* (Francine, JPF5, 14 anos, 4º encontro, 03/10/2003)

(...) *as gurias ficam muito constrangidas.* (Úrsula, JPF12, 18 anos, 4º encontro, 03/10/2003)

(...) *eu não acho!* (Clarice, JPF2, 15anos, 4º encontro, 03/10/2003)

(...) *pior se não tivesse nada!* (Francine, JPF5, 14 anos, 4º encontro, 03/10/2003)

(...) *o único problema é que as gurias (...)ficam com vergonha e também o problema é que tem alguns guris que extrapolam nas brincadeiras* (Juliana, JPF6, 13 anos, 4º encontro, 03/10/2003).

(...) *eu acho importante [trabalhar com] esses assuntos! (...) que nem no ano passado, na 7ª série, eles [professores] mostravam o corpo, partes do corpo, mas tinham guris que eram muito criança e ficavam folgando nas gurias. Eles ficavam: 'ai, tu tem isso, tu tem aquilo', eles ficavam debochando daí as gurias ficavam tímidas!* (Francine, JPF5, 14 anos, 4º encontro, 03/10/2003)

(...) *os guris acham que com aquelas brincadeiras que eles fazem as gurias vão gostar!* (Juliana, JPF6, 13 anos, 4º encontro, 03/10/2003)

As alunas, se por um lado mostraram-se [algumas delas] um tanto mais arrojadas, acompanhando os tempos, digamos assim, com relação aos enfeites no corpo, com o uso de *piercings*, tatuagens, pinturas de diferentes cores nos cabelos e demais enfeites inovadores, por outro, no que se relaciona à relação com o masculino, colocavam-se, muitas vezes, numa posição de submissão. Como nos diz Louro (2003, p. 42),

Que fazer? A muitos talvez pareça mais prudente buscar no passado algumas certezas, algum ponto de estabilidade capaz de dar um sentido mais permanente e universal à ação. O ritmo e o caráter das transformações podem, contudo, converter esse recuo em imobilidade. Para outros, (...) a opção é assumir os riscos e a precariedade, admitir os paradoxos, as dúvidas, as contradições e, sem pretender lhes dar

uma solução definitiva, ensaiar em vez disso, respostas provisórias, múltiplas, localizadas.

Escutando e pensando nesse diálogo entre jovens, podemos observar o quanto as questões relacionadas às sexualidades carecem de discussão – muitas discussões! – na medida em que são compreendidas como algo que “naturalmente” possuímos (LOURO, 1999; WEEKS, 1999; BRITZMAN, 1996). Nos depoimentos tanto de alunos quanto de alunas (e nós, adultos/as, também – vide a fala da mãe de uma das alunas, pedindo à colega da filha que falasse com ela sobre suas vestimentas consideradas de guri) parece impensável admitir outros modos de viver as sexualidades, que não as convencionalmente legitimadas. São significações construídas socialmente, que consideram o biológico como determinante do ser homem ou ser mulher, levando em conta somente os genitais, masculinos ou femininos. Guacira Louro (1999, p. 11) nos auxilia neste processo de análise ao referir que:

(...) os corpos ganham sentido socialmente. A inscrição dos gêneros – feminino ou masculino – os corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura. As possibilidades da sexualidade – das formas de expressar os desejos e prazeres – também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas. As identidades de gênero e sexuais são, portanto compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade.

Os preconceitos quanto às sexualidades, demonstrados por alunos e alunas, em seus depoimentos, citando exemplos de atitudes de colegas de sua sala de aula, como estando fora dos padrões “normais” de comportamento, evidenciam o quanto ainda temos convivido com uma certa inércia, digamos assim, no tocante às transformações de pensamento e de práticas – não precisamente nessa ordem! – necessárias a respeito dessas questões.

Um dos exemplos que torna visível a falta de discussão sobre as sexualidades refere-se ao modo de pensar das alunas quando dizem que uma de suas colegas de aula, “com jeito de guri”, falando sobre homossexualidade, pode ter sofrido alguma decepção na vida ou ter sofrido alguma desilusão amorosa com o masculino, ou passado por algum problema, enfim ... então, mediante isso, teria decidido manter relações afetivas e

amorosas com mulheres, que segundo o depoimento de uma delas “são mais carinhosas” (Clarice, JPF2, 15 anos, 4º encontro, 03/10/2003).

São questões tramadas e legitimadas nas culturas locais e mais amplas também, que se mesclam e entrelaçam, constituindo saberes e poderes que posicionam sujeitos, num ou noutro lugar, na conflitualidade das relações sociais e aqui inscrevo a educação escolarizada e suas ações. Esses lugares e essas posições, estabelecidos/as mediante a circulação de relações de poder dizem quem são os sujeitos aceitos, incluídos, “que estão dentro”, “que estão fora”, quem são “adequados” ou “estranhos”. Nessa direção, pontuo quanto à importância da educação, sobretudo a escolarizada, especialmente a rede pública de educação, que abarca a maioria da população de crianças e de jovens, em grande parte de escolas de nosso país, em termos de um espaço privilegiado como fórum, feito o “rizoma” para espalhar essas discussões. Mas, ao contrário disso, as instituições educacionais parecem reiterar, mesmo que silenciosamente, apenas um tipo de sexualidade, a heterossexual. Como nas falas dos/as jovens (as do Leandro, por exemplo), percebe-se “uma grande resistência em demonstrar simpatia para com sujeitos homossexuais; a aproximação pode ser interpretada como uma adesão a tal prática ou identidade”. (LOURO, 1999, p. 29)

3.2.8 Ser diferente, mas nem tanto

Outra questão que ressalto como importante e que permeava os encontros, nas diferentes agendas temáticas, referia-se às intervenções corporais (tatuagens, *piercings*, roupas) associadas à temática do trabalho. Como conseguir ou não um “emprego”, estando com tatuagens no corpo? O jovem Diogo, por exemplo, numa ocasião, mostrou ao grupo que havia feito uma tatuagem próxima a um de seus pulsos e que, a par do prazer que havia se permitido, ao adornar uma de suas mãos de desenhista, com uma das iniciais de seu nome, temia não conseguir um emprego, ou vir a trabalhar, diante do desenho/arte inscrito em sua mão (...) *eu fiz uma baita tatuagem aqui! Eu não vou arrumar emprego, não vou arrumar nada* (Diogo, JPM3, 17 anos, 4º encontro, 03/10/2003). Esse aluno é um artista grafiteiro e faz d(o)bras lindas com a sensibilidade e talento que produz através de suas mãos. O grupo de colegas ficou sabendo dele e de seus desenhos durante os encontros, assim como de outras coisas a seu respeito, como gostar de ser roqueiro e querer ser parecido com o Supla, fazer seu estilo misturando

algumas roupas, incluindo camisas de seu pai, mesclando e se diferenciando dos demais jovens, referindo que para comprar um tênis de sua preferência, precisou “fazer massa [de cimento]”, entre outros aspectos de sua história de vida que ele contou, talvez porque tivesse com quem conversar sobre essas coisas, em tempos de seus 17 anos, em manhãs de sexta-feira, quando, se estivesse em aula, provavelmente seria mais um desconhecido, ‘um sem história’, como têm sido as aulas em muitas de nossas escolas, creio que não apenas para alunos e alunas, mas possivelmente para professores e professoras também. Nos primeiros encontros Diogo (JPM3) chegou e saiu em seguida, escrevendo num recorte de papel “FUI” e mais adiante, passados alguns encontros, para nossa surpresa, ele retornou, refazendo seu crachá, onde escreveu “VOLTEI”, permanecendo no grupo, sempre que possível - pois também recuperava aulas de educação física neste horário - participando, levantando questões, posicionando seu corpo e pensamento, sendo que no dia da confraternização, estive nos momentos finais, não medindo sorrisos e abraços, interagindo e festejando com todos/as, cenas registradas nas fotografias, feito dobras, que ainda ressoam, por entre os espaços que se criaram entre eles e elas, na conjunção de acontecimentos que a cada novo encontro ampliava articulações e afinidades, transformando e constituindo, o que de início era um agrupamento de alunos e alunas, em um grupo de jovens com aproximações afetuosas, diferenças e alegrias compartilhadas. Faço esse relato, propositadamente, para ir mostrando o ambiente, as relações e, de modo mais amplo, a cultura dessa instituição escolar.

Outros depoimentos a respeito dessa questão das tatuagens, relacionadas ao trabalho, foram trazidos por outros/as participantes, no decorrer dos encontros:

(...) eu não gosto de tatuagem. Eu acho assim ó: depois que tu arranjar um emprego, se a pessoa vai fazer tipo um concurso, ele não pode ter tatuagem. Fica aquela baita marca, com um monstrengo assim né! As vezes tu perde a oportunidade de ter um emprego, por causa daquela tatuagem, entendeu? (Úrsula, JPF12, 18 anos, 1º encontro, 12/09/2003)

(...) quando eu trabalhava num supermercado lá perto de casa ... eu peguei e colori o cabelo de verde e não me colocaram pra rua. As pessoas ficavam curiosas e iam até comprar mais! (Diogo, JPM3, 17 anos, 1º encontro, 12/09/2003)

(...) [quando a gente tá bem arrumado] como esse [sinalizando para o desenho de um rapaz de terno] tem mais chance de conseguir um emprego bom, já esse aqui [sinalizando para o desenho de um rapaz de bermudão e camiseta] não porque ele tá vestido meio maloqueiro! (Edson, JPM4, 14 anos, 6º encontro, 17/10/2003)

(...) quando tu vai bem arrumado [numa seleção de emprego] tu até consegue um emprego bom! (Leandro, JPM7, 14 anos, 6º encontro, 17/10/2003)

Essa aqui ó [sinalizando para o desenho de uma garota de vestido bem curto e com parte dos seios à mostra] não ia consegui emprego em lugar nenhum ... só se fosse numa boate! Pra conseguir um emprego tinha que ir com uma roupa mais discreta, um terninho, uma coisa assim. (Clarice, JPF2, 17 anos, 6º encontro, 17/10/2003)

(...) [em uma entrevista de emprego quando uma mulher vai] com uma roupa azul marinho [ou] preta é bem mais fácil de tu pegar um emprego, tu consegue bem mais rápido. (Úrsula, JPF12, 18 anos, 6º encontro, 17/10/2003)

Tu até pode botar uma saia, mas tem que ser uma saia um pouco mais cumpridinha, uma coisa mais discreta, com um sapatinho e [com uma] meia calça. (Juliana, JPF6, 13 anos, 6º encontro, 17/0/2003)

No andamento dos diálogos vão aparecendo as múltiplas faces que as temáticas apresentam, como por exemplo, o tema das tatuagens e dos tipos de vestimentas, que em algumas situações podem, de acordo com os depoimentos dos/as jovens, produzir embelezamento nos corpos, quanto em outras podem vir a “prejudicar” o ingresso em alguma oportunidade de trabalho. Aí podemos novamente trazer à pauta as relações de poder que sempre estão presentes em nossas vidas, nas diferentes instituições sociais. Houve depoimentos que apontaram outros ângulos de pensar a questão das tatuagens e dos estilos nos corpos, como por exemplo:

(...) A Penélope é mulher, é apresentadora da MTV e tem muitas tatuagens! (Leandro, JPM7, 14 anos, 2º encontro, 19/09/2003)

(...) é que geralmente quem trabalha nessa emissora MTV tem que dá um jeitão de louco. (Diogo, JPM3, 17 anos, 2º encontro, 19/09/2003)

[A Penélope é assim por causa do] tipo do trabalho dela, é coisa pra chama atenção! Vai vê assim ó: a gente aqui que é normal vai fazer uma tatuagem como essas dela, vai tentar conseguir um emprego e não vai consegui. Ela tá na TV ... ela têm esse tipo de trabalho. (Francine, JPF5, 14 anos, 2º encontro, 19/09/2003)

(...) a MTV é coisa pra louco. Se tu tem um monte de tatuagem eles te pegam! (...) tem o programa do João Gordo ... o João Gordo ele tem uns piercings que [são] umas pontas, tem tatuagem em todo braço! (...) Eles [a Penélope e o João Gordo] conseguiram o trabalho por causa do estilo deles. Eles conseguiram essa carreira por causa do estilo deles, entendeu!? Mas vai a gente fazer isso aí, tu não pega nenhum emprego. Eles já são famosos(...) Se eles não tivessem aquilo ali, não ia ter graça. (...) se tu vai entrar no exército, não pode ter tatuagem aparecendo. Pra entrar no exército, se tu tiver tatuagem – se aparece uma pontinha – tu não pega! (Diogo, JPM3, 17 anos, 2º encontro, 19/09/2003)

(...) por exemplo, num restaurante, tu tem que ter um cabelo curtinho, não pode pintar as unhas – tem roqueiro que pinta as unhas de preto. Tu vai usar um uniforme curto aqui assim e tu não pode ter nenhuma tatuagem. (Leandro, JPM7, 14 anos, 2º encontro, 19/09/2003).

(...) a médica da minha mãe tem um monte de tatuagem. Ela tem três, ela tem na perna...(Francine, JPF5, 14 anos, 2º encontro, 19/09/2003)

(...) que nem a Professora Joana, ela tem uma rosa (...) na perna! (Diogo, JPM3, 17 anos, 2º encontro, 19/09/2003).

(...) ela tem uma tatuagem com umas flor[es], uns negócio[s]. Ela tem nas costas, no pescoço, se tu tá de cabelo solto não aparece. Na perna se tu usa uma calça não aparece. Daí assim não prejudicou no trabalho dela. (Francine, JPF5, 14 anos, 2º encontro, 19/09/2003)

Em tempos contemporâneos, em que convivemos com a coexistência de múltiplas contingências, na luta diária para realizar planos, [onde nada é plano!], e tudo parece estar prestes a resvalar, compreendendo o movimento que a vida contempla, nos deparamos, entre outras oscilações com a seara competitiva presente nas relações de poder circulantes e incompreensíveis, especialmente para os/as jovens, alunos e alunas de nossas escolas públicas brasileiras, que pouco tem acesso à cultura e aos recursos mais desejados, como sinônimo de sentirem-se incluídos/as socialmente.

Quando falávamos, em um dos encontros a respeito das artes e tatuagens nos corpos, o que para os/as nossos/as jovens, segundo seus depoimentos, pode comprometer [impedir] uma possibilidade de ingresso no trabalho, para outros sujeitos, envolvidos e posicionados em outras instituições socialmente mais “poderosas” e prestigiadas, citando como um exemplo, os espaços midiáticos, como o da MTV, podemos perceber outras faces que envolvem essa questão da composição “artística” dos corpos, circunstância em que, justamente o que põe em risco o trabalho, digamos assim, ao/às nossos/as jovens estudantes do Grupo, são os recursos com os quais se “garantem” profissionais onde esses “enfeites” são bastante valorizados. Portanto entre os/as jovens com as quais realizei minha pesquisa tais enfeites podem estar compondo os seus corpos, mas de modo a não comprometer a necessária inserção no mercado de trabalho, ou seja, eles/as podem inscrever artes nos corpos, tornando-se “diferentes” e “singulares”, mas nem tanto ...

PARTE IV

4. CONCLUINDO PROVVISORIAMENTE

4.1 Recados da turma jovem à educação escolar

Refazendo o caminho, agora a uma certa distância do percurso dos encontros realizados com o grupo de jovens, deparo-me com o compromisso de pensar sobre o que pude escutar de suas falas, tramadas em meio a tantas outras, nas interlocuções culturais que produzimos no cotidiano, em diferentes lugares, um deles, a educação escolarizada e suas práticas.

Conviver, falemos na atualidade, com a infância e com a juventude, têm sido extremamente difícil, tanto aos pais e às mães, aos professores e às professoras, quanto aos alunos e às alunas, sem desconsiderar que estes/as últimos/as, freqüentam (os/as que têm acesso à educação escolarizada, evidentemente), inúmeros anos de suas vidas as instituições escolares. A escola onde realizei a pesquisa, uma das tantas da Rede Estadual de Ensino, não foge à regra, digamos assim, fazendo parte dos trâmites e do contexto político e social que caracteriza a organização e a estrutura da educação escolarizada, na atualidade, no Rio Grande do Sul.

Desde a solicitação inicial que fiz à Direção, para que pudessem avaliar a possibilidade de minha pesquisa ser realizada na escola, encontrei alguma receptividade, em pleno janeiro de 2003, a par de todos os compromissos que o pessoal administrativo-pedagógico assume, sobretudo em tempos que antecedem as férias de verão. Todos os tempos são destinados às conclusões necessárias ao encerramento oficial do ano letivo. Ainda assim, pude contar com o aceite da Direção e retornei em março de 2003, no retorno às aulas, para então combinar o detalhamento dos trabalhos.

Faço essa retrospectiva, a fim de renovar uma certa sensibilização e clima com os espaços da escola, pois entendo isso como necessário. Preciso estar dentro e relacionada com o que estou me propondo a fazer, se não fica difícil estabelecer as conexões de pensamento necessárias à escrita.

Como estava dizendo, as tratativas para a pesquisa foram se encaminhando, os contatos com os profissionais da escola foram acontecendo e os encontros com as turmas das três oitavas séries também, a título de um possível convite à participação na pesquisa. Em se tratando de jovens estudantes, de um modo geral, bem-humorados/as e curiosos/as, minha expectativa me fazia crer que os contatos com as turmas seriam interessantes, que possivelmente um/a ou outro/a professor/a pudesse mostrar-se interessado, enquanto eu estivesse fazendo a exposição do projeto e do convite, enfim.

Detalhes que já poderiam ir dizendo algo daquele lugar, de suas práticas, de como se estabeleciam as relações, o “clima de convívio” entre seus/suas integrantes, a distribuição e o uso dos espaços, o dia-a-dia da vida na escola, digamos.

Minha proposta de pesquisa visava investigar sobre como os/as jovens se utilizam de seus corpos, como produzem sua aparência, com seus modos diversos, “fazendo arte nos corpos”, o que inicialmente denominei de *Corpo-recado na educação escolarizada* e, depois, contando com uma das sugestões da Banca Examinadora, aderi à nomeação de *Corpos jovens como superfície de inscrição de textos culturais: recados para a educação escolar*.

Corpos jovens fazendo arte nos corpos e com os corpos, como possível movimento de resistência aos rigores, vigilâncias e tentativas de “homogeneização” escolares. Recados, pedidos, sugestões, reclamações, reações, indignações, são acontecimentos que perpassam a vida de todos/as nós, em todas as idades, não há dúvidas quanto a esses sentimentos e manifestações. O que mudam são as singularidades, os jeitos de cada um/a demonstrar e estabelecer esses contatos. Há, como sabemos, quem se expresse com mais facilidade falando, outros/as escrevendo e, também, quem consegue mesclar essas possibilidades.

Na criação dessas habilidades, relacionadas aos corpos, às palavras e suas possíveis articulações, a educação escolarizada conta com variados espaços, tempos, modalidades e oportunidades para intervir nesse aprendizado, podendo contribuir e viabilizar condições para o exercício de contatos, aproximações e modos de comunicação, requisitos significativamente importantes para a convivência em sociedade.

Desde criança, quando se entra na escola, a par das experiências que já se adquiriu, os objetivos estão voltados ao aprendizado da convivência e da socialização, através do brincar com outras crianças, fazer amiguinhos/as, circular por novos espaços e tempos, na caminhada de ir adquirindo condições de relacionar-se com um circuito maior de pessoas, além da família. Nesse trânsito, entre gentes pequenas e grandes, nas relações que no cotidiano vão se estabelecendo, em meio às práticas que a escola e seus eventos, episódios, rotinas, de tudo um pouco, vai fazendo, modalidades de contatos, jeitos de aproximação, ou não, gostos, preferências, alegrias, ressentimentos, surpresas, divertimentos, sofrimentos e modos de como se “mexer” em meio a essas circunstâncias (o que podemos também entender, se quisermos, como “arte”) continuam a ser

aprendidos, o que pode sair a um preço alto [emocionalmente falando, a algumas crianças, segundo suas singularidades], sendo que a outras, essas experiências, por inúmeras questões, podem acontecer de um modo mais *light*.

Esses ou aqueles jeitos, essas ou aquelas experiências e seus efeitos em cada sujeito vão, desde cedo, sendo constituídos/as nos meandros das culturas, que também são produzidas na interlocução de contatos, negociações, decisões, no circuito de relações de poder, legitimadas em diferentes instâncias e que produzem desdobramentos, políticos, sociais, econômicos, entre outros, os quais “respingam, por vezes, feito “granizos”, movimentando e fazendo vigorar “verdades naturalizadas”, diversas, que “batem” à porta das escolas, sendo por vezes, ingenuamente recebidas como “presentes”.

Faço esse caminho de volta, com a intenção de retomar alguns aspectos que compreendo como importantes no entendimento de que desde tenra idade, há questões a serem trabalhadas e problematizadas pelos/as educadores e educadoras, politicamente falando, no que se refere ao contexto em que se insere a educação, o que pode criar condições para a escola ir se constituindo num espaço de discussões e de diálogo sobre questões indispensáveis, quanto ao que se passa no mundo, por exemplo, perto e longe de nós e de como os acontecimentos vão se produzindo, até para que se aprenda a intervir, contestar, pensar e transformar modos de vida e de convívio, através da escola.

Rebusco essas questões para me aproximar dos/as jovens, que não há muito tempo estavam na educação infantil, convivendo com as possibilidades e concepções da época, em diferentes sentidos e significados, sendo que de diferentes maneiras, nas andanças escolares, aprenderam coisas, como, por exemplo, modos de estabelecer relações de convivência, com os demais sujeitos com quem convivem, na atualidade, nas redondezas e contingências de 2003-2004.

Nesse percurso, nada linear, as crianças cresceram, hoje estão adolescentes e/ou jovens e seguem aprendendo com o contexto do mundo, ligados à interferências poderosas da mídia, por exemplo, (que em sua infância também se faziam presentes, obviamente), aos ditames que na atualidade valorizam e glorificam os corpos, especialmente corpos jovens, o que pode se traduzir em algumas dificuldades, por vezes, na educação escolarizada, em meio ao balanço das instabilidades de nosso mundo contemporâneo, que também podem acarretar problemas na convivência diária com os/as jovens. Refiro-me a esse aspecto, pensando nas crianças lá das escolas infantis,

(jovens de hoje) que escutavam, conviviam e trabalhavam com arte, tintas, desenhos, pinturas, recreações, brincadeiras coletivas, diversões na pracinha de brinquedos, atividades com teatro, músicas, danças, exposições de arte, contatos variados com a natureza, em variadas especificidades e tantos outros exemplos de espontaneidade possível, ricas experiências, apreciadas na ocasião, pelos adultos em geral, famílias e profissionais das escolas.

Então é dessas questões que são prestigiadas em alguns momentos e por vezes, completamente esquecidas em outros, que estancam, congelam, segundo Denise Sant'Anna (2003) feito o “cristal”, que sendo um mineral e não um ser vivo, vai, ao longo do tempo, criando uma série de camadas, estruturas, sendo uma camada independente da outra, feito uma “cebola morta”, quando para uma camada nascer, a outra tem que parar de funcionar, as partes são completamente distintas e não se comunicam umas com as outras, não havendo ressonância nem compromisso entre uma parte e outra. E a gente consegue, ao partir o cristal ao meio, ver a segmentaridade dura do tempo, como se fosse possível estabilizar o tempo para sempre, como se não houvesse relação, nem história. E o cristal pode brilhar, o cristal brilha!

Pensando esses exemplos trazidos por Denise Sant'Anna (2003)²³, podemos associar a algumas vivências escolares, a respeito, por exemplo, dos possíveis “recados da turma jovem à educação escolar”. Quando ao invés de trabalharmos com associações e com relações nos acontecimentos da vida, [creio que pela não problematização dessas questões no âmbito das escolas], fazemos muitas vezes ao contrário, dividindo, separando, não relacionando e mesmo desarticulando partes que precisam de cumplicidade, de contatos e de conexões.

Sabemos que jovens, há muitas décadas, no processo de construção de maturidade, em diferentes dimensões, sociais, culturais, políticas, enfim, fazem movimentos de resistência, como manifestações, sobretudo na luta pela dignidade da vida, o que está implícita e explicitamente relacionado ao campo da arte, em seus inúmeros modos de expressão.

Através da arte e dos estímulos, muitos sujeitos podem realizar seus sonhos quanto a uma estética voltada ao embelezamento da vida e mesmo obter recursos de

²³ Os depoimentos de Denise Sant'anna fizeram parte do Curso de Extensão intitulado “Horizontes do corpo e artimanhas da vida” realizado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da UFRGS em setembro de 2003.

sobrevivência profissional. Aliás, todos/as os/as profissionais, a princípio, precisariam, estar aliados/as à sensibilidade e à criação, sob pena de não exercerem com prazer e êxito, suas atividades e ocupações e viverem como “cristais”.

A educação escolarizada, se constitui num espaço onde jovens estão aprendendo e se dando conta, entre outros conhecimentos, de seus talentos, facilidades e preferências para a escolha e o exercício da futura profissão, o que está relacionado aos modos de relacionar-se com os próprios corpos e com os dos demais sujeitos. Enfatizo essa questão relacionada à importância dos corpos, como uma questão relevante a ser considerada, creio que re-significada e trabalhada na educação escolarizada, não apenas nas aulas de educação física, como de praxe, mas como um entendimento mais amplo, quando através de nossos corpos nos relacionamos, socializamos e convivemos com os demais sujeitos sociais.

Os/as jovens com quem pude trabalhar no decorrer da pesquisa, trouxeram muitos depoimentos a respeito dessa seara dos corpos na atualidade, dos esforços que fazem para estar na moda, dos intensivos exercícios físicos que praticam em seu cotidiano, para manterem-se com o corpo em forma, das artes corporais, como o uso de *piercings*, tatuagens, variadas pinturas e feitiços nos cabelos, vestuário diferenciado, *marcando e inscrevendo estilos*, mostrando-se bem informados/as a respeito dos cuidados necessários para manter-se jovem e belo/a a perder de vista.

Uma das questões que me chamou atenção, no diálogo com os/as alunos/as da pesquisa, foram depoimentos e comentários queixosos, digamos, quanto à ausência dessas discussões, [referentes a temas da atualidade e de seu interesse mais imediato, como por exemplo, questões referentes às sexualidades, às relações de convivência nas salas de aulas, à temática do trabalho, entre outras.

Entendo que os “recados” tenham estado presentes no decorrer do processo e, de algumas maneiras, já tenham sido demonstrados, nos diferentes espaços dessa escrita. Mesmo assim acredito ser importante pontuar algumas questões que para mim tornaram-se bastante expressivas no depoimento dos estudantes:

- Segundo os/as jovens, a escola em seu conjunto, representada em seus variados segmentos (professores/as, alunos/as, pais/mães, funcionários/as) apresentam atitudes discriminatórias com relação aos modos e estilos como alguns/algumas alunos/as e seus pares ou grupos, ornamentam seus corpos, através de roupas,

ideumentárias, etc. Há situações de alunos e alunas que se vestem de modos mais “extravagantes”, usando *piercing*, tatuagens, roupas pretas, cabelos coloridos, trajés incomuns, entre outros, que são tomados como “marginais”, “desobientes”, “transgressores” das normas escolares, tornando-se, dessa forma, alvo de possíveis exclusões;

- A necessidade que alunos e alunas expressam quanto aos modos como professores e professoras se ocupam exclusivamente com o “dar a matéria” de sua disciplina, sem abrir espaço para contemplar outros possíveis assuntos e/ou questões de interesse dos/as jovens;

- A constatação trazida pelo grupo de jovens quanto à falta de interação presente entre alunos/as de mesmas turmas e de mesmas séries. Pude observar que em julho de 2003 alunos de mesmas turmas (T81, T82, T83) não lembravam dos nomes de alguns/algumas colegas de suas turmas;

- A importância que os jovens atribuíram aos espaços de convivência, com expectativas de que a escola oportunize, através de professores/as essa interação desde os espaços da sala de aula. Há que se considerar que as práticas educativas e de convivência cotidianamente nas salas de aula;

- Há depoimentos de jovens do grupo referindo que existem professores/as que se mostram indiferentes, não respondendo a questões colocadas por determinados/as alunos/as sem que aos/às alunos/as fique compreensível esse procedimento, ao que eles/as denominam de discriminação. Como exemplo podemos citar o caso de Maria Luiza ao referir que ao formular uma pergunta o/a professor/a fez que não ouviu, simplesmente ignorando e deixando a aluna aguardando, sem responder, a questão colocada.

Além desses “recados” citados anteriormente, outra questão que para mim tornou-se bastante expressiva nos depoimentos dos/as estudantes, fazendo parte de questões, hoje, não apenas juvenis, diz respeito às preocupações presentes no que concerne à inclusão no campo de trabalho.

Desde o 1º encontro já apareceram depoimentos referentes a preocupações com relação a possíveis *artes e estilos nos corpos* que podiam, a exemplo das tatuagens e *piercings*, tornarem-se um possível impedimento ao ingresso no campo de trabalho.

Nos encontros finais, mais especificamente no 6º, quando trabalhamos sobre a temática: “o corpo como passaporte para o trabalho”, minhas impressões foram de que, diante do impacto que esta reflexão produziu no Grupo, as falas entusiasmadas, discorridas nos encontros anteriores, sobre artes e estilos preferidos, estavam agora sob suspeita.

Esta, dentre outras questões que assolam nossos dias, penso que possa se tornar uma das questões relevantes que também estaria precisando de um diálogo com a arte, relativizando questões que possam manter abertas as portas dos contatos, para que aconteçam essas e outras discussões, que são do nosso tempo presente. E que, além disso, possam nos aproximar e esperar um pouco essa juventude, e a nós também, sob pena de no abre-fecha das portas, nesse mundo globalizado que não garante nada a ninguém, possamos, no dia-a-dia, sem nos dar conta, virar cristais. Com brilho e tudo.

Pensando nesses temas trazidos pelos/as alunos/as, em suas articulações com a Educação, é possível retomar uma das relações e problematizações feitas por Foucault²⁴, quando no percurso de uma de suas obras refere-se às instituições de seqüestro, dentre elas as prisões, os conventos, as fábricas e também as escolas, no tocante à produção de corpos dóceis e úteis à sociedade, através de mecanismos e dispositivos disciplinares. Diz também em seus estudos sobre a genealogia, quando ressalta questões associadas às relações de poder e sua microfísica, referindo-se ao poder espalhado em suas minúsculas partes, aparentemente insignificantes, mas capazes de resistir, movimentar-se, produzir giros, viradas, um poder que circula, caminha, ainda que imperceptivelmente, mesclando-se a outros poderes, diferentes, também potentes e em circulação, nas diversas instâncias e nos diferentes sujeitos que somos ou em quem estamos nos tornando, segundo a pluralidade de posições de sujeito que ocupamos na vida cotidiana. Na produtividade desse poder miúdo e constante, podem residir potencialidades e oportunidades, não de mudanças mirabolantes, à luz de Foucault, mas nas intervenções pequenas, contínuas e intensas.

Essas foram algumas das minhas impressões e reflexões no decorrer dos trabalhos, sendo que o Grupo, durante os encontros, trouxe muitas e interessantes

²⁴Em “Vigiar e Punir”, Michel Foucault trabalha extensivamente a temática da Disciplina, citando, dentre outras, a escola, como uma das instituições disciplinares e produtoras de “corpos dóceis e úteis” à sociedade.

contribuições, no que designei de “desdobramentos”, interagindo, expondo suas opiniões e demonstrando suas preocupações e interesse pela temática das *artes nos corpos* em nossos dias. Através de suas falas entendi também que um de seus valiosos objetivos, fazendo estilos e artes nos corpos, tem um belo endereçamento, a meu ver, no que se refere à busca de contatos, de aproximações, do estabelecimento de possíveis amizades, namoros, amorosidades....

Em tempos de tantas indiferenças, solidão e individualismos, penso que a educação escolarizada, pode potencializar aspectos favoráveis quanto às possibilidades de convivência entre seus/suas integrantes, à medida em que reúne, diariamente, uma variedade e uma riqueza de “gentes e gerações”. Talvez uma conversa com a arte, nesses tempos áridos e um tanto insensíveis que andam por aí, possa resultar numa bela iniciativa para a educação, especialmente, se para esse bate-papo, a turma jovem receber convite. Se dei ou não, conta do recado, os dias, as práticas e seus efeitos poderão ir dizendo. De momento, creio que pude pensar e escrever sobre um percurso muito intenso, que me tomou por inteiro, num caminho sem volta. Cresci muito nesse processo e sinto-me feliz pela oportunidade de testemunhar, no corpo e no pensamento, o que estou dizendo.

Retomando Larrosa e Kohan (2002, p. 5)

A experiência e não a verdade, é o que dá sentido à educação. Educamos para transformar o que sabemos, não para transmitir o já sabido. Se alguma coisa nos anima a educar é a possibilidade de que esse ato de educação, essa experiência em gestos, nos permita liberar-nos de certas verdades, de modo a deixarmos de ser o que somos, para ser outra coisa para além do que vimos sendo.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Sandra. *Uma boa forma de ser feliz: representações de corpo feminino na revista BOA FORMA*. Porto Alegre: UFRGS, 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.
- BARBOUR, Rosaline; KITZINGER, Jenny. *Developing focus group research: politics, theory and practice*. London: Sage, 1999.
- BARROS, Manoel de. *Memórias inventadas: a infância*. São Paulo: Planeta, 2003.
- BIRMAN, Joel. *Por uma estilística da existência*. São Paulo: Editora 34, 1996.
- BRITZMAN, Deborah. O que é essa coisa chamada amor: identidade homossexual, educação e currículo. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 71-96, jan./jul. 1996.
- CORAZZA, Sandra. O que quer um currículo? Pesquisas pós-críticas em Educação. Petrópolis: Vozes, 2001.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 1998.
- FELIPE, Jane. Erotização dos corpos infantis. In: LOURO, Guacira; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- _____. *Governando mulheres e crianças: Jardins de Infância em Porto Alegre na primeira metade do século XX*. Porto Alegre, 2000. Tese (Doutorado em Educação). – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.
- _____; GUIZZO, Bianca S. Erotização dos corpos infantis na sociedade de consumo. *Proposições*. Campinas, v. 14, n.3(42), set./dez. 2003, p. 119-132.
- FISCHER, Rosa M. B. O estatuto pedagógico da mídia: questões de análise. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 59-80, jul./dez. 1997.
- FOUCAULT, Michael. *As palavras e as coisas*. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- _____. *Vigiar e Punir*. 21 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

FRAGA, Alex Branco. *Corpo, identidade e bom-mocismo: cotidiano de uma adolescência bem-comportada*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

GOELLNER, Silvana. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 28-40.

GOLDENBERG, Mirian; RAMOS, Marcelo. A civilização das formas: o corpo como valor. In: GOLDENBERG, Mirian (Org.). *Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 19-40.

GUIZZO, Bianca S., OLIVEIRA, Dora L.; KRZIMINSKY, Clarissa de O. O software QSR NVivo 2.0 na análise qualitativa de dados: ferramentas para pesquisa em ciências humanas e da saúde. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, Porto Alegre, v.1, 2003, p.53-60.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais de nosso tempo. *Educação e Realidade*. Porto Alegre: FAGED/UFRGS, v. 22, n. 2, jul./dez. 1997, p. 15-46.

HEILBORN, Maria Luiza. Sobre Sexualidade, Gênero, Corpo e Juventude. In: BRUSCHINI, Cristina; UNBEHAUM, Sandra (Orgs.). *Gênero, Democracia e Sociedade Brasileira*. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 403-418.

LARROSA, Jorge. *Estudiar*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____; KOHAN, Walter. Apresentação da coleção. In: RANCIÈRE, Jacques. *O mestre ignorante – cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Trad. Lílian do Valle. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da Sexualidade. In: _____ (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 7-34.

_____. Corpo, escola e identidade. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 49-58, jul./dez. 2000.

_____. Currículo, gênero e sexualidade – O “normal”, o “diferente” e o “excêntrica”. In: LOURO, Guacira; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana (Orgs.). *Corpo, gênero e*

sexualidade: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 41-52.

_____. Gênero: questões para a educação. In: BRUSCHINI, Cristina; UNBEHAUM, Sandra (Orgs.). *Gênero, Democracia e Sociedade Brasileira*. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 225-242.

MEYER, Dagmar. As mamas como instituintes da maternidade: uma história do passado? In: MERCADO, Francisco *et al.* (Orgs.) *Paradigmas y diseños de la investigación cualitativa em salud: una antología iberoamericana*. Universidad de Gualalajara/ Centro Universitario de Ciencias de la Salud, 2002

_____. Gênero e Educação: teoria e política. Currículo, gênero e sexualidade – O “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, Guacira; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 9-27.

PLANT, Sadie. *Mulher Digital: o feminino e as novas tecnologias* Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1999.

PRIORE, Mary Del. *Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.

RAMOS, Célia A. Dos grafites às tatuagens/da cidade ao corpo: o imaginário político de jovens partindo de expressões visuais desde os anos 70. *Corpo e Cultura*, São Paulo: Editora da PUC/SP, 2002, p. 115-124.

REGUILLO, Rossana. Las culturas juveniles: um campo de estudio; breve agenda para la discusión . *Revista Brasileira de Educação*, n. 23, p. 103-118, maio/jun./jul./ago. 2003.

SANT'ANNA, Denise. *Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

SANT'ANNA. Descobrir o corpo: uma história sem fim. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 49-58, jul./dez. 2000.

SANTOS, Luís Henrique S. Pedagogias do corpo: representação, identidade e instâncias de produção. In: SILVA, Luiz Heron (Org.). *Século XXI: qual conhecimento? Qual currículo?* Petrópolis: Vozes, 1999, p. 197-179.

_____. *Um olhar caleidoscópico sobre as representações culturais de corpo*. Porto Alegre: UFRGS, 1997. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997.

SCHMIDT, João Pedro. *Juventude e política no Brasil: a socialização política dos jovens na virada do milênio*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2001.

SEFFNER, Fernando. Afinal, quando e como o sexo vira espetáculo? In: RS. Governo do Estado, Secretaria de Estado da Cultura, Casa de Cultura Mário Quintana e APPOA. *Seminários Espetaculares*. Porto Alegre: Corag, 2002.

SEMPRINI, Andrea. *Multiculturalismo*. Bauru: EDUSC, 1999.

SILVA, Ana Márcia Silva. O corpo do mundo: algumas reflexões acerca da expectativa de corpo atual. In: GRANDO, José Carlos (Org.). *A (des)construção do corpo*. Blumenau: Edifurb, 2001, p. 11-33.

SILVA, Tomaz Tadeu. O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

TUCHERMAN, Ieda. *Breve história do corpo e de seus monstros*. Lisboa: Bega, 1999.

VEIGA-NETO, Alfredo. Cultura, culturas e educação. *Revista Brasileira de Educação*, n. 23, p. 5-15, maio/jun./jul./ago. 2003.

VEIGA-NETO. Michel Foucault e os Estudos Culturais. In: COSTA, Marisa V. (Org.) *Estudos Culturais em Educação: mídia, arquitetura, brinquedos, biologia, literatura, cinema...* Porto Alegre: Ed. Universidade, 2000, p. 37-69.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história: Foucault revoluciona a história*. Brasília: Editora da UnB, 1982.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 35-82.

ANEXOS

Anexo 1

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Esta pesquisa tem por objetivo conhecer as opiniões de jovens estudantes, alunos e alunas, sobre o corpo como um espaço de comunicação: estilos, roupas, calçados, enfeites, cabelos, tatuagens, piercings, etc.

O/a participante da pesquisa participará de reuniões com outros/as jovens estudantes de oitava série do Ensino Fundamental, quando serão discutidos/as diversos assuntos que envolvam corpo, gênero e juventude.

Pelo presente Termo de Consentimento, declaro que fui informado/a e esclarecido/a, livre de qualquer forma de constrangimento ou coerção, dos objetivos, da justificativa, dos procedimentos a que serei submetido/a, desconfortos e benefícios da pesquisa.

Fui também informado/a:

1. Da garantia de receber respostas a qualquer pergunta, esclarecimento ou dúvida sobre assuntos relacionados com a pesquisa;
2. Da liberdade de retirar meu consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo, sem que isso me traga nenhum tipo de prejuízo;
3. Da segurança de que não serei identificado/a e que se manterá o caráter confidencial das informações relacionadas com a minha privacidade, assim como da ausência de custos pessoais;
4. De que os encontros serão gravados, depois transcritos e após a pesquisa as gravações serão desfeitas;
5. De que receberei dois vales-transporte correspondentes a cada encontro realizado, a contar de 27 de junho de 2003 até o último encontro da pesquisa;
6. De que receberei lanche para o horário dos intervalos previstos em todos os encontros do grupo.

A pesquisadora responsável por esta pesquisa chama-se Graciema de Fátima da Rosa (celular: 99765949) e sua orientadora de mestrado é a Prof^a. Dr^a Jane Felipe da UFRGS.

Assinatura do/a aluno/a: _____

Assinatura do/a Responsável pelo/a aluno/a: _____

Assinatura da pesquisadora: _____

Canoas, ____ de julho de 2003.

Anexo 2

Descrição do Planejamento dos Grupos Focais (Agendas)

Dia 12 de setembro de 2003 - 1º Encontro com o Grupo Focal
<ul style="list-style-type: none"> • Retomada do encontro anterior, ainda considerado de “aquecimento”, com inserção de outra aluna (JPF5²⁵) que irá participar do Grupo Focal; apresentação da colega mestranda Bianca Salazar Guizzo que auxiliará na tarefa de gravação e transcrição dos encontros; • Reapresentação do projeto de pesquisa; • Comentário a respeito da necessidade de gravação dos encontros e seus objetivos; • Releitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, já mencionado nos encontros de aquecimento, diante da necessidade de consulta a pais, mães e/ou responsáveis pelos/as alunos/as; recebimento do Termo de quem trouxe neste encontro; • Composição de dois grupos, com proposta de que cada grupo componha um/a personagem jovem, masculino ou feminino, e seu corpo em um grande pedaço de papel pardo. • Desenvolvimento da atividade; • Intervalo com lanche; • Retomada da atividade e início da discussão a partir da exposição da produção realizada por cada grupo; • Finalização do encontro.
<p>Neste encontro aspectos sobre como os/as jovens compõem seus corpos, que artes fazem, com quais objetivos, artes que guris fazem, artes que gurias fazem, onde aprendem e quem ensina acerca dessas intervenções, marcas, artes no corpo, estilos de marcar os corpos, foram trabalhados.</p>

²⁵ A sigla JPF5 = Jovem Participante Feminina, acrescida de um número, correspondente à ordem alfabética crescente dos nomes, foi pensada como recurso de preservação dos nomes próprios dos/as alunos/as participantes do Grupo Focal.

Dia 19 de setembro de 2003 – 2º Encontro com o Grupo Focal

- Retomada do encontro anterior, com pontuação das questões trazidas e discutidas pelo grupo sobre o personagem masculino e as intervenções/enfeites no corpo deste; em função dessa revisão, o grupo ampliou as questões que haviam sido levantadas em 12 de setembro, desdobrando-as mais extensivamente;
- Intervalo com lanche;
- Continuidade das discussões e início da apresentação da personagem feminina;
- Finalização do encontro.

Neste encontro aspectos como: Efeitos, “benefícios e/ou prejuízos” das diferentes intervenções/artes no corpo masculino e no feminino, efeitos para guris, efeitos para gurias, estilos e características de cada grupo; quem somos nós, quem são os outros, foram trabalhados.

Dia 26 de setembro de 2003 – 3º Encontro com o Grupo Focal

- Retomada do encontro anterior, com abordagem sobre a questão da gravação, visto que em 19 de setembro houve alguns/algumas alunos/as que demonstraram constrangimento em opinar, em função das falas estarem sendo gravadas; conversamos então sobre o possível mal-estar ou desconforto pela gravação e o grupo, de um modo geral, demonstrou maior descontração, mas ainda assim, houve quem ficasse mais calado/a desde a inserção da gravação nos encontros.
- Atividade proposta: os/as participantes foram divididos/as em dois grupos: um de guris, outro de gurias. Cada grupo recebeu cinco questões, por escrito, para serem lidas, discutidas e posteriormente apresentadas aos demais colegas; a proposição das cinco questões visava uma retomada dos assuntos anteriormente trabalhados com inserção de algumas novas questões, como a opinião de guris sobre as gurias e vice-versa. Também tive como objetivo oportunizar um espaço em que guris e gurias, em separado, pudessem colocar suas opiniões trazendo possíveis marcas de gênero.
- As cinco perguntas para ambos os grupos, foram as seguintes:
 - 1-Se os/as jovens aprendem sobre estilos, roupas e como enfeitar o corpo, através da TV e da mídia, quais os programas, revistas ou reportagens sobre esses assuntos que os guris preferem? E as gurias? Por quê?
 - 2-Vocês disseram que as pessoas fazem esses enfeites no corpo, fazem estilos, para ficarem diferentes, para não ficar todo mundo igual. Mas se todo mundo começa a fazer essas coisas, não fica todo mundo meio parecido? O que vocês acham?
 - 3-Aqui na escola, vocês disseram que os/as jovens costumam fazer seu estilo mais nos modos de vestir, nas roupas. Disseram que têm grupos, cada um com os seus jeitos. Quais são os grupos que vocês conhecem na escola? Como são esses grupos, o que os caracteriza? O que vocês pensam sobre esses grupos? Vocês se sentem dentro de algum/alguns desse/s grupo/s? Há grupos separados de guris e de gurias? Ou são grupos misturados?
 - 4a-O que as gurias acham dos estilos dos guris? O que admiram e o que não gostam?
(pergunta ao grupo feminino)
 - 4b-O que os guris acham dos estilos das gurias? O que admiram e o que não gostam?
(pergunta ao grupo masculino)
 - 5-No encontro anterior vocês falaram em diversos grupos, entre eles o das “patis” e o dos “boyzinhos” que usam roupas de marcas. Quais são as marcas que a maioria dos/as jovens,

gurias e gurias gostaria de usar? Por quê?

- Discussão nos grupos;
- Intervalo com lanche;
- Organização para iniciar as apresentações;
- Apresentação das produções dos dois grupos;
- Os aspectos trabalhados neste encontro estão contidos nas perguntas propostas, as quais foram discutidas e apresentadas por ambos os grupos. A apresentação deu-se de forma oral e também por escrito sendo que os registros estão inseridos na transcrição das falas deste 3º encontro, visto que alguns/algumas preferiram ler suas repostas no decorrer das apresentações;
- Finalização do encontro.

Dia 03 de outubro de 2003 - 4º Encontro com o Grupo Focal

- Escuta das questões que o grupo começou a falar, no início do encontro, ainda sem minha coordenação. Em seguida retomo o trabalho com o grupo, estabelecendo uma conexão com as questões que vinham sendo trabalhadas nos encontros anteriores, como por exemplo, questões como música e dança, associadas ao corpo; questões relacionadas às possíveis dificuldades para encontrar trabalho se o/a jovem apresenta tatuagens ou piercings no corpo; questões do corpo e da sexualidade, do namoro, preconceitos; se na escola alguém trabalha questões do corpo, em que aulas, se professores e professoras; qual o estilo de professores/as que eles/elas preferem, com quem se sentem mais confortáveis nas aulas, quais ênfases têm sido trabalhadas nas aulas, quando estas se referem aos corpos; como reagem gurus e gurias aos conteúdos trabalhados em aulas, quando estes se referem aos corpos masculinos e femininos; que aspectos da sexualidade a escola vem trabalhando com os/as alunos/as? Atitudes/reações dos gurus e das gurias diante das questões de sexualidade trabalhadas nas aulas; heterossexualidade e homossexualidade, o que os/as alunos/as pensam a respeito; preconceitos quanto às sexualidades; quais consideram “normais” e quais entendem como “estranhas”; sexualidade quando fora da “norma”, com é vista?; estilos de roupas inscrevendo a sexualidade; mães que tentam inserir filhos/as na sexualidade tida como “normal”; corpos que estão “dentro” e corpos que estão “fora” do padrão estabelecido hegemonicamente; noção trazida pelo grupo de que homossexualidade, por exemplo, pode estar associada a uma decepção amorosa heterossexual;
- Intervalo com lanche;
- Retomada das discussões;
- Finalização do encontro.

Dia 10 de outubro de 2003 - 5º Encontro com o Grupo Focal

- Retomada do encontro anterior, com proposta de uma outra composição de grupos, sendo dois grupos misturados com guriis e com gurias, sendo que o critério utilizado para a formação dos dois grupos, foi a ordem alfabética em ordem decrescente; neste encontro houve o ingresso de uma outra aluna, a convite de uma colega participante. Havia onze jovens presentes (sete gurias e quatro guriis) à reunião e a distribuição ficou com um grupo de seis e outro com cinco participantes;
 - Atividade proposta: compostos os dois grupos, a tarefa seria ler, discutir e escrever a respeito das questões feitas, para posterior apresentação ao grande grupo; as perguntas propostas foram as Seguintes:
 - 1- O que é ser jovem guri nos dias de hoje?
 - 2- O que é ser jovem guria nos dias de hoje?
 - 3- Quais são as coisas que os demais sujeitos cobram/exigem dos(as) jovens guriis e gurias, em nossos dias?
 - 4- Vantagens e desvantagens de ser jovem guri nos dias de hoje;
 - 5- Vantagens e desvantagens de ser jovem guria nos dias de hoje;
 - Organização dos dois grupos em diferentes lugares na sala e discussão das questões propostas;
 - Intervalo com lanche;
 - Organização para iniciar as apresentações;
- Apresentação das produções dos dois grupos;
- Finalização do encontro.

Questões como: diferenças, semelhanças e aproximações de gênero, entre jovens guriis e gurias na atualidade, foram trabalhadas neste encontro, a partir das apresentações dos grupos. As questões trabalhadas constam na transcrição deste 5º encontro e também no registro feito pelos grupos a respeito das questões.

Dia 17 de outubro de 2003 - 6º Encontro com o Grupo Focal

- Retomada do encontro anterior, trazendo ao grupo as questões que têm sido trabalhadas até então;
- Atividade proposta: que os/as participantes se reunam em dois grupos, um masculino, outro feminino, para discutir e responder duas questões orientadoras:

Questões:

1-O corpo vai à escola: os diferentes jeitos ou estilos de apresentação do corpo jovem, de gurus e de gurias, influenciam no convívio na escola?

2-O corpo como passaporte para o trabalho: os diferentes estilos de apresentação do corpo jovem, de gurus e de gurias, influenciam para a entrada no trabalho?

- Ao terminarem essa discussão, foi proposta outra atividade: que cada grupo ou cada participante do grupo pensasse - a partir das duas questões orientadoras - em alguma maneira, através de desenhos e/ou esquemas, de responder às questões que tinham sido propostas;
- Intervalo com lanche;
- Apresentações, tanto das falas, quanto dos desenhos realizados pelos grupos;
- Encaminhamento para o término dos encontros, proposição de encontro final de confraternização e de avaliação do conjunto do trabalho;
- Combinações acerca do encontro final de confraternização e avaliação;
- Finalização do encontro.

Dia 31 de outubro de 2003 – Encontro de Avaliação e Confraternização

- Boas vindas ao grupo;
- Retomada do percurso do trabalho desenvolvido;
- Organização dos nomes na caixa para o sorteio;
- Apresentação e fala da professora Jane Felipe - Orientadora de Mestrado – que expressou agradecimento ao grupo e à escola pela disponibilidade, participação, interesse e compromisso assumidos com minha pesquisa;
- Sorteio de alguns brindes ao grupo, incluindo camisetas trazidas pela Orientadora;
- Proposta ao grupo de uma breve avaliação;
- Agradecimento;
- Confraternização com doces, salgados e refrigerantes;
- Convite à vice-direção da Escola para participar da confraternização;
- Presença, agradecimento da vice-direção, em nome do grupo e da escola;
- Encerramento dos trabalhos.

Anexo 3

“Mapa de Informações”

Data	1º Encontro (12/09/03)	2º Encontro (19/09/03)	3º Encontro (26/09/03)	4º Encontro (03/10/03)	5º Encontro (10/10/03)	6º Encontro (17/10/03)	Encontro Final (31/10/03)
Agenda	Como jovens compõem seus corpos, que artes fazem, com quais objetivos, artes que guri e que gurias fazem, onde aprendem, quem ensina, marcas, artes nos corpos, estilos.	Efeitos, benefícios e/ou prejuízos das intervenções/ artes nos corpos masculinos e femininos, efeitos para guri, para gurias, estilos, quem somos nós, quem são os outros.	Como se marcam os grupos na escola, o que gurias admiram, ou não, nos estilos masculinos, o que guri admiram, ou não, nos estilos femininos.	Corpos, sexualidades, namoros, preconceitos, corpos que estão “dentro”, corpos que estão “fora”.	O que é ser jovem guri e jovem guria nos dias de hoje, vantagens e desvantagens para ambos.	O corpo vai à escola, o corpo como passaporte para o trabalho.	Avaliação e confraternização.
Jovens	Número de intervenções/falas durante os encontros						
Carolina*	21	08	04
Clarice	06	Ausente	27	49	23	12	20
Francine	25	116	60	61	94	18	21
Juliana	18	Ausente	22	53	23	07	03
Maria Luiza	Presente mas não participou da discussão.	Ausente	Ausente	02	02	Ausente	01
Tamara	Ausente	43	15	Ausente	34	09	03
Úrsula	13	26	19	68	32	07	05
Diogo	42	84	Ausente	21	Ausente	Ausente	Presente somente na confraternização.
Edson	08	11	18	Ausente	16	09	13
Leandro	32	40	73	83	45	11	12
Marcos	02	Presente mas não participou da discussão.	06	03	03	02	02
Sérgio	Ausente	10	01	Ausente	09	Ausente	Presente mas não participou da discussão.
* Ingressou no 5º encontro a convite de sua colega de turma Tamara.							